



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA / PROF-FILO



**SÓCRATES EDUCADOR:
leituras e debates filosóficos com o uso de tecnologias digitais**

Lázaro Santos de Andrade Filho

MANAUS – AM

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA / PROF-FILO

Lázaro Santos de Andrade Filho

**SÓCRATES EDUCADOR:
leituras e debates filosóficos com o uso de tecnologias digitais**

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia/PROF-FILO do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/PPGFILO da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Prática de Ensino de Filosofia.

Orientador: Professor Doutor Nelson Matos de Noronha

MANAUS – AM

2025

Ficha Catalográfica

Elaborada automaticamente de acordo com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

A553s Andrade Filho, Lázaro Santos de
 Sócrates educador: leituras e debates filosóficos com o uso de
 tecnologias digitais / Lázaro Santos de Andrade Filho. - 2025.
 175 f. : il., color. ; 31 cm.

 Orientador(a): Nelson Matos de Noronha.
 Dissertação (mestrado) - Universidade Federal do Amazonas, Programa
 de Pós-Graduação em Filosofia, Manaus, 2025.

 1. Filosofia. 2. "Laques". 3. Platão. 4. Plataformas Digitais. 5. Ensino de
 Filosofia. I. Noronha, Nelson Matos de. II. Universidade Federal do
 Amazonas. Programa de Pós-Graduação em Filosofia. III. Título

LÁZARO SANTOS DE ANDRADE FILHO

SÓCRATES EDUCADOR: leituras e debates filosóficos com o uso de tecnologias digitais

Dissertação apresentada ao Mestrado Profissional em Filosofia/PROF-FILO do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/PPGFILO da Universidade Federal do Amazonas/UFAM como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Orientador: Prof. Dr. Nelson Matos de Noronha.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Nelson Matos de Noronha.
(Presidente)

Profª Dra. Carolina Brandao Gonçalves
(Membro Titular Externo)

Profª Dra. Valcicleia Pereira da Costa
(Membro Interno)

Profª Dra. Meire Botelho
(Membro Suplente Externo)

Prof. Dr. Deodato Ferreira da Costa
(Membro Suplente Externo)

AGRADECIMENTOS

Na nossa vida, encontramos pessoas que nos incentivam, estimulam a vencer e quebrar as barreiras das dificuldades.

Agradeço a cada uma dessas pessoas que passaram nesta jornada acadêmica. Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela inspiração e pelos sinais que Ele apresenta para o meu crescimento profissional e pessoal.

Aos meus pais, que nunca mediram esforços para nos educar, sempre incentivando nos estudos.

À minha esposa Albernice Lana França e ao meu filho André França de Andrade, que sempre estiveram ao meu lado no momento da pesquisa e dos estudos.

À minha irmã Alexandra Nascimento de Andrade, que sempre me incentivou nos estudos; à minha irmã Lusandra Nascimento de Andrade, que sempre me apoiou nas pesquisas; e ao meu irmão Alexandre Nascimento de Andrade, que sempre foi um grande estudioso e um grande exemplo nos estudos da matemática.

Aos meus colegas de turma de mestrado PRO-FILO, que caminharam comigo nesta jornada acadêmica.

Aos professores e técnicos que nos acompanharam neste caminho do programa PRO-FILO: professora doutora Valcicleia Pereira da Costa, professor doutor Deodato Ferreira da Costa, secretário Ricardo Ernesto Cadena Valdes, professor doutor Harald Sá Peixoto Pinheiro, professor doutor Pedro Rodolfo Fernandes da Silva e professor doutor Nelson Matos de Noronha.

E o meu muito obrigado ao professor que me ensinou muito e foi muito mais do que um orientador: professor doutor Nelson Matos de Noronha, pela partilha de conhecimentos, contribuindo com reflexões e textos.

À Universidade Federal do Amazonas (UFAM), por fornecer a estrutura para os estudos nestes dois anos, e à CAPES e à FAPEAM pelo apoio prestado junto aos programas de pós-graduação de mestrado e doutorado.

A vida não é um caminho fácil. É uma travessia repleta de desafios, em que somos chamados, a todo instante, a reafirmar convicções e os sonhos que nos sustentam. Não sabemos de onde viemos, nem para onde vamos, mas, ainda assim, seguimos viagem, enfrentando tempestades e o desconhecido. Buscamos. Estamos sempre em busca de algo que dê sentido às nossas vidas, que nos proporcione alegria e contentamento, ainda que sejam tantos os medos e as incertezas.

Tenório Telles

RESUMO

A dissertação busca demonstrar como a aplicação de técnicas de leitura e interpretação de textos filosóficos em sala de aula com o auxílio de plataformas digitais pode ser usada exitosamente como recurso para o desenvolvimento de aprendizagens de filosofia no Ensino Médio. Quais os elementos educacionais no “Laques” de Platão à luz dos conceitos foucaultianos e do método socrático como uma tecnologia na formação do cidadão? Para responder a este questionamento faz-se necessário identificar os elementos educacionais presentes no diálogo platônico “Laques” à luz dos conceitos foucaultianos de *parresía*, exame e *epimeleia* assim também como a prática educativa socrática que operava como uma tecnologia na formação do cidadão. Interpretar o diálogo “Laques” de Platão através de análise tridimensional (textual/temática/interpretativa) demonstrando que o método socrático articula à *epimeleia heautoû* foucautiana. Promover espaços dialógicos em sala de aula a partir do “Laques” e outros textos como ferramentas nas plataformas digitais. A pesquisa é qualitativa, genealógica, fenomenológica e hermenêutica utilizando como instrumentos a coleta de dados. Mediante a análise estrutural e genética do diálogo “Laques”, de Platão, desenvolveram-se as etapas do trabalho: contextualização, registro documental, exame e recenseamento do texto e consultas aos comentadores para, em seguida, indicarem-se as técnicas utilizadas para a leitura e as atividades interativas presenciais e online em sala de aula. A base empírica da pesquisa foi a experiência pessoal do pesquisador, que por mais de 15 anos, atuou como docente em escolas públicas e privadas no estado de Amazonas. Os resultados foram sintetizados em uma proposta de modelo para a utilização em sala de aula do “Laques” como texto didático, com o auxílio de plataformas digitais, no ensino de filosofia para o Ensino Médio.

Palavras-Chave: Filosofia. “Laques”. Platão. Plataformas digitais. Ensino de filosofia.

ABSTRACT

The dissertation seeks to demonstrate how the application of reading and interpretation techniques for philosophical texts in the classroom, with the aid of Digital Platforms, can be successfully used as a resource for the development of philosophy learning in High School. What are the educational elements in Plato's "Laches" in light of Foucaultian concepts and the Socratic method as a technology in the formation of the citizen? To answer this question, it is necessary to identify the educational elements present in the Platonic dialogue "Laches" in light of the Foucaultian concepts of *parrhesia*, examination, and *epimeleia*, as well as the Socratic educational practice that operated as a technology in the formation of the citizen. Interpret Plato's dialogue "Laches" through a three-dimensional analysis (textual/thematic/interpretative), demonstrating that the Socratic method is linked to the Foucaultian *epimeleia heautou*. Promote dialogical spaces in the classroom based on "Laches" and other texts as tools on digital platforms. The research is qualitative, genealogical, phenomenological, and hermeneutical, using data collection as its instruments. Through the structural and genetic analysis of Plato's dialogue Laches, the stages of the work were developed: contextualization, documentary record, examination and survey of the text, consultations with commentators, and then the indication of the techniques used for reading and interactive in-person and online classroom activities. The empirical basis of the research was the personal experience of the researcher, who for over fifteen years worked as a teacher in public and private schools in the state of Amazonas. The results were synthesized into a proposed model for using Laches as a didactic text in the classroom, with the aid of digital platforms, for teaching philosophy in High School.

Keywords: Philosophy. Laches. Plato. Digital Platforms. Philosophy teaching.

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AC	Antes de Cristo
AVA	Ambiente Virtual de Aprendizagem
BNCC	Base Nacional Comum Curricular
CNPJ	Cadastro Nacional da Pessoa Jurídica
LDB	Lei de Diretrizes e Bases
PDF	Portable Document Format
RCA	Referencial Curricular Amazonense
RFB	Receita Federal do Brasil
TIC	Tecnologias da Informação e da Comunicação
SEDUC	Secretaria de Estado de Educação do Amazonas
SEMED	Secretaria Municipal de Educação

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras do “Laques”	68
Figura 2 – Slides das aulas de filosofia	71
Figura 3 – Questionamentos nos slides	72
Figura 4 – Uso das novas tecnologias na aula de filosofia através do QR code	73
Figura 5 – Foto do texto “Laques” em grego e em português	74
Figura 6 – Quadrinhos com textos	80
Figura 7 – Café filosófico	81
Figura 8 – Criação de jogos na plataforma Wordwall	82
Figura 9 – Mapa conceitual	90

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	8
CAPÍTULO I: SÓCRATES E A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA	13
1.1 O contexto da formação de Sócrates na Grécia antiga	13
1.1.1 Atuação de Sócrates no contexto educacional da Grécia antiga	16
1.2 Estrutura e elementos filosófico-educacionais do diálogo “Laques”.	19
1.3 Sócrates e a arte de moldar almas através das virtudes (<i>aretê</i>)	26
1.4 A <i>parresia</i> , o exame e o cuidado.....	32
CAPÍTULO II: A LEITURA FILOSÓFICA DO “LAQUES” EM SALA DE AULA	35
2.1 Análise Textual	37
2.2 Análise Temática	42
2.3 Análise Interpretativa	45
2.3.1 Sócrates, o homem do Cuidado	46
2.3.2 O Exame na perspectiva de Foucault	49
2.3.3 O “exame de si” em consonância com o “conhece-te a ti mesmo”	57
2.3.4 A Educação Socrática como Prova de Vida e Conhecimento da Alma	58
CAPÍTULO III: A LEITURA DO “LAQUES” EM PLATAFORMAS DIGITAIS.....	60
3.1 Os desafios da produção textual a partir da interpretação e da leitura de textos filosóficos em sala de aula	60
3.2 O <i>elenchos</i> socrático como práxis filosófica	61
3.3 Os <i>Elenchoi</i> (ελεγχοι) no “Laques”	62
3.4 A recepção do “Laques” na sala de aula	66
3.4 O diálogo “Laques” no espaço digital.....	69
3.5 Os planejamentos (arranjos temporais) das atividades	83
3.7 Resultados alcançados.....	84
3.8 Educação e Tecnologia	91
3.9 As tecnologias digitais no ensino de Filosofia.....	93
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	100
REFERÊNCIAS	104
A N E X O e P R O D U T O.....	109

INTRODUÇÃO

Os textos filosóficos são instrumentos pedagógicos muito vantajosos para o ensino de filosofia. O seu uso em sala de aula, combinado com as novas Tecnologias da Informação e da Comunicação (TIC), favorece a formação escolar como um todo, mas também a interpretação e a exegese de textos filosóficos e não filosóficos, concebidas como exercícios indispensáveis para a prática da interdisciplinaridade. Além disso, eles corroboram com a abertura de novos horizontes na vida dos estudantes e dos professores.

Os textos de grandes autores da história da filosofia podem ser explorados segundo diferentes abordagens, com a orientação do professor-leitor (aquele que seleciona textos a serem adotados) aprofundados pelos alunos-leitores que se apropriam de estratégias diferenciadas daquelas adotadas pelos leitores ocasionais ou recreativos que, eventualmente, leem jornais, romances, quadrinhos etc. Assim, diversas nuances poderão se destacar a partir do mergulho e da reflexão nos clássicos da filosofia.

Este é o caso do “Laques”¹, de Platão. Ele nos oferece um potencial para mudar os modos de ver, pensar, se conduzir e falar do sujeito. Ou seja, o texto desencadeia o diálogo, o confronto de diferentes pontos de vista e a possibilidade de transformação do próprio sujeito. Ele oferece ao sujeito em formação a transformação da autonomia consciente e responsável. Por ser aporético, esse diálogo nos conduz a examinar profundamente os conceitos de “coragem” e “sabedoria”. O texto apresenta também possíveis relações com outras virtudes, como a “moderação” e a “justiça”. Os valores apresentados no diálogo despertam curiosidade e o interesse dos estudantes na medida em que se associam aos contextos socioculturais das juventudes contemporâneas, pois este texto confronta temas que dizem respeito à vida dos diversos grupos que constituem estes segmentos sociais. Por essa obra comportar esses aspectos, decidimos tomá-la como um suporte central para o desenvolvimento da pesquisa.

Ao analisarmos, com o auxílio das tecnologias digitais, as técnicas de investigação, argumentação, aprendizagem e formação implicadas na educação filosófica conduzida por Sócrates no “Laques”, os estudantes apresentam interesse pelos trabalhos em sala de aula. O

¹ Para nos referirmos aos títulos dos diálogos de Platão, grafamos os nomes das obras entre aspas, como o “Laques”, ao passo que, quando se tratar dos personagens destes diálogos, grafaremos o nome do sujeito sem aspas, como Laques, por exemplo.

confronto entre a busca socrática da virtude e a instrução proporcionada pela retórica dos sofistas desperta nos estudantes o interesse pelo seu estudo.

Um texto, impresso ou disponibilizado em telas de aplicativos eletrônicos, é o resultado de uma inovação para o desenvolvimento das capacidades humanas. Portanto, em si mesmo, ele comporta uma tecnologia que vem se aperfeiçoando mediante o uso cada vez mais intenso e extenso de suas formas de apresentação.

A leitura em sala de aula tem se mostrado uma estratégia de ensino eficaz para a aquisição e o desenvolvimento das habilidades cognitivas, da memória, da imaginação, da crítica, da criatividade, da sociabilidade, do cálculo, da escrita e da expressão oral. Por isso, não há dúvidas de que trazer para a sala de aula textos filosóficos, de literatura, de jornalismo e de outros gêneros propicia o interesse dos estudantes pelo exercício da interpretação e da exegese.

A leitura filosófica do “Laques” requer um trabalho preliminar de contextualização histórica e de esclarecimento de algumas noções estratégicas para o entendimento de seus aspectos internos e externos. Por isso, antes de dissecar esse famoso diálogo, incursionaremos brevemente pelo estudo da noção de “*Paideia*”². Mas não intentamos recensear todas as questões implicadas nessa noção, pois elas abrangem um campo demasiadamente amplo para os objetivos de uma dissertação de mestrado.

No que concerne à dimensão cognitiva, nosso objetivo é explicitar o uso da ironia e da maiêutica no “Laques”, consideradas como técnicas dotadas de consistência e eficácia para o desenvolvimento da educação em conformidade com a pedagogia socrático-platônica. O esforço para alcançar esse objetivo requer a associação das técnicas de interpretação e de exegese, que são imprescindíveis nas dinâmicas de sala de aula, onde os estudantes utilizam as plataformas educacionais para fazer buscas em aplicativos e sítios eletrônicos, interagir uns com os outros e expressar os modos pelos quais os textos estudados fazem sentido para as suas vidas.

A presente pesquisa surgiu devido às inquietações do autor, professor de filosofia no Ensino Médio que há vários anos observa as dificuldades para ministrar, de forma agradável e diferente, este componente curricular em sala de aula. O interesse pela temática surgiu a partir das aulas de História da Filosofia Antiga e dos textos filosóficos trabalhados nos anos de 2023 e 2024 com os alunos de 1º, 2º e 3º ano do Ensino Médio.

² Este termo é traduzido modernamente por educação, embora seja uma “coisa” grega. Segundo Jaeger não se pode evitar o emprego de palavras como civilização, cultura, tradição, educação ou literatura para dizer o que essa expressão significa. Porém, “nenhuma delas, coincide realmente com o que os Gregos entendiam por Paidéia”, mas teríamos de empregá-los todos de uma só vez (Jaeger, 2010 p. 2).

Nos tempos atuais, observa-se que a centralidade da sala de aula, o uso de metodologias incompatíveis com as culturas juvenis e as escolhas das coordenações pedagógicas das escolas dificultam o trabalho do professor de filosofia. “O contraste entre o exterior e o interior das instituições de ensino expõe um descompasso, um desacerto temporal, entre os avanços tecnológicos vivenciados nas sociedades e o tradicionalismo presente no ambiente escolar” (Marino, 2023, p. 2).

A partir de minha experiência pessoal como docente do Ensino Médio, fiz uma sondagem³ sobre os impactos da presença e do uso dos dispositivos tecnológicos na escola para refletir sobre a sua aplicabilidade nas condições concretas que as escolas públicas de Manaus apresentam no que tange à capacidade desses dispositivos de estimular ou de retrair as crianças e os jovens em relação à sua formação integral, tal como preconizam as políticas públicas no país. Por isso, o problema da pesquisa é: Quais os elementos educacionais no “Laques” de Platão à luz dos conceitos foucaultianos e do método socrático como uma tecnologia na formação do cidadão?

Essa preocupação se estende para o campo da cultura digital na vida dos jovens, sobretudo naqueles aspectos negativos ou positivos que envolvem as relações entre a ciência e a ética. Esses recursos tecnológicos são importantes, mas não são a única forma de trabalhar a filosofia nem outro componente curricular em sala de aula.

Segundo Paulucio (2018, p.13), a competência do leitor contemporâneo vai além da reprodução de uma narrativa ou da compreensão de uma mensagem redigida e guardada para si. Este leitor deve assimilar o texto e proporcionar meios para lhe auxiliar a pacificar os conflitos da sociedade aos quais remete a formação do indivíduo. A autora nos ajuda a pensar sobre a leitura como práxis de uma consciência crítica e construção de uma sociedade com menos conflitos.

A leitura, portanto, é a chave para adquirir o conhecimento, mas também a porta para a ação do conhecimento adquirido.

É notório que a leitura é um importante instrumento para a formação de indivíduos atuantes nos diversos campos de conhecimento em que se encontram. Nesse contexto, ler significa mais do que meramente proferir enunciados, mas sim realizar inferências no mundo por intermédio da ação reflexiva adquirida ao longo do processo. Muito se fala a respeito do desapontamento do hábito da leitura nos estudantes das escolas públicas, mas pouco se tem analisado sobre as reais situações em que ela tem se concretizado nos últimos tempos, uma vez que vários estudantes já se destacaram no cenário brasileiro em virtude do próprio desempenho estudantil (Paulucio, 2018, p. 14).

³ O leitor pode encontrar o Survey nas páginas 143 e 144.

O confronto da vida dos jovens com a leitura interfere na realização de novos sonhos na sociedade e na vida familiar. A reflexão leva à ação e a ação traz de volta a reflexão. De acordo com Paulucio (2018, p. 16), existem novas concepções predominantes em nosso país em relação a cultura, sociedade e política que revelam um novo panorama sobre a juventude. Os jovens propõem novos caminhos para ver, entender e se relacionar com a vida.

A pesquisa detém-se, inicialmente, na análise textual do “Laques”, de Platão, o que não implica somente um resumo expandido, mas uma análise de sua ordem de razões na interpretação de termos filosóficos; no discernimento das posições filosóficas dos interlocutores; na identificação de questões pontuais, como a prática da conversação, a memória da guerra e das relações políticas e culturais entre a pólis; na análise dos indicadores biográficos dos personagens; na análise do tipo de preocupação dos interlocutores com a formação dos jovens; e na comparação entre a educação socrática e a educação sofista.

O segundo momento da pesquisa consiste em análises e reflexões sobre a prática propositiva em sala de aula e o uso das plataformas como instrumentos de apoio nas atividades.

O primeiro capítulo apresenta a educação na Grécia Antiga na figura de Sócrates, levando em conta o contexto e a formação deste filósofo. Este capítulo trata também da estrutura e dos elementos filosóficos-educacionais do “Laques”, à luz do pensamento foucaultiano no estudo do diálogo platônico: a *παρρησία* (*parresía*: franqueza examinatória), a *τρόπος δοκιμής και εξέτασης* (*tropos dokimés kai exétasis*: testar e examinar – prática do exame e da prova da alma⁴) e a *ἐπιμέλεια* (*epimeleia*: o cuidado).⁵

Assim, revisamos o sentido da prática da *parresía* (*παρρησία*) como conceito fundamental, na educação socrática, para compreender a função pedagógica da coragem de falar a verdade, de encorajar seus interlocutores a questionar suas próprias crenças e a buscar o conhecimento de forma honesta e destemida. A *parresía* socrática continua a ser um tema relevante nos debates contemporâneos sobre liberdade de expressão, ética no diálogo e compromisso com a verdade.

O segundo capítulo traz a leitura filosófica do “Laques” para a sala de aula, fazendo as análises textual, temática e interpretativa à luz do pensamento de Foucault sobre o “cuidado de si” e o “exame de si”, em consonância com o “conhece-te a ti mesmo” e a educação socrática como prova de vida e conhecimento da alma.

⁴ Ver Foucault, 2006, p. 108.

⁵ Cf. Foucault, 1984, pp. 103 – 121

A análise textual visa examinar a estrutura formal do texto, como vocabulário, sintaxe, coesão, coerência e aspectos linguísticos. Ela tem como foco a organização das palavras e frases, isto é, ela serve para entender como o texto é construído. A análise temática tem como objetivo identificar e interpretar temas (padrões e significados) no conteúdo de um texto ou de um conjunto de dados qualitativos. Esta análise tem como foco a extração de ideias centrais e secundárias. Ela busca também por repetições e contrastes nos discursos.

A análise interpretativa consiste na busca de significados implícitos, contextos culturais, intenções do autor ou relações de poder. O foco desta análise é uma interpretação crítica (análise do discurso, hermenêutica) que busca as subjetividades e perspectivas dos interlocutores.

O último capítulo trata sobre o uso de plataformas digitais em sala de aula a partir da leitura de “Laques”, de Platão, com destaque para os *elenchos* como prática filosófica que visa questionar e debater à luz do método de Sócrates, buscando o diálogo e a autorreflexão. Este apresenta uma abordagem preliminar sobre a tese de que educação e tecnologia sempre caminharam juntas nas atividades humanas para, em seguida, refletir sobre o fato de que as nossas leis educacionais demonstram esta relação quando apresentam o diálogo entre tecnologia e educação. Assim, cogitamos que as tecnologias digitais no ensino de filosofia podem estimular o desenvolvimento das capacidades cognitivas, criativas, estéticas, de socialização e de autoconhecimento.

Os resultados aqui apresentados decorrem de análises e reflexões sobre a aplicação de dinâmicas de leitura em uma escola pública da periferia de Manaus, onde os estudantes tiveram oportunidades de acesso a um ensino inovador que potencializa a cultura tecnológica na escola, a despeito da precariedade econômica e social das comunidades locais.

CAPÍTULO I

SÓCRATES E A QUESTÃO DA EDUCAÇÃO NA GRÉCIA ANTIGA

1.1 O contexto da formação de Sócrates na Grécia antiga

As investigações sobre a vida e a história de Sócrates ainda não esclareceram todas as questões que pairam sobre esse personagem. O que dele sabemos aparece nas obras de seus discípulos Platão e Xenofonte. O filósofo não deixou nenhum texto escrito e, no entanto, teve vários seguidores ao longo de sua jornada neste mundo e na posteridade.

Sócrates nasceu em Atenas, por volta de 470/469 a. C., e viveu durante um período crucial da história da Grécia, conhecido como “O Século de Péricles”. Ele foi filho de Sofronisco, escultor, e de Fenáreta, parteira (Cf. Padovani; Castagnola, 1978, p. 110). Mesmo sem deixar escritos, confiou o seu saber aos discípulos mediante o diálogo, na dimensão da pura oralidade (Cf. Reale, 2003, p. 91).

A maior parte daquilo que conhecemos de seu pensamento e de seu modo de vida vem dos escritos de seu discípulo e amigo, nos quais se evidencia a admiração de Platão pela maneira socrática de abordar temas da educação ateniense nos ambientes públicos e privados, bem como pela conduta de Sócrates diante de situações políticas na guerra, no governo e na sociedade. Platão foi contemporâneo de Sócrates, embora fosse bastante jovem quando ocorreu o julgamento desse grande personagem da história da civilização ocidental⁶.

As manifestações de apreço são a base para dizermos que Platão foi discípulo de Sócrates, pois essas manifestações mostram que Platão seguia, em seus escritos e em sua própria conduta, ensinamentos que ele acreditava terem sido preconizados por Sócrates. Entretanto, muitos detalhes da vida de seu mestre estão sujeitos a interpretações.

Observa-se que o pai de Sócrates foi um homem distinto perante os cidadãos de Atenas. De alguma forma, não se pode deixar despercebido o esforço de Platão para exaltar a figura de seu mestre pela boca de Lisímaco (Platão, [181a]). Segundo o historiador e professor de filosofia antiga W. K. C. Guthrie (1990, p. 362), “Sofronisco parece que foi um cidadão respeitado, que podia andar com a cabeça bem alta em companhia de qualquer um, já que Platão faz com que Lisímaco, filho de Aristides, fale dele como de um amigo de toda a vida, a quem teria na maior estima”.

⁶ É por isso que Sócrates é comparado com a figura de Jesus Cristo, pois os dois não escreveram nada durante a vida aqui na terra. Quem escreveu sobre ele e sobre as suas falas foram os seus discípulos.

Segundo Warburton (2012, p. 2), Sócrates foi um bravo soldado, na juventude, que lutou na Guerra do Peloponeso contra os espartanos e seus aliados. De acordo com o filme de Roberto Rossellini (1971)⁷, Sócrates era homem de meia-idade, perambulava pela Ágora, parava as pessoas de tempos em tempos e lhes fazia perguntas embaraçosas e afiadíssimas, isto é, interrogações com aparência de perguntas simples, mas que exigiam raciocínios complexos para sua resolução. O que o fazia tão sábio perante os seus contemporâneos era o fato de continuar fazendo perguntas e estar sempre disposto a debater suas ideias.

A relação entre a escrita e a oralidade é uma questão controversa na história da filosofia. Sócrates narra que Toth (deus no mito ou lenda), divindade associada à sabedoria e à escrita, oferece a sua invenção (a escrita) como um presente ao rei do Egito (Thamus). Contudo, Thamus critica a escrita, ela enfraqueceria a memória e criaria uma falsa aparência da sabedoria, pois as pessoas iriam confiar em registros externos em vez de cultivar o conhecimento verdadeiro dentro da alma.

Oh, Thoth, mestre incomparável, uma coisa é inventar uma arte, outra julgar os benefícios ou prejuízos que dela advirão para os outros! Tu, neste momento e como inventor da escrita, esperas dela, e com entusiasmo, todo o contrário do que ela pode vir a fazer! Ela tornará os homens mais esquecidos, pois que, sabendo escrever, deixarão de exercitar a memória, confiando apenas nas escrituras, e só se lembrarão de um assunto por força de motivos exteriores, por meio de sinais e não de assuntos em si mesmos. Por isso, não inventaste um remédio para a memória, mas sim para a rememoração. Quanto à transmissão do ensino, transmites aos teus alunos, não a sabedoria em si mesma mas apenas uma aparência de sabedoria, pois passarão a receber uma grande soma de informações sem a respectiva educação! Hão de parecer homens de saber, embora não passem de ignorantes em muitas matérias e tornar-se-ão, por consequência, sábios imaginários, em vez de sábios verdadeiros (Platão, 2000, p. 121, [274e -275b]).

A escrita tornaria os egípcios mais sábios (remédio para a memória) e capazes de lembrar, na opinião de Toth. A resposta de Thamus é contundente ao dizer que esta invenção trará esquecimento às almas, pois elas deixarão de exercitar a memória, confiando nos caracteres escritos. E, ainda de acordo com Sócrates, as palavras escritas não podem replicar e não podem nos explicar nada quando não as entendemos.

Portanto, Sócrates acreditava que a conversa frente a frente era muito mais eficiente do que os discursos escritos. Durante uma conversa, podemos levar em conta o tipo de pessoa com quem conversamos e podemos alterar o que dizemos para que a mensagem seja compreendida. Como Sócrates se recusou a escrever, o seu pupilo Platão registrou uma série de conversas entre

⁷ O filme “Sócrates” foi dirigido por Roberto Rossellini (1971), adaptado a partir de vários diálogos de Platão, como: Apologia de Sócrates, Críton e Fédon. Estes diálogos narram eventos históricos da última fase da vida de Sócrates.

ele e seus interlocutores. “Nos diálogos de Platão, no entanto, Sócrates ainda vive. Esse homem difícil, que continuou fazendo perguntas e preferiu morrer a parar de pensar sobre como as coisas realmente são, tem sido uma inspiração para os filósofos desde àquela época” (Warbuton, 2012, p. 5).

A ironia socrática tem a ver com questionamentos e com o reconhecimento da multiplicidade de opiniões, o que levaria à consciência de suas contradições. A finalidade deste método seria esclarecer quão vagos são, muitas vezes, os argumentos, pela constatação de que a única coisa que se sabe é de que nada se sabe.

Segundo Abbagnano (2007, p. 585), a ironia socrática sobre a justiça consiste em estimular uma reflexão profunda como ferramenta da dialética e para a elevação dos interlocutores por meio da refutação em vários assuntos. Este pensamento é uma referência à afirmação de Cícero sobre o filósofo da ironia: “Sócrates desce do céu da filosofia e instala-a nas cidades e nas moradas dos homens” (Jaeger, 1995, p. 519). A instalação do filósofo na morada dos homens contribui para o confronto de consciências na busca e na construção da verdade filosófica.

A maiêutica acontece por meio do debate e do diálogo, nos quais se processa o conhecimento a partir do desenvolvimento das ideias. É neste sentido que este procedimento é considerado, analogamente ao ofício das parteiras (maiêutica), como a arte de fazer as ideias virem à tona e/ou a de trazê-las à luz.

Sócrates se dedicou à filosofia e iniciou o ensino dos jovens de Atenas, contudo não fundou nenhuma escola formal. Segundo Padovani (1978), Sócrates arranhou vários inimigos entre os políticos e sofistas, pois estes viam o método dele como uma ameaça para o *status quo* da educação tradicional. Contudo, o filósofo nega a acusação, na “Apologia”, em relação às crenças tradicionais e aos deuses gregos. No ano de 399 a. C., Sócrates foi julgado pela acusação de corrupção da juventude e de falta de fé nos deuses da cidade.

As acusações foram movidas por Melitos, Anito e Licon. Apesar de sua habilidade no discurso e na argumentação em sua defesa, ele foi declarado culpado e condenado a beber cicuta, um veneno da época. Ele aceitou a sentença de morte com calma, deixando de lado a oportunidade de fugir da cidade para viver em exílio. Morreu aos 71 anos de idade, enfrentando serenamente a morte (Cf. Padovani; Castagnola, 1978, p. 111).

A figura de Sócrates consolidou-se como pilar fundador do pensamento ocidental, cujo método e ideias transcendem sua época, exercendo influência perene, especialmente entre seus discípulos. Seu legado, contudo, circunscreve-se prioritariamente aos domínios da gnosiologia (teoria do conhecimento) e da ética. Através dos diálogos platônicos e das obras de filósofos

socráticos posteriores, a filosofia e a sabedoria convergiram em uma busca coletiva pela verdade, legado que permanece a inspirar gerações.

Esses pensadores adotam a maiêutica não apenas como ferramenta filosófica, mas como princípio pedagógico: o conhecimento verdadeiro (ou ciência) emerge pela razão crítica, não pela imposição dogmática. Nesse processo, cabe ao mestre facilitar o desvelamento das verdades latentes na mente do discípulo, reconhecendo a razão como faculdade imanente e universal, ou seja, um "parto do espírito" que transforma a reflexão em autodescoberta (Cf. Padovani; Castagnola, 1978, p. 112).

O método socrático provoca o questionamento dos valores e práticas instituídas na *pólis*. Ao atribuir à alma uma superioridade hierárquica em relação ao corpo, ele faz da *ἀρετή* (*areté*, virtude, excelência), o valor supremo a ser perseguido pelo homem grego. Segundo Reale (2003, p. 75), a *areté* tem a ver com a consciência e a inteligência que estão interligadas com a ciência e o conhecimento como essência da alma humana. Para um estudo minucioso da prática propositiva desta pesquisa, faz-se necessário examinar a palavra “virtude” (*areté*). Ela rege a maior parte das nossas ações educativas dentro e fora da sala de aula.

Segundo Christian Schäfer (2012, p. 320), este vocábulo tem um campo semântico amplo que não está ligado somente à ética, mas principalmente aos campos da ontologia, da psicologia e da epistemologia, com o significado de excelência, aptidão, eficiência e perfeição.

1.1.1 Atuação de Sócrates no contexto educacional da Grécia antiga

Na formação do homem grego, Sócrates é considerado um marco e um fenômeno pedagógico da história no Ocidente. A grandeza deste pensamento sistemático se deve ao seu discípulo Platão, que constrói diálogos a partir da sabedoria de seu mestre (Cf. Reale, 2003, p. 109).

De acordo com Padovani, a *παιδεία*⁸ (*paideia*, educação) socrática consiste numa perspectiva platônica da *ἀρετή* (*areté*, virtude, excelência moral) a partir das virtudes valorizadas na *pólis*. É um modelo educacional que enfatiza o diálogo. Refletir sobre uma filosofia da educação a partir da ontologia de Platão implica buscar os princípios de um projeto de *παιδεία* levando em conta os elementos da *ψυχή* (*psyché*, alma) e da *ἐπιστήμη* (*episteme*, ciência) como arte do ensino para a guerra e para o governo, para o aperfeiçoamento da alma e a busca do conhecimento de si mesmo, como vemos no texto de “Laques”.

⁸ As palavras grafadas em grego fazem parte da pesquisa deste texto e uma opção do autor em colocar na língua materna.

O ápice da sabedoria está no famoso lema “conhece-te a ti mesmo!”, que recomenda aos homens almejar a ciência e o conhecimento através da virtude. A voz interior do mestre (gênio ou demônio) transforma a ignorância em conhecimento pela profundidade do diálogo (Cf. Padovani; Castagnola, 1978, p. 111).

Segundo Giovanni Reale (2023, pp. 178-180), a *αρετή* (*areté*, virtude) platônica comporta uma questão ética e moral da pólis. Isto significa que, na educação e na formação, as virtudes afetam a vida do homem grego como fator primordial da potência e da capacidade de colocar em prática diversas habilidades e/ou disposições racionais e espirituais.

A questão da virtude, como um problema histórico com o qual os gregos se depararam no processo de formação de sua cultura, tem grande relevância para a reflexão filosófica, pois abrange aspectos filosóficos, teológicos e históricos, uma vez que, para Platão, a virtude é determinada pela diversidade das funções que devem ser cumpridas pela alma ou pelo homem no Estado (Cf. Reale, 2003, 178-180).

A *ψυχή* (*psiché*, alma), na Paideia, diz respeito ao conceito de alma. Segundo Abbagnano (2007), a alma se move por si. “Com efeito, todos os corpos movidos por um agente exterior são inanimados, enquanto o corpo movido de dentro é animado, pois que ele é o movimento e a natureza da alma” (Abbagnano, 2007, p. 27-28).

Conforme Padovani (1978, 118), a *psyché* platônica possui imortalidade, já que a vida constitui a sua própria essência. As determinações da alma em Platão servem de base para todas as considerações ulteriores, pois ele faz uma nítida distinção entre a realidade da alma simples, incorpórea, que se move por si, que vive e dá vida, e a realidade corpórea, que tem caracteres opostos.

Segundo Padovani (1978, p. 122), a ideia do Bem subsiste no pensamento religioso e na arte como loucura divina de Platão. O culto religioso sempre esteve entre as preocupações da ciência. Ao longo dos tempos, ela fez vários estudos sobre o tema do cuidado da alma, elemento intrínseco que move e reside no corpo humano. Não é à toa que a palavra “alma” vem do latim e significa entusiasmo, excitação, animação. A sabedoria requer uma animação dentro de nosso receptáculo para produzir e expressar o conhecimento das coisas que estão presentes na natureza e na realidade.

De acordo com Padovani (1978, p. 116), a *επιστήμη* (*episteme*, ciência) ou gnosiologia é a realidade das coisas do mundo externo, trabalhada de forma sistemática, mediante um movimento pelo qual a consciência do sujeito deve sair de si, apreender o objeto e construir o conhecimento. A filosofia, portanto, tem finalidade moral e prática porque ela aprofunda e reflete sobre as diferentes culturas onde residem as normas e as leis para cada tempo e lugar.

A *ἐπιστήμη* (*episteme*, ciência) platônica tem a ver com o aperfeiçoamento da *ψυχή* (*psiché*, alma). Na Paideia grega, a busca pela sabedoria se faz presente no método dialético e especulativo através dos diálogos de Sócrates com alguns interlocutores. O conhecimento empírico, sensível, da opinião do vulgo e dos sofistas, é ponto de partida para se chegar ao conhecimento intelectual, conceptual, universal e imutável (Cf. Padovani; Castagnola, 1978, p. 116).

O método socrático da maiêutica tem um enfoque pedagógico e filosófico que se caracteriza pela ênfase no questionamento, no diálogo e na busca da verdade por meio do pensamento crítico e da autorreflexão. A diferença da pedagogia socrática em relação aos outros métodos de ensino da época era que o ensino grego se centralizava na transmissão de conhecimento por parte do educador a seus alunos.

Já a educação socrática partia do autodescobrimento, tentando chegar a um conhecimento verdadeiro que residia em cada indivíduo. O papel do educador não era ensinar fatos e teorias, mas guiar os alunos para descobrirem a verdade em si mesmo. Este processo educacional se baseava numa série de diálogos e perguntas entre o filósofo e seus interlocutores, num ambiente de respeito e sinceridade, no qual Sócrates desafiava as opiniões e as crenças de seus estudantes.

Ele buscava, nas incoerências e contradições de seus alunos, respostas mais fundamentadas, motivando-os com perguntas desafiadoras. Na “Apologia de Sócrates”, Platão faz questão de inserir referências à maiêutica:

Mais sábio do que esse homem eu sou; é bem provável que nenhum de nós saiba nada de bom, mas ele supõe saber alguma coisa e não sabe, enquanto eu, se não sei, tampouco suponho saber. Parece que sou um nadinha mais sábio que ele exatamente em não supor que saiba o que não sei... O mais sábio dentre vós, homens, é quem, como Sócrates, compreendeu que sua sabedoria é verdadeiramente desprovida do mínimo valor. (Platão, 1987, p. 9-10).

O objetivo desta metodologia era levar o indivíduo a ter uma consciência de si mesmo e do mundo ao seu redor. Sócrates acreditava que a sabedoria começa com o reconhecimento da própria ignorância e que, pelo exame e pela investigação de nossas crenças, podemos alcançar uma compreensão mais acurada da realidade.

O conceito de “maiêutica”, na educação socrática, tem origem no trabalho que a mãe de Sócrates fazia, que era o parto das crianças, auxiliando, nesta tarefa, as mulheres que estavam grávidas. Da mesma maneira que uma parteira ajuda a mulher a dar à luz, fisicamente, uma criança, Sócrates sentia que seu papel como educador era o de um “parteiro da alma”, participando do processo de dar à luz o conhecimento que já existia na mente de seus alunos.

“Não pode ser nem uma, nem outra, mas devemos tentar que Teeteto, através da maiêutica, dê à luz o que tem dentro acerca do saber” (Platão, *Teeteto*, 2015 [184a e b]).

No “Teeteto”, de Platão, Sócrates compara os seus ensinamentos à arte da parteira, isto é, dar à luz os conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos. “A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto” (Platão, 2015, p. 30). A educação filosófica do jovem Teeteto tem a finalidade de colocar em prática o método de fazer vir à luz as ideias no diálogo platônico⁹.

Por meio de seus diálogos, Sócrates não pretendia dar respostas prontas e definitivas, entretanto, ele desejava fomentar um pensamento crítico e autorreflexivo em seus discípulos. Embora esta estratégia deixasse os seus interlocutores em estado de perplexidade, o objetivo era desenvolver uma maior humildade intelectual. No “coração” do texto, “Teeteto” (148e-152a) combina com a forma da música, que tem as partes do prelúdio (início da peça musical), interlúdio (solo no meio da peça) e pós-lúdio (finalização das notas musicais). Por isso chamo de “coração” do texto: por ele apresentar a maiêutica à anamnese, onde Teeteto apresenta conclusões e as defende de forma analítica (Cf. Platão, *Teeteto*, 2015, p. 55)¹⁰.

Destarte, Sócrates inspirou significativamente o pensamento de seus discípulos, como Platão, que buscou sistematizar a doutrina socrática em seus diálogos filosóficos. A tradição do diálogo socrático e a busca da verdade pelo questionamento crítico continuarão exercendo uma influência duradoura na filosofia ocidental e nos enfoques pedagógicos, pois o pensamento como aporia revela a busca inesgotável da sabedoria ao longo da história.

1.2 Estrutura e elementos filosófico-educacionais do diálogo “Laques”.

Para estudar a origem e a técnica deste diálogo, podemos nos apoiar nas questões levantadas pelo filósofo Charles Kahn.

Por que Platão escreveu diálogos? Podemos tornar essa questão um pouco menos formidável focando em um único caso, o Laques. Por que Platão escreveu esse pequeno diálogo em que Sócrates discute educação e coragem com dois generais? A questão mais específica parece mais tratável, assim como no próprio diálogo Sócrates se oferece para simplificar uma investigação sobre a virtude em geral, limitando-a a uma única parte, a saber, a coragem. Mas assim como no diálogo a tentativa de Nícias de definir a parte acaba envolvendo uma definição disfarçada do todo, então qualquer

⁹ O método socrático pode ter motivos pedagógicos. Esta concepção corresponde evidentemente à prática da maiêutica, descrita entre 149a e 151d.

¹⁰ A finalidade do diálogo deste diálogo não é fazer com que o jovem Teeteto memorize a forma de saber, e sim levá-lo a propor conhecimentos próprios, instigado pelo debate com Sócrates.

esforço sério para responder à questão "por que Platão escreveu o *Laques*?" pressupõe alguma resposta à questão mais geral de por que ele escolheu a forma de diálogo em primeiro lugar, como o veículo literário para sua filosofia. (Kahn, 1986, p. 7, tradução nossa)¹¹.

Kahn inicia a sua reflexão enfatizando a lacuna histórica entre a data em que Platão escreveu o diálogo e o período em que se deu o encontro dos personagens no qual a conversa, supostamente, teve lugar. Isso enseja sua curiosidade a propósito dos motivos de Platão para trazer à vida estes personagens. Teria sido a nostalgia da juventude e a memória viva de Sócrates? Além dessas questões de cronologia, o Professor Charles H. Kahn entende que outras perguntas podem surgir em relação ao pequeno diálogo de Platão.

Por que ele inventou este texto? Ao invés de Sócrates, não seria o próprio Platão quem estaria se dirigindo aos seus contemporâneos para perguntar: 'Como os pais treinam os filhos na virtude? Que tipo de treinamento os filhos devem seguir?' Platão poderia não estar dizendo para estes personagens estudarem filosofia com Sócrates, mas sim, para eles estudarem com o próprio Platão? (Cf. Kahn, 1986, p. 8-10).

Deste modo, numa perspectiva platônica, há um projeto literário diante de uma série de diálogos voltados para a educação ético-política e para a natureza da virtude. Segundo Kahn, "*Laques*" parece ser uma introdução a todos eles.

No caso específico, a escolha de dois generais como interlocutores é significativa, pois sugere que Platão estava interessado em explorar a relação entre a filosofia e a liderança militar. Ao dialogar com comandantes militares experientes, Sócrates pode desafiar suas suposições sobre a coragem e explorar as implicações mais amplas da educação para o desenvolvimento de cidadãos virtuosos.

Além disso, a escolha de Platão pela forma de diálogo para a elaboração de suas obras filosóficas é deliberada e estratégica. Ela permite que ele apresente o método socrático, desenvolva personagens complexos, crie tensão dramática, forneça o contexto histórico e demonstre suas habilidades literárias. O "*Laques*" apresenta um contexto específico que ilumina ainda mais os motivos por trás dessa escolha, pois explora a relação entre liderança militar e filosofia como disciplina voltada para a formação dos jovens nos domínios das virtudes da coragem e da responsabilidade.

¹¹ *Why did Plato write dialogues? We can make this question slightly less formidable by focusing upon a single case, the Laques. Why did Plato write this little dialogue in which Socrates discusses education and courage with two generals? The more specific question seems more manageable, just as in the dialogue itself Socrates offers to simplify an inquiry into virtue in general by limiting it to a single part, namely courage. But just as in the dialogue Nicias' attempt to define the part turns out to involve a covert definition of the whole, so any serious effort to answer the question "why did Plato write the Laques?" will presuppose some reply to the more general question why he chose the dialogue form in the first place, as the literary vehicle for his philosophy (Kahn, 1986, p. 7).*

No início do “Laques”, Platão coloca em cena por meio de seus personagens o assunto da educação e da negligência dos pais que não se preocupam com os filhos. Lisímaco e Melésias, preocupados com a educação de seus filhos, convidam dois generais e Sócrates como principal interlocutor a assistirem à exibição de um mestre de esgrima, cujos exercícios atraem a multidão. Eles acreditam que estas autoridades poderão lhes prestar esclarecimentos sobre a utilidade da arte das armas para a educação dos jovens.

A cena se passa em um ginásio, local em que os homens de Atenas costumam se reunir. Estando ali, Sócrates é convidado a participar dessa conversa, pois ele tem o hábito de interferir nos colóquios que seus concidadãos realizam com frequência nos espaços públicos ou nas casas dos amigos. Melésias e Lisímaco são de estirpe ilustre. No entanto, eles reclamam de não terem recebido de seus pais uma educação adequada às suas aspirações políticas. Daí vem a resolução de poupar os seus filhos de uma inconveniência semelhante.

O “Laques”, de Platão, além de discutir sobre a questão moral, tem como ponto central a natureza da coragem, isto é, uma das virtudes fundamentais na sociedade grega. O diálogo adquire sua força dramática pelas várias referências que faz ao contexto no qual os personagens se encontram e aquele em que os contemporâneos de Platão farão a recepção de seu texto: a Guerra do Peloponeso, o declínio da democracia, a proliferação de escolas de retórica e filosofia e o surgimento de uma nova configuração política com os impérios e os tiranos de Siracusa, Macedônia e Roma.

É a partir desta realidade que se torna significativa uma conversa entre Sócrates e dois generais atenienses, Laques e Nícias, dois homens preocupados com a educação de seus filhos e a escolha de um bom professor. Lisímaco e Melésias buscam garantir o crescimento dos filhos como cidadãos virtuosos e corajosos.

Sócrates foi convidado a dar sua opinião sobre a melhor maneira de educar os jovens. As perguntas e as reflexões dos personagens exprimem e fornecem vários temas que podem ajudar nas atividades da docência: qual é o melhor professor para a educação de nossos filhos/rapazes?

A fama de Nícias se tornou conhecida pelas histórias narradas por Tucídides e outros historiadores que o seguiram. Segundo Croiset (1921, pp. 85-86), o general foi escolhido para liderar a expedição à Siracusa, contra a qual ele havia votado na Assembleia. Croiset observa que, após a morte de Péricles, Nícias se tornou o líder com o maior prestígio junto aos seus concidadãos, talvez por sua riqueza, sua generosidade e o devotamento à pátria. Tais virtudes também suscitaram a admiração de Tucídides, segundo Croiset, mas não impediram o ilustre historiador de censurar a superstição devido à qual Nícias adiou o movimento de retirada de suas tropas, uma decisão que propiciou a vitória dos siracusanos e a morte do general.

Por que o general Laques é menos célebre do que o general Nícias? Isso teria relação com o fato de não ter influência na política e ser apenas um soldado por vocação? Apesar de sua reconhecida competência militar atestada por Tucídides, Laques ocupa um lugar secundário na memória histórica em comparação a Nícias. Embora Tucídides o apresente como um bom general na Guerra do Peloponeso, Laques não tem origem nobre, por não se mencionar os seus antepassados.

A notoriedade histórica, portanto, não se media apenas pela bravura militar, mas pela capacidade de atuar nos mecanismos de poder da democracia ateniense. O general Laques, embora não tenha instrução da retórica política, evidencia sua eloquência e sua influência institucional, como observamos no texto de Platão, ao discutir e dialogar com Sócrates e Nícias.

Alfred Croiset (1921, p. 86) explica que o diálogo é simples e harmonioso. Sua composição consiste no confronto de duas opiniões diametralmente opostas: uma sustentada por Nícias e outra defendida por Laques. Na ocasião, Sócrates é apresentado de maneira muito viva. Na opinião de Nícias, o estudo das armas é benéfico para a educação dos jovens, ao passo que Laques tem a convicção de que esta é uma ideia ridícula.

A discussão gira em torno do tema da coragem. A discordância entre os dois oradores leva, contudo, à necessidade de se apresentar a definição de coragem, como Sócrates propõe ao ser convidado a atuar como juiz para decidir quem, entre os dois contendores, detém a verdade.

Segundo Croiset, os antigos ligavam este diálogo ao gênero maiêutico. Entretanto, o próprio Croiset entende que o “Laques” pertence ao conjunto dos diálogos metódicos. Como o “Cármides”, “Laques” é um diálogo da juventude de Platão. (Cf. Croiset, 1921, pp. 85-87). Deste modo, ele indica que o cuidado com a família tem grande relevância na sociedade grega do século IV a. C., mas também na sociedade atual. A palavra “franqueza”, que aparece no início do diálogo, denota um aspecto ético que diz respeito à honestidade e à veracidade para com a família.

O problema em questão é a educação dos filhos. A educação dos filhos na sociedade atual é um grande desafio, assim também como na época dos povos antigos. O “Laques” de Platão é um recurso literário estratégico que dá ao leitor a ilusão de que ele está lendo a narrativa de fatos que lhe são contemporâneos, embora o autor esteja se reportando a acontecimentos que ocorreram muitas décadas antes da redação do diálogo.

Esse artifício é importante como um recurso para induzir o leitor a tomar as questões discutidas como problemas que fazem sentido para a sua experiência na atualidade.

Precisareis ouvir, Nícias e Laques, os motivos dessa nossa resolução, embora com o risco de nos tornarmos um tanto prolixos. Eu e o nosso Melésias temos a mesa em comum; nossos filhos comem conosco. Como disse no começo, vamos usar de toda

franqueza. Costumamos conversar com os rapazes a respeito dos grandes e numerosos feitos de nossos pais, assim na paz, como na guerra, tanto na administração da cidade como quando se achavam à frente dos nossos aliados (Platão, 2015, p. 39 [180b]).

Os modelos educacionais, na educação tradicional grega, giravam em torno da formação do caráter e das virtudes. A negligência dos pais, no “Laques”, traz à tona uma reflexão sobre a educação familiar no passado. Os tempos mudaram: as famílias não têm mais tempo para se reunir e se sentar à mesa com os filhos para tratar de assuntos importantes. Assim também, na contemporaneidade, com a entrada da televisão e da internet nas casas, a educação familiar toma uma outra direção. Os valores tradicionais são deixados de lado.

No livro de Platão, as histórias e ensinamentos que os pais transmitem já não têm mais espaço nas conversas entre as pessoas que habitam o mesmo lar. A falta de cuidado dos pais para com os filhos compromete os aspectos da política, da educação e da ética dentro de uma determinada cultura (Cf. Platão, 2015, p. 39 [179c]). O “Laques” adota um estilo dialógico e uma estrutura narrativa enfatizando o uso da ironia e da maiêutica. A ironia socrática é uma estratégia utilizada por Platão para desafiar as opiniões convencionais e instigar a reflexão crítica.

No intento de responder à questão sobre quais são as qualidades que alguém deve possuir para conduzir a educação dos jovens, os interlocutores do “Laques” se dão conta de que, para encontrar a resposta correta para essa pergunta, precisam, preliminarmente, definir a natureza da coragem e a da sabedoria.

Assim, examinam exaustivamente diferentes concepções sobre a coragem, destacando as implicações éticas de cada uma das visões apresentadas por eles. A sabedoria, por sua vez, é ali explorada na sua relação com a coragem. Neste particular, Platão utiliza a ironia e a maiêutica para, seguindo o exemplo de seu mestre, problematizar duas noções pelas quais Sócrates procura definir a sua atividade pública como uma prática diferente daquela exercida pelos sofistas: por associar a *sophía* à *areté*, a filosofia não se apresenta como retórica, mas como busca incansável pela verdade. A atitude dos sofistas consistia no uso da retórica e da oratória, com fins lucrativos, no ensinamento de seus alunos.

Sócrates alega que a virtude não é uma questão de ter coragem ou de ser capaz de fazer coisas difíceis, mas também envolve conhecimento e sabedoria. O filósofo da maiêutica discute a importância da educação na formação da virtude, e argumenta que a educação deve ser direcionada para a formação do caráter, e não apenas para a aquisição de conhecimentos técnicos. Sócrates critica a ideia de que a educação deve ser orientada para o sucesso político ou para a busca do prazer, e defende que a verdadeira educação deve ser voltada para a formação de cidadãos virtuosos.

No “Laques”, a palavra *andreia*, que se traduz ordinariamente por “coragem”, tem uma conotação de virtude e bravura. Já na conotação de valentia e bravura, ela é associada a qualidades guerreiras e morais. Sócrates sente o interesse em aprender com eles a definição de valentia e como ensinar os jovens a serem valentes. Os dois generais se sentem seguros na definição desta virtude e, a partir daí, o filósofo da maiêutica inicia uma série de perguntas e respostas investigando a fundo o conceito de coragem.

Os interlocutores apresentam várias definições, opiniões e concepções vigentes ou que adotam como válidas, porém, eles não ficam satisfeitos com as respostas apresentadas. Sócrates demonstra que existe deficiência e contradição nas suas definições. Por fim, o personagem Laques tenta resolver o problema da definição de valentia, entretanto, aparecem outras perguntas importantes sobre a natureza da virtude e a sua aprendizagem.

O diálogo mostra as limitações do conhecimento humano e como é necessário um pensamento crítico para o aprofundamento dos conceitos abstratos sobre a coragem. Assim, explicita-se um caminho proposto por Sócrates para destacar a importância da busca da verdade e do conhecimento: o exame das respostas superficiais de seus interlocutores. Os personagens apresentam uma grande contribuição para a discussão e para a reflexão filosófica através das experiências deles no contexto da Grécia antiga.

Portanto, o “Laques” expõe a concepção platônica sobre virtude e educação, e critica as visões de seus interlocutores. O diálogo é um exemplo do método de seu mestre a partir do questionamento, em que Sócrates busca levar seus interlocutores a refletir e a aprimorar suas concepções.

A escuta é um exemplo de sabedoria e reflexão no método socrático, pois ela direciona as concepções no bojo das discussões sobre determinado tema. Este diálogo é um dos escritos filosóficos mais antigos de Platão, que traz à tona importantes questões sobre a natureza e a essência da coragem. Esta virtude faz parte da realidade do homem grego, principalmente porque a realidade de que se trata é a guerra.

A guerra suscita questões filosóficas, pois envolve estratégias, raciocínio e táticas para organizar o combate. Neste sentido, o potencial do “Laques” está no desafio e na curiosidade de desvendar aquilo que o texto propõe apresentar para o leitor. Neste diálogo, Platão insere personagens históricos, como Laques, um famoso general espartano, e Nícias, um líder ateniense. Esses personagens buscam definir o que é a coragem e se ela pode ser ensinada.

Enquanto Laques busca uma resposta objetiva e prática, Nícias parece relutante e incerto, mostrando que a coragem é um conceito complexo e multifacetado. Durante o debate, Platão coloca em evidência a ideia de que a coragem vai além do simples ato de agir bravamente em batalha. Ele argumenta que a coragem também envolve inteligência, sabedoria e autocontrole.

Segundo Platão, a coragem verdadeira é a virtude que permite ao indivíduo agir em conformidade com a razão, mesmo em situações de medo ou perigo (Cf. Platão, 2015, p. 131 [192c]).

O “Laques” também aborda a questão da influência da educação na formação do caráter. Quando se fala de índole, o assunto em relação ao ser humano diz respeito à honestidade e à confiança naquilo que você assume como profissão na sua vida. Nícias argumenta que a coragem pode ser adquirida através do ensino e da prática, mas não oferece uma explicação clara de como isso deve ser feito.

Platão, nesse sentido, destaca a importância de um processo educacional que atinja a alma, moldando-a para a virtude. Ao longo do diálogo, Platão expõe, através da participação de seu mestre Sócrates, diferentes pontos de vista, mas não chega a uma conclusão definitiva sobre o tema. Isso evidencia a abordagem filosófica de Platão, que busca o questionamento constante e a reflexão crítica sobre as próprias crenças e conceitos.

Assim, Platão nos leva a refletir sobre a natureza da coragem, a importância da educação na formação do caráter virtuoso e a necessidade de buscarmos uma compreensão mais profunda e ampla das virtudes humanas. Logo, este texto nos convida a questionar as suposições convencionais sobre a coragem.

Enquanto muitos podem atribuir coragem a atos de bravura física, Platão argumenta que a coragem genuína vai além das ações externas. Ela reside na alma do indivíduo e está intimamente relacionada à sabedoria e ao autocontrole. A virtude da coragem, destarte, permite que os seres humanos ajam em conformidade com a razão, mesmo diante de situações de medo e perigo. Deste modo, a coragem se manifesta na capacidade de dominar os impulsos negativos e agir de acordo com o que é moralmente correto.

Além disso, o diálogo explora a importância da educação na formação do caráter virtuoso. Laques busca orientação de Nícias sobre como educar seus filhos na virtude da coragem, mostrando que a educação desempenha um papel fundamental na formação do caráter e no desenvolvimento das virtudes.

Nesse sentido, Platão ressalta que uma verdadeira educação deve ir além da mera transmissão de conhecimento acadêmico, alcançando a essência e a alma do indivíduo. Apesar de explorar essas questões importantes, “Laques” é um dos diálogos aporéticos de Platão, isto é, não fornece uma resposta definitiva sobre como ensinar ou cultivar coragem.

Isso destaca a abordagem filosófica de Platão, na qual a verdade e o conhecimento são buscados incansavelmente por meio do questionamento e do diálogo contínuos, isto é, aquilo que Sócrates demonstra através de seu método maiêutico.

O “Laques” de Platão, além de refletir sobre a natureza da coragem, discute a relação desta com outras virtudes. Ele nos inspira a questionar nossas próprias concepções sobre a coragem e a explorar caminhos para o seu desenvolvimento em nossas vidas. O texto continua sendo um trabalho relevante, pois pondera sobre as virtudes humanas, a natureza da educação e a busca de uma vida virtuosa.

Um dos aspectos que é de suma importância no “Laques” é o da razão pela qual Sócrates se considera inapto para se tornar responsável pela educação dos filhos de Lisímaco e Melésias. Essa questão concerne às relações entre o mestre e seus discípulos bem como à relação que o mestre precisa ter consigo mesmo para poder exercer a tarefa de educar os outros.

1.3 Sócrates e a arte de moldar almas através das virtudes (*areté*)

No “Laques”, Sócrates examina, com os generais Nícias e Laques, a definição de coragem segundo a qual ela é a disposição de enfrentar perigos (Cf. Platão, 2015, p. 69 [191a]).

As virtudes estão presentes nas atitudes e no modo de ser dos generais. Assim como a virtude da coragem, os jovens possuem muita sabedoria que necessita ser explorada ao longo da jornada como estudantes. Nos diálogos platônicos este termo possui uma unidade com significados diferentes como escreve Paviani:

A questão da unidade e das partes da virtude exige a leitura de diálogos específicos. Sobre o assunto, Platão, no *Protágoras*, no *Laques* e no *Menon*, empenha-se em apresentar diferentes posições ou teses. Na realidade, seus primeiros diálogos mencionam diversas virtudes como *dike*, *hosiotes*, *sophia*, *sophosine*, *Andreia*, e isso não significa que as virtudes sejam idênticas, formem uma unidade ou não. Tudo depende do que se entende por unidade, identidade, partes ou separabilidade (Paviani, 2012, p. 89).

A unidade da virtude, nos diálogos platônicos, parece imprescindível para o entendimento da razão pela qual a questão da aporia permanece aberta. É por isso que Sócrates, no final do “Laques”, aconselha a procura do melhor professor para aqueles que estão no diálogo e para os rapazes, filhos de Melésias e de Lisímaco (201a).

Mas, como canalizar a virtude da coragem ou outra virtude na vida da juventude? Como explorar a sabedoria que cada jovem traz da sua tradição familiar? Estas e outras perguntas podem ser respondidas a partir dos textos de Platão com os diálogos traçados com a figura de Sócrates.

Os pontos de convergência do “Laques” com outros Diálogos, nos quais se evidencia o apreço de Sócrates pela juventude, lembram que este apreço se refere ao fato de os jovens se encontrarem em formação, mas não há evidências de que o pensador afirme que eles são

corajosos ou virtuosos. Pelo contrário, os jovens, nos diálogos de Platão, apresentam problemas de caráter como a cólera, a impulsividade, a incontinência e a preguiça.¹²

Sócrates cultiva a esperança de que eles se convertam para a virtude, como foi o caso do jovem Teeteto (Platão, 1973, pp. 115 [210a-d]). Platão apresenta personagens jovens que ainda não conseguem controlar as emoções e manifestam algumas atitudes contrárias a virtude. Neste sentido, é interessante analisar a mudança operada nos diálogos de Platão referente ao conceito de virtude. Na época de Homero e entre os jovens da nobreza ateniense, esta palavra possuía a conotação de excelência e destreza. Ou seja, os jovens a quem Sócrates se dirige desejam atuar na política e na guerra, ambicionam ser protagonistas de grandes feitos e proferir grandes discursos, como bem ilustra o caso de Alcibiades (Cf. Platão, 2007, p. 234-236 [105a-106a]).

Por isso, eles buscam os Sofistas, que são professores de Retórica e dão conselhos sobre como se tornar *areté-excelentes*. Mas o ensinamento de Sócrates/Platão consiste em convencer os seus concidadãos de que *areté* significa mais do que ser audacioso na política e na guerra e hábil na arte de fazer discursos.

Essa é a razão pela qual existem os diálogos aporéticos, pois essa mudança de pensamento e de atitude implica a adoção de um novo modo de vida que somente pode ser alcançado pelo exercício do exame, da crítica e da substituição das opiniões pela sabedoria.

A virtude, na filosofia platônica, aparece como um conceito que transcende a mera conduta moral, constituindo-se como a perfeição da alma e a base para uma vida justa. Segundo Platão, a virtude não é inata, e sim alcançada por meio do conhecimento e da educação, sendo o filósofo concebido como o governante ideal e o mais apto para colocá-la em prática. Suas obras, especialmente “A República”, “Mênnon” e “Protágoras”, exploram a natureza da virtude (*areté*) e sua relação com a sabedoria, a justiça e a harmonia da alma.

Hamelin (2017, p. 99), quando analisa três diálogos de Platão (Eutidemo, Teeteto e Filebo) sobre a natureza da virtude, parte da Ética aristotélica para explicar a virtude como excelência para alcançar a felicidade. O autor examina os três diálogos e conclui que não basta possuir as virtudes, mas, além disso, o uso da razão, da sabedoria e do saber é a única maneira de alcançar a felicidade. Estes princípios exerceram influência direta sobre o pensamento de Aristóteles (Cf. Hamelin, 2017, p. 108).

¹² Entre as raras exceções, encontra-se um adolescente cuja natureza teria encantado Sócrates, como se diz no diálogo “Teeteto” (Platão, 1973, pp. 20 a 22 [Teeteto, 142d e 144a-e]).

No diálogo “Mênon”, o debate gira em torno da virtude que está intrinsecamente ligada ao conhecimento. Sócrates afirma que a virtude é sabedoria, seja em sua totalidade, seja em parte como compreensão (Cf. Platão, 2001, p. 75, [89a]). Este pensamento reforça que o vício resulta da ignorância, pois ninguém age mal voluntariamente, mas por desconhecer o bem. Portanto, a virtude exige a superação da opinião (*doxa*) em direção à ciência verdadeira (*episteme*), que é alcançada pela dialética.

Na “República”, livro IV, o filósofo investiga quatro virtudes cardeais que compõem a alma humana e a *pólis* ideal: sabedoria (*sophia*), coragem (*andreia*), temperança (*sophrosyne*) e justiça (*dikaiosyne*). A justiça é a virtude mais elevada, isto é, a harmonia entre as partes da alma (racional, irascível e apetitiva), assim como entre as classes sociais. “Portanto, não compete à razão governar, uma vez que é sábia e tem o encargo de velar pela alma toda, e não compete à cólera ser sua súbdita aliada?” (Platão, 1972, p. 201 [441e]). O homem virtuoso é aquele cuja alma é governada e guiada pela razão, assim como o filósofo pode governar a cidade.

No “Teeteto” (2015), a sabedoria, na filosofia platônica, consiste na busca constante da verdade, intermediada pelo autoconhecimento e pela reflexão dialética. Nos diálogos “Laques” e “Teeteto”, Platão averigua a natureza complexa da sabedoria (*sophia*), questionando se ela pode ser definida como um tipo de conhecimento técnico ou se está além de qualquer definição rudimentar.

Sócrates mostra que a sabedoria não pode ser reduzida a um saber técnico (de um soldado ou de um médico), mas, sim, que deve ser concebida como um conhecimento mais elevado, ou seja, do bem. Deste modo, a sabedoria verdadeira não consiste num domínio específico, porém, ela é uma compreensão ética que orienta todas as ações humanas.

A pergunta “O que é o conhecimento? ”, abordada por Platão no “Teeteto”, enseja o exame da hipótese de que o conhecimento pode ser definido como percepção sensível, como opinião verdadeira ou como justificação racional. Sócrates atesta que nenhuma dessas definições é suficiente porque o conhecimento exige um fundamento mais sólido do que a mera aparência ou crença correta.

A máxima socrática “só sei que nada sei”¹³ sintetiza a ideia de que a sabedoria começa na humildade intelectual. Neste diálogo sobre o conhecimento, Sócrates usa a figura da parteira que ajuda no parto (dar à luz), comparando-a com seus interlocutores, que podem fazer vir à tona as próprias ideias, mostrando que o verdadeiro conhecimento não vem de fora, mas sim de dentro de si, quando o próprio sujeito o investiga. Por isso, a sabedoria não diz respeito a

¹³ Esta famosa frase não aparece literalmente no texto.

respostas prontas e sim a um processo contínuo de questionamento (cf. Platão, *Teeteto*, 2015, pp. 199-204, [149a-151d]).

Assim, a sabedoria como caminho dialógico nos textos (“Laques” e “Teeteto”) de Platão não é um estado final, entretanto, ela é uma atividade filosófica perene. A sabedoria requer coragem para enfrentar a própria ignorância, como aparece no “Laques”, e disposição para buscar a verdade além das aparências, como demonstra o “Teeteto”. O exame constante da sabedoria perfaz uma jornada que une ética e epistemologia na busca pela ideia mais elevada e o princípio metafísico que dá sentido ao mundo.

No “Teeteto”, Sócrates discute com Teeteto sobre a natureza da sabedoria. “É aqui precisamente que caio em dificuldade e por mim não sou capaz de captar claramente o que na verdade é o saber. Será que podemos defini-lo? Que dizem?” (Platão, *Teeteto*, 2015, p. 193 [146a]).

Sócrates rejeita a definição associada a Protágoras (“O homem é a medida de todas as coisas”), no que diz respeito ao conhecimento como percepção sensível, pois tudo que é perceptível é instável e subjetivo. Se o conhecimento provém apenas dos sentidos, não existe critério para diferenciar verdade de ilusão (Cf. Platão, *Teeteto*, 2015, p. 205, [152a-187b]).

A opinião não pode ser verdadeira a não ser mediante o exame da razão, pelo qual ela pode se transformar em verdade e deixar de ser opinião. “Amigo, se a opinião verdadeira e o saber fossem o mesmo, nem sequer o juiz mais competente poderia emitir uma opinião correta sem saber e, contudo, neste momento cada uma delas parece ser diferente” (Platão, *Teeteto*, 2015, p. 302, [201c]). Sócrates examina e faz uma tentativa de definir o conhecimento como opinião verdadeira acompanhada de explicação do *logos*. Entretanto, esta explicação é insatisfatória também porque não fica claro o que constitui uma explicação adequada.

Em ambos os diálogos, Sócrates aparece como o personagem principal fazendo uma abordagem filosófica análoga nos dois diálogos. Ele usa a ironia e a instigação, levando os seus interlocutores a inquirir suas suposições com o objetivo de compreender profundamente a verdade. Enquanto o “Laques” é considerado o diálogo mais antigo na filosofia platônica, o “Teeteto” é um diálogo mais sensato e complexo.

Os dois diálogos abordam questões fundamentais da filosofia, tais como: o conceito de virtude e a natureza do conhecimento ao mesmo tempo. Embora, o “Laques” e o “Teeteto” tenham temas diferentes, os dois têm uma estrutura metodológica semelhante: a investigação dialética por meio do questionamento socrático sobre a coragem como parte da virtude e o exame do conhecimento.

Destarte, a virtude, como fundamento da vida ética, na visão platônica, não exprime apenas um conjunto de regras, mas a excelência da alma alcançada pela filosofia, como aparece

nas suas obras “República” (Livro IV, 443), “Mênon” (99e), “Protágoras” (329d), “Fédon” (67e) e “Górgias”, (469c). Esta excelência da alma requer educação contínua, autoconhecimento e alinhamento com o bem, pelos quais o indivíduo tende a se elevar acima das aparências sensíveis, da opinião e das paixões, com o objetivo de tornar-se apto para exercer a incumbência de ordenar a sociedade.

Embora vivamos em um mundo marcado pela relativização moral, o pensamento platônico permanece atual ao defender que a verdadeira virtude é fruto da razão brilhante pela busca incessante da verdade.

Sócrates, personagem principal nos diálogos de Platão, deixa um legado inestimável de conhecimento. O seu método concebe os movimentos do texto levando os interlocutores a pensarem sobre vários temas que correspondem ao método aporético socrático. Os dois diálogos platônicos¹⁴ encerram a reflexão filosófica sem uma resposta definitiva, porém, a falta de uma conclusão não é um simples fracasso nos textos. Ao invés disso, a aporia cumpre um papel pedagógico em ambos: o “Laques” mostra que a virtude não pode ser definida de modo superficial, exigindo um exame mais profundo.

O “Teeteto” evidencia que o conhecimento não pode ser reduzido a percepções ou opiniões sem fundamentos, antecipando a necessidade de um critério metafísico (como as formas inteligíveis).

Assim, “Laques” e “Teeteto” mostram que a filosofia é uma busca infinita e/ou incansável pela verdade, mesmo que ela pareça inatingível. A aporia não significa um fim, mas um convite à continua investigação quer sobre a natureza, quer sobre os rudimentos do conhecimento. A filosofia não se contenta com respostas fáceis, mas busca definições universais e necessárias que só podem ser logradas por meio da razão dialética.

O trabalho de “moldar almas” consiste em se interessar pelos problemas dos outros, isto é, o cuidado com alguém. No “Laques”, esse problema está relacionado com a educação dos jovens e a honra de respeitar e seguir o exemplo do pai (181a). A educação dos jovens necessita de professores (*didaskálous* – *διδασκάλους*) ou de um professor (*didáskalos* - *διδάσκαλος*). O *διδάσκαλος* é como os nossos pais. Os nossos genitores são pessoas dignas de crédito para este serviço de “plasmar” as almas (181b).

Educar os filhos equivale a uma arte, e por isso, eles não nascem prontos para a vida. Eis a preocupação dos personagens neste diálogo platônico para o cuidado com estas pessoas que precisam de uma educação credenciada. E este protótipo educativo parte dos nossos pais.

¹⁴ Os dois diálogos são o “Laques” e o “Teeteto”.

No “Laques”, é uma educação especializada, que exige conhecimento e cuidado, que é discutida por Sócrates (185a).

O conselho dele vai na direção da busca de pessoas experientes tanto na prática quanto na teoria desta arte da hoplomaquia (185b). Esta arte é aquela que deve ser ensinada aos rapazes a partir dos exemplos práticos de Sócrates (remédio para os olhos e freio nos cavalos).

No entanto, ele usa estes exemplos para dizer a Nícias que não basta saber sobre a arte da hoplomaquia, mas é necessário saber sobre a *psique* – alma – dos rapazes (185d e 185e). O quesito do tratamento das almas é mais importante do que outros.

Para aplicar o exame, Sócrates exige uma condição: que cada um dê provas de que possui as qualificações necessárias para se incumbir da educação dos jovens. Tais provas podem ser: indicar os nomes dos professores ilustres de quem receberam sua formação e/ou indicar os homens ilustres e bem-sucedidos que foram seus alunos.

Ao dizer que não pode dar tais provas, Sócrates usa de ironia: ele não teve professores ilustres porque não tinha como pagá-los. Isto é uma ironia (embora seja verdade que Sócrates fosse pobre) porque Sócrates quer destacar o fato de que, para os Sofistas, o valor do conhecimento pode ser convertido em dinheiro.

Ele não teve alunos e nem cobrava para dialogar com quem o inquirisse, pois fazia isso em cumprimento de uma ordem de um deus, além do que afirmava que não ensinava, mas prestava um serviço comparável ao trabalho das parteiras. A razão pela qual ele interroga os militares consiste na crença de que eles possuíam credenciais para falar da educação dos jovens devido às funções que exerciam no governo e na guerra, bem como pelo prestígio social de que gozavam.

A ligação com a família e a educação tem grande relevância para a questão do cuidado com os filhos e os netos. Lisímaco espera o parecer de Laques e de Nícias sobre se podem deliberar sobre o assunto da hoplomaquia na companhia de Sócrates. Aparentemente, o único conhecimento de Sócrates vem do seu pai, que frequentava o templo e as assembleias distritais quando ele era criança. Mas ele frequentou vários filósofos, como se pode ver em seu discurso na “Apologia”, portanto, sua educação foi muito rigorosa, sem que ele nada desconhecesse do que disseram os que lhe antecederam nem os seus contemporâneos. Ele não era apedeuta¹⁵ (Cf. Platão, 2015, p 57-62 [186a-187e]).

¹⁵ Este termo se refere a alguém que não teve uma educação formal.

1.4 A *parresia*, o exame e o cuidado

No texto “A Coragem da Verdade”, o filósofo francês Michel Foucault apresenta três motivos que justificam o estudo do diálogo platônico “Laques”: a *παρρησία* (*parresía*, franqueza examinatória), a *τρόπος δοκιμής και εξέτασις* (*tropos dokimés kai exectasis*, testar e examinar) e a *ἐπιμέλεια* (*epimeleia*, cuidado).¹⁶

O primeiro motivo, a *παρρησία* (*parresía*, franqueza examinatória), significa a franqueza examinatória, isto é, o pacto da franqueza entre os personagens que vão participar do jogo de perguntas e respostas socráticas. Segundo Foucault, “todas essas pessoas que são corajosas na realidade, essas pessoas que tiveram a coragem de aceitar o jogo da verdade que Sócrates lhes propôs, não foram capazes de dizer a verdade da coragem” (Foucault, 2011, p. 130).

A resposta franca e o ato de dizer a verdade são requisitos da educação dos participantes no diálogo. A franqueza examinatória consiste em se confrontar psicologicamente e pessoalmente diante do desafio do agir com sinceridade. Na sociedade atual, a coragem de dizer e/ou falar a verdade se tornou escassa na vida das pessoas. O jogo de mentiras, de falsidade e de *fake news*, está muito presente na vida das pessoas. O cultivo da verdade, que culmina na ética, ainda perdura em poucas famílias e na vida de algumas pessoas.

Outro motivo, O *τρόπος δοκιμής και εξέτασις ἐπιμέλεια* (*tropos dokimés kai exectasis epimeleia*, testar e examinar), diz respeito à maneira de testar e de examinar (Cf. Foucault, 2011, p. 113). A aquisição da virtude dos jovens depende do exame e da competência para falar com eles. É necessário um técnico do cuidado, isto é, um mestre que tenha a arte de formar bons alunos através do exame. Testar as pessoas era algo indispensável no diálogo de Platão, na figura de seu mestre Sócrates.

A arte de examinar auxilia no autoconhecimento que decorre da análise, da pesquisa e da observação minuciosa. A arte de filosofar quer dizer buscar sabedoria através da razão na prática do diálogo. Logo, examinar e filosofar são dois vocábulos distintos, mas que desaguam no mesmo remanso do conhecimento. Ora, Sócrates, ao dialogar/filosofar com os seus interlocutores, examinava-os e formava-os, fazendo vir à tona as ideias que estavam adormecidas na consciência.

O último motivo, o *ἐπιμέλεια* (*epiméleia*, cuidado), tem a ver com a noção de cuidado como constância, na interpretação de Foucault. Esta noção de cuidado exprime um modo de existência autônomo e crítico. Para Foucault, a *epiméleia* não se limita a um autocuidado

¹⁶ Cf. Foucault, 1984, pp. 103 – 121.

individualista, mas envolve uma relação ativa com as normas e os poderes que moldam a subjetividade.

É um processo contínuo de reflexão e transformação de si, que busca a liberdade e a autonomia frente às imposições sociais. Ele apresenta Sócrates como o único titular possível desse cuidado (Cf. Foucault, 2011, p. 113). A verdade dolorosa requer a coragem de suportar a vida na aporia e na ignorância e a coragem de tomar consciência de seu não saber.

Deleuze (1992, p. 142) aponta que o que interessa na questão do cuidado “é o que se passa, o que somos e fazemos hoje: próxima ou longínqua, uma formação histórica só é analisada pela sua diferença conosco, e para delimitar essa diferença” (Deleuze, 1992, p. 142). A intenção foucaultiana, ao realizar um retorno aos gregos, era diagnosticar a atualidade.

Deleuze aponta que vivemos uma espécie de fratura virtual, que significa um espaço de liberdade concreta, a qual culmina numa transformação e na abertura de novas possibilidades aporéticas da vida. Isto implica que vivemos uma filosofia de vida e uma vida na filosofia, isto é, uma busca incessante de novas descobertas da realidade.

Sócrates é o homem do cuidado de si através da sua preocupação com a sabedoria da alma, pois ele interpelava os jovens na rua e lhes dizia: “É preciso que cuideis de vós mesmos” (Foucault, 2010, p. 11). O termo *therapeúein* (terapia) refere-se aos cuidados médicos, ou seja, aqueles dispensados às pessoas nos hospitais ou nos locais de risco.

Foucault não usa o termo "terapia" e, sim, a palavra *epiméleia* (cuidado) e a expressão *epiméleia heautoû* (cuidado de si). A terapia possui um sentido mais amplo do que uma pessoa que presta serviço ao seu patrão, a uma igreja ou a um Deus. Na contemporaneidade, o cuidado de si está sendo esquecido e necessita de uma reflexão filosófica que propicie a transformação e a conversão espiritual do sujeito.

A espiritualidade¹⁷ esteve ligada à religião por séculos, e, desde os primórdios da filosofia, esteve presente no modo de ser dos antigos filósofos, não somente na Grécia Antiga, mas também em outras culturas que a vivenciam na busca, no caminho e no encontro com a verdade. O sujeito é o protagonista e o responsável pela procura da verdade. A espiritualidade nos dias de hoje vai além de uma conexão religiosa, pois existem vários grupos que vivem uma espiritualidade na busca pela verdade.

O mundo hodierno está adormecido pelas novas tecnologias (jogos, redes sociais etc.), pelo capitalismo selvagem (apostas *bets*, lançamentos de carros, celulares, geladeiras novas etc.), pelo hedonismo exacerbado (propagandas, músicas, danças etc.). Este panorama revela a

¹⁷ Este termo vai além da interpretação ligada à fé. A espiritualidade exprime uma ligação com a razão.

falta de identidade e autenticidade do ser humano frente a estes aspectos da sociedade. O sujeito cognoscente pode encontrar a verdade na religião e na razão, isto é, na reflexão filosófica em consonância com o pensamento teológico. A reflexão filosófica faz parte do trabalho intelectual do pesquisador e se faz presente em todos os âmbitos do conhecimento e em diferentes contextos da realidade.

A tecnologia faz parte destes dois pilares tanto na discussão filosófica como na discussão teológica. Portanto, o exame e o cuidado são elementos essenciais na prática filosófica, pois, um elemento leva ao outro. O diálogo filosófico leva o professor a examinar a si mesmo e ao aluno para reconhecer e extrair o conhecimento que este traz de casa ou de experiências passadas ao longo de suas vidas.

CAPÍTULO II

A LEITURA FILOSÓFICA DO “LAQUES” EM SALA DE AULA

Na análise das produções dos estudantes do Ensino Médio, observa-se que, no contato com textos clássicos de filosofia, os alunos têm dificuldades em ler e escrever de maneira singular, tendendo a reproduzir estereótipos. Helena Nagamine Brandão (2009, p. 114), ao analisar o discurso pré-construído, apresenta a estereotipia da escrita escolar. “Dessa forma, o pré-construído é constitutivo da natureza mesma da linguagem. Linguagem compreendida como interação social, como ato concreto de enunciação dirigido para o outro por sua natureza essencialmente dialógica, heterogênea, povoada por palavras alheias; e o locutor, no seu trabalho de enunciação, tem a ilusão de que são palavras próprias” (Brandão, 2009, 114).

Segundo Júnior et al (2023, p. 11), as dificuldades de leitura e escrita nas escolas têm a ver com os seguintes fatores: falta de acompanhamento em casa, desatenção, falta de motivação, baixa autoestima, deficiências e dislexia dos nossos estudantes.

Considerando todas essas, questões é fácil perceber que apenas o professor não é o bastante para incentivar o aluno. É necessário que haja maior engajamento das partes envolvidas sabendo que devido ao reduzido número de aulas e excessivo número de estudantes em sala torna-se impossível um tratamento personalizado para cada estudante, o que significa que cabe também aos pais observar e ajudar seus filhos a ter interesse por leitura e escrita que são conhecimentos essenciais atualmente (Júnior et al, 2023, p. 12).

Ao perceber estas dificuldades, buscamos alternativas para criar na escola um ambiente favorável para despertar a curiosidade dos estudantes pela leitura dos clássicos, mediante a execução de determinadas atividades, tais como: café filosófico, debates em grupos e desenhos (charges), atividades promovidas com as turmas do Ensino Médio.

Em nossa atuação docente, interagimos com os estudantes durante atividades que denominamos “café filosófico”. Essas experiências constituíram o estofo da pesquisa que possibilitou nosso acesso às perspectivas dos jovens que ali se manifestaram. Os estudantes realizaram leituras, debates, questionamentos, redações, desenhos etc. Nestas ações, senti que a proposta de leitura do “Laques” lhes despertou a curiosidade, à medida que o texto se aproximou da realidade deles no que diz respeito aos temas da família, da violência, da honestidade, do trabalho, da liderança, da cultura e da coragem.

A pesquisa de Foucault (2006) sobre a hermenêutica do sujeito pode ajudar no desenvolvimento da habilidade de leitura filosófica. Nela se analisa o confronto entre a verdade e o indivíduo e a busca do conhecimento através da subjetividade do sujeito, como ocorre

igualmente no “Laques”, texto ao qual o pensador francês dedica uma parte de seu curso de 1984 (Cf. Foucault, 2011, p. 103-136).

Foucault (2011) nos fornece subsídios para responder à inquietação sobre a relação da filosofia com a teologia e a tecnologia. No dia-a-dia da escola, corre a opinião de que razão e fé constituem os pilares fundamentais da vida do ser humano. Nela se ancora a intuição de que os textos de Platão podem fazer sentido para os estudantes.

A estereotipia na escrita dos estudantes a partir da leitura do “Laques” é perceptível ao longo dos trabalhos. As orientações das reflexões de Foucault contribuíram muito para o desenvolvimento da competência crítica dos estudantes. As dinâmicas que aplicamos em sala de aula para ler e debater esse diálogo estimularam os estudantes a expressar as suas singularidades e os seus próprios pontos de vista de acordo com a sua realidade de maneira a que a aprendizagem da filosofia fizesse sentido para eles.

O filósofo francês faz uma abordagem que nos desafia a pensar criticamente sobre nós mesmos e sobre o mundo ao nosso redor, abrindo novas possibilidades para a reflexão e a ação transformadora. A hermenêutica do sujeito apresenta as formas pelas quais os sujeitos se constituem como agentes éticos em relação ao conhecimento de si mesmos. A perspectiva de Foucault difere da hermenêutica tradicional ao enfatizar não apenas a interpretação de textos, mas também a interpretação de si mesmo como sujeito.

A *epimeléia heautoû* (conhecimento de si mesmo), na ótica de Foucault, exige espiritualidade como condição de acesso à verdade (Cf. Foucault, 2006, p. 40). Ele analisa o cuidado de si em três momentos¹⁸, que são: o momento socrático; o período da idade de ouro da cultura de si; e a ascese filosófica pagã para o ascetismo cristão (passagem aos séculos IV-V). O primeiro momento consiste numa análise socrático-platônica a partir da obra de Alcibiades (Cf. Foucault, 2006, p. 41).

Como vemos “ocupar-se consigo mesmo” é um princípio sem dúvida bastante corriqueiro, de modo algum filosófico, ligado entretanto – esta será uma questão que reencontraremos constantemente ao longo da história da *epimeléia heautoû* – a um privilégio político, econômico e social (Cf. Foucault, 2006, p. 42).

Na concepção de Foucault (2006, p. 43), Platão parte de uma antiga tradição para tratar do conhecimento de si mesmo e, por isso, na obra “Alcibiades”, aborda o tipo de educação que um jovem ateniense, rico e belo, recebeu dos professores de retórica, conhecidos como Sofistas. Quando jovem, todos ficavam enamorados dele, inclusive Sócrates. Mas, quando atinge a

¹⁸ Dos 3 momentos, iremos nos deter apenas no primeiro momento da análise foucaultiana sobre o cuidado de si.

maturidade e mostra suas ambições políticas, todos o abandonam e somente Sócrates permanece ao seu lado.

O ensino-aprendizagem perpassa toda a vida do indivíduo e tem a ver com a formação do ser humano de forma integral. A reflexão foucaultiana apresenta a prescrição délfica em grego *γνῶθι σεαυτόν* (conhece-te a ti mesmo) em conexão com *ἐπιμέλεια ἑαυτοῦ* (o cuidado de si).

A primeira fórmula grega descreve a relação da verdade com o sujeito e a última diz respeito ao fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo mesmo. O autoconhecimento do indivíduo requer uma preocupação pessoal e um cuidado de si para se alcançar a verdade, pois é necessário que te ocupes contigo mesmo sem esquecer de ti mesmo, logo, é importante ter cuidado consigo mesmo (Cf. Foucault, 2006, p. 11).

Uma das principais razões pelas quais se reconhece que Sócrates tornou-se grande referência para o seu tempo e para as gerações futuras reside em sua insistência a propósito do “cuidado de si” como prática indispensável na educação de seus contemporâneos. Este aspecto de sua herança intelectual foi selado na obra de seu discípulo Platão.

A sua postura foi contrária àquilo que os sofistas ensinavam, uma vez que, para ele, a verdade poderia ser alcançada através do diálogo e do desenvolvimento crítico das ideias. Ainda segundo o filósofo da ironia, seria imprescindível, para se chegar à verdade, um método eficiente para se alcançar o conhecimento correto acerca de várias questões, tais como a justiça, o bem e o belo. Portanto, o método socrático estava dividido em duas partes, que são a ironia e a maiêutica.

2.1 Análise Textual

A preparação dessas atividades consistiu em uma leitura preliminar dos textos escolhidos para o desenvolvimento do “café filosófico”. Demos a esta iniciativa a denominação de análise textual, em conformidade com a definição de Antônio Joaquim Severino (2009).

Assim, fizemos a preparação pedagógica e a escolha dos textos da Filosofia Antiga para a apresentação dos trabalhos através dos cafés filosóficos, das apresentações artísticas e dos debates. Dividimos as turmas em equipes para a realização deste trabalho interdisciplinar (Filosofia, Artes e História).

Conforme Severino (2009), ler vai além da decodificação de palavras, porque a leitura é um ato hermenêutico e crítico que envolve a construção de sentidos na interação entre o leitor, o texto e o contexto histórico-social. Isto implica dizer que o aluno do Ensino Médio já traz uma bagagem de conhecimento e, ao entrar em contato com o texto, confronta aquilo que dele apreende, em uma práxis transformadora.

É preciso que incorporem algumas orientações, pois a leitura de textos científicos e filosóficos não é um procedimento espontâneo: ele exige uma intervenção mais sistemática para a decodificação do texto do que quando se trata de textos literários, nos quais a apreensão da mensagem apoia-se mais na nossa familiaridade com a linguagem coloquial e em nossa imaginação (Severino, 2009, p. 7).

Neste sentido, Severino (2009) aponta três dimensões da leitura de textos científicos e filosóficos. A primeira diz respeito ao ato cognitivo e hermenêutico do leitor. O estudante precisa decodificar signos linguísticos e interpretar significados levando em conta a sua experiência. Ele tem que reconstruir o texto a partir de seu repertório cultural e visão de mundo.

Na segunda dimensão, o autor explicita o processo dialógico, isto é, uma relação dialética entre o texto, leitor e contexto. Neste sentido, é necessário seguir as etapas essenciais para uma leitura analítica de um texto: análise textual, análise temática, análise interpretativa, problematização e reelaboração reflexiva. Na última dimensão, para Severino (2009), a leitura é uma ferramenta de emancipação porque ela desvela ideologias no discurso, em que o leitor pode questionar estruturas de poder e compreender a realidade para transformá-la.

O que é uma leitura filosófica? Esta pergunta tem grande importância para os estudos filosóficos, mas não é fácil de responder. Primeiro, os textos filosóficos não são fáceis de entender e interpretar. Conforme Severino (2009), a leitura filosófica exige uma prática hermenêutica profunda, que transcende a mera decifração de textos.

Esta prática requer um ato de interrogação radical sobre os fundamentos do pensamento, da realidade e dos valores humanos, articulando três dimensões importantes: a dimensão crítica, a dimensão histórica e a dimensão ontológica.

Desse modo, ler os textos filosóficos deve representar para nós, hoje, a busca de um diálogo com aqueles que nos precederam nessa tarefa de desvendar o sentido das coisas, ou daqueles que o fazem hoje, em diferentes lugares... todo texto é um conjunto de signos linguísticos que codificam uma mensagem. É um meio codificado, utilizando signos linguísticos, pelo qual se viabiliza a comunicação entre as pessoas, entre duas ou mais consciências capazes de decodificar esses signos. Portanto, é um meio de comunicação entre subjetividades (Severino, 2009, p. 6 e 8).

Os primeiros filósofos são aqueles que nos precederam no entendimento da realidade, deixando o legado de valiosos textos. Severino (2009) nos ajuda a compreender as características destes textos através do questionamento dos pressupostos deles, mas também na análise de sua estrutura argumentativa, isto é, da lógica interna do texto (premissas ocultas, contradições e silêncio), através da contextualização histórico-dialética, levando em conta sua época e condições materiais, relacionando-as com o presente e, através do engajamento ético-político, buscando compreender como o saber pode emancipar.

Estas características são importantes porque realizamos este trabalho em sala de aula com os alunos e percebemos como opera a comunicação entre os estudantes, que revela o que eles possuem de singular, e avaliamos os trabalhos apresentados, que mostra o que eles têm em comum.

A unidade de leitura que utilizamos em sala de aula como objeto para a problematização do aprendizado em filosofia em sala de aula foi o texto “Laques”, de Platão, dividido em seções, pois o texto inteiro de Platão foi utilizado no desenvolvimento das atividades. Esta escolha foi feita porque o texto é um diálogo atemporal e aporético com grande relevância para a educação e para o desenvolvimento do tema da dissertação. A interação dos alunos em sala de aula no contato com este texto foi impressionante, resultando em diversas performances, que eles realizaram ao apresentar os trabalhos a partir da leitura.

O “Laques” de Platão começa com os personagens Lisímaco e Melésias falando com Nícias e Laques sobre o espetáculo da hoplomaquia. Os filhos de Lisímaco e de Melésias se chamam Aristides¹⁹ e Tucídides²⁰. Lisímaco estava preocupado em encontrar um bom professor para que seu filho se tornasse um homem distinto e mais famoso que seu avô.

Para sensibilizar e motivar os estudantes a se interessarem pela atividade, introduzi o texto com a preleção de que a educação familiar dos filhos é uma preocupação dos pais desde os primórdios dos tempos, e que as gerações levam o legado de cada cultura.

O longo preâmbulo apresentado por Lisímaco para Nícias e Laques gira em torno do cuidado da educação dos filhos e da educação dos jovens em geral.

Ora, nós dois decidimos cuidar com o maior carinho possível da educação de ambos, e em vez de procedermos como a maioria dos pais, que deixam os filhos viver como bem entendem, logo que chegam à adolescência, resolvemos começar desde agora e fazer por eles o que estiver em nossas possibilidades. Como sabemos que também tendes filhos, imaginamos que, mais do que a ninguém, vos preocupa o problema da educação dos jovens, para que eles venham a aproveitar bastante. E se, porventura, ainda não volveistes a atenção para esse assunto com a insistência que ele requer, aconselhamos-vos a não o adiardeis por mais tempo e vos convidamos a compartilhar os nossos cuidados, com relação ao problema da educação dos filhos (Platão, 2015, p. 39 [179a-b]).

Laques e Nícias são convidados a ouvir a resolução de Melésias e Lisímaco sobre o exemplo dos pais que agem com franqueza para com os filhos. Eles comentam também sobre o mau exemplo (negligência) dos pais que estão preocupados com os negócios. Pelas tarefas

¹⁹ Cabe observar que, no “Teeteto” (Platão, 1995, p. 2003 [151a]), Sócrates descreve o destino de Aristides II, que se perde nas mentiras por influências nocivas se tornando tolo ignorante (Cf. Nails, 2002, p. 49,50).

²⁰ Por volta de 15 anos, Melésias que era filho de Tucídides II, contemporâneo de Laques no ano de 424 a.C., queria um professor idêntico ao seu avô chamado Tucídides I. Sócrates ensina os dois sem muito sucesso porque Tucídides II não concorda com o seu professor no ano de 409 (Cf. Nails, 2002, p. 292).

que os pais deles desempenhavam – historiadores, políticos, e militares –, não tinham muito tempo para os filhos.

A recomendação para a educação dos rapazes é a *hoplomaquia*²¹ como disciplina a ser ministrada. O jovem general Nícias está de acordo com a preocupação de Lisímaco e Melésias e se propõe a aprofundar o assunto com os dois e com o outro general, Laques.

O general Laques se coloca de acordo com Nícias, ressaltando a importância da política (governo da cidade) nesta educação dos filhos (Cf. Platão, 2015, p. 41 [179c-d, 180a-b]). O nome de Sócrates é citado pelo general Laques em relação à preocupação com as questões da educação dos rapazes. Sócrates foi o responsável por conseguir um professor de música chamado Dâmon, aluno de Agátocles, para o filho de Nícias.

O conselho de Sócrates, filho de Sofronisco, tem grande relevância, principalmente, porque, segundo o testemunho de Laques, ele passa todo o tempo em locais em que são debatidas questões com o intuito de resolver os problemas dos moços.

Lisímaco fica surpreso e faz duas perguntas (“Que me dizes, Laques? Sócrates se preocupa com esses problemas?”) (Cf. Platão, 2015, p. 43 [180c-e]). O pai de Sócrates, segundo Lisímaco, foi um homem honroso e, por isso, Sócrates não poderia deixar de interessar-se pelos problemas dos filhos de Melésias e Lisímaco.

Laques foi companheiro de Sócrates na retirada de Délio²². Esta batalha aconteceu durante a guerra do Peloponeso, no princípio do inverno de 424 a.C., nas imediações da pequena região beócia de Délio, na Grécia, situada não distante da fronteira Ática e na qual se encontrava o santuário dedicado a Apolo (Cf. Vlastos, 1973, p. 50).

As perguntas de Lisímaco sobre a luta armada fazem Sócrates se pronunciar para aconselhar com humildade sobre o assunto. No entanto, Sócrates prefere ouvir primeiro a opinião do general Nícias, isto é, ele usa a estratégia de ouvir primeiro o que os outros têm a dizer, aproveitando os ensinamentos das pessoas para fazer suas intervenções (Cf. Platão, 2015, p. 45 [181c-e]).

Nícias faz um longo discurso sobre a *hoplomaquia* como a disciplina da organização das tropas e da estratégia nos combates. Laques adverte Nícias sobre a *hoplomaquia* ser uma

²¹ A *hoplomaquia* (armas, equipamentos; eu luto, eu combate) consistia no combate armado com indumentária hoplita – espécie de soldado de infantaria. Encontrava-se muito em voga no início do século IV a.C., e parece ter se tornado uma espécie de prática esportiva. Em outro momento dos diálogos menciona-se, com bons olhos, a aprendizagem dessa modalidade de combate armado (Platão, VII [813d–814c]; VIII [833e–834a], 2025, p. 327).

²² Sócrates combateu também na campanha de Potideia no ano de 432 a.C., nos primórdios da guerra do Peloponeso, na qual salvou a vida de Alcibíades, e na batalha de Anfípolis em 422 a.C., na qual morre o violento Clêon. As referências, nos diálogos de Platão, para os serviços militares de Sócrates são: para as três batalhas, *Apol.* 28e; para a batalha de Délion, além do *Laques* 181b, *Banq.* 220e; e, para a de Potideia, *Banq.* 219e e *Cárm.* 153a.

disciplina qualquer, pois, segundo o general, todo conhecimento é considerado vantajoso. Ele faz uma longa ressalva sobre o professor desta disciplina.

Esta disciplina é mais praticada pelos lacedemônios²³ do que pelos helenos. Um novo personagem entra no discurso de Laques, Estesilau, professor de luta que se exhibe no espetáculo onde eles se encontram no início do diálogo (Cf. Platão, 2015, p. 47-49 [182b-e, 183a-d]).

Não obstante a habilidade de Estesilau, menciona-se a anedota sobre o mau jeito do professor de luta, que marca o exercício da dialética e indica um novo momento do diálogo, onde é manifestada a determinação do general Laques de estudar e aprofundar esta disciplina, ao ouvir a opinião de Sócrates.

Lisímaco o chama de árbitro, como se houvesse uma disputa de discurso entre Laques e Nícias. Sócrates retruca de maneira espantosa em relação à escolha do bom professor através de votos. Sócrates acredita que as decisões importantes sobre o governo não deveriam ser tomadas apenas com base na vontade da maioria, pois isso poderia levar a decisões injustas ou irracionais. Ele argumenta que a maioria pode não ter conhecimento ou sabedoria suficiente para tomar decisões informadas e justas.

Ele também defende que as decisões políticas deveriam ser baseadas na razão e na sabedoria, e não apenas na opinião da maioria. Acredita que os líderes políticos deveriam ser escolhidos com base em sua sabedoria, justiça e habilidade para governar, e não apenas por serem populares ou terem o apoio da maioria.

Além disso, Sócrates mostra-se preocupado com o fato de que a democracia pode levar a uma tirania da maioria, onde os direitos das minorias são ignorados ou suprimidos. Ele defendia que a justiça e a igualdade deveriam ser os princípios fundamentais do governo, e não apenas a vontade da maioria, como pensavam os sofistas. “Frisou-se que em geral os sofistas não eram estudiosos escrevendo tratados filosóficos e científicos para o futuro. Eram antes mestres, conferencistas e oradores públicos, cujo propósito era influenciar sua era, e não produzir conhecimento duradouro” (Guthrie, 1995, p. 53).

A preocupação de Sócrates tem a ver com o conhecimento da disciplina de hoplomaquia, mas também com a sua prática. Na sua ótica, para ensinar alguma coisa é necessário conhecer o assunto, e para educar alguém é necessário saber formar almas.

Sócrates é colocado no centro, em meio à preocupação de Lisímaco e Melésias. Sócrates poderia ter se negado a estar naquele lugar, mas não se esquivou ao convite de Lisímaco para

²³ “Diante de tal situação, os tripulantes do cargueiro romperam em vaia e gargalhadas, e só depois que um deles atirou uma pedra, que veio cair no convés do navio aos pés de Estesilau, foi que este soltou a lança” (Platão, 2015, p. 51 [184a]).

tomar parte da conversa. Ele faz as suas considerações logo após os dois generais, Nícias e Laques.

Os três estão tentando resolver um problema, que é encontrar o estudo ou a ocupação mais indicada para os moços. Além disso, o problema fundamental da formação das novas gerações é um problema filosófico da postura socrática.

A intervenção de Sócrates na divergência entre Nícias e Laques possui grande relevância para o curso do diálogo. Nada era mais importante que recorrer a lutadores habilidosos da Lacedemônia, pois é indispensável o aprendizado dos jovens para se tornar guerreiro por excelência.

No início do diálogo, o mais importante é encontrar um professor para os moços, mas a causa maior tem a ver com a alma dos rapazes e com os professores habilitados para essa matéria e, por isso, Sócrates, aquele que cuida da formação espiritual e com o aspecto ético-político, estratégico e religioso de muitos jovens, é o escolhido para este debate frente aos dois generais.

Nícias, amigo dos sofistas, não dispõe de maiores recursos no diálogo. A virtude significa conhecimento, segundo a equação socrática. Ninguém comete injustiça com conhecimento de causa, e a virtude da coragem está relacionada com a disciplina da hoplomaquia, sendo necessário conhecimento dela para orientar e aconselhar.

Portanto, Platão, ao levantar a discussão dos fatos da experiência da luta, deseja mostrar o papel da filosofia através das orientações dos especialistas e dos dados imediatos da consciência. O texto do “Laques” encerra de forma excepcional a relação entre a educação e a arte de filosofar.

Nos tempos atuais, podemos pensar na educação dos jovens que acontece no Ensino Médio e na educação dos adultos na Educação de Jovens e Adultos. Estudar e filosofar é fundamental não somente para os jovens, mas também para os adultos, independentemente da idade. O conhecimento não tem idade para Sócrates (Cf. Platão, 2015, p. 99 [201b]). Não obstante a zombaria das pessoas, o mais importante é a necessidade de aprender.

2.2 Análise Temática

Segundo Severino (2009, p. 18), a análise temática busca por compreensão, a mais objetiva possível, da mensagem do autor. Como mencionei na análise anterior, na Filosofia não é fácil compreender os textos e a mensagem do autor. Nesta fase, o autor transmite a mensagem de seu texto mostrando aquilo que ele quer comunicar e o conteúdo do texto. A explicitação e

apreensão do texto com o máximo de objetividade expõe o pensamento do autor do texto em estudo.

O que Platão quer comunicar no “Laques” para o leitor? O texto mostra o modo pelo qual Sócrates procedia junto aos seus concidadãos, apelando para estes adotarem um modo de vida ético, caracterizado pela equivalência entre os seus discursos e a sua conduta.

Deste modo, a análise temática transcende a superficialidade de temas e/ou assuntos no texto. Ela tem o sentido de um processo hermenêutico-dialético que busca desvendar o núcleo problemático do texto, encadeando este núcleo às contradições históricas e aos desafios humanos. Os objetivos desta análise são pedagógicos e filosóficos em profundidade, visando transformar a leitura em instrumento de emancipação intelectual e social.

Os objetivos principais desta análise são o desvelamento da estrutura ideológica do texto, identificando os pressupostos ocultos que sustentam o discurso, mas também o rompimento com a leitura ingênua (superação da compreensão superficial), questionando o que o texto silencia. Outros objetivos têm a ver com a formação de sujeitos críticos, em que o leitor interroga o mundo sem apenas reproduzir informações.

A partir deste pressuposto, o aluno e/ou leitor se torna coautor do sentido, dialogando com o texto a partir de sua experiência, promovendo a autonomia do próprio pensamento. Conforme Severino (2009, p. 18), não basta apenas a interpretação do texto nas escolas, mas a compreensão, ouvindo-se atentamente o autor e, por isso, ele aponta cinco perguntas e algumas ressalvas para esta análise temática:

Do que está falando, qual o tema ou assunto do texto? Qual o problema que se coloca, ou seja, por que o tema está em questão? Qual a resposta que o autor dá ao problema, qual a tese que defende ao tentar resolver o problema ou explicar o tema? Como o autor demonstra sua hipótese? Como ele a comprova? Que outras ideias secundárias o autor, eventualmente, defende no texto em análise?... Fica assim retomada, de forma sistemática, a mensagem contida no texto lido. Essa etapa apresenta a posição do autor, o conteúdo que ele quer transmitir por meio de seu texto. Da parte do leitor, a análise temática representa o esforço de bem ouvir o autor, deixando-o falar, sem se intrometer em suas posições. Em princípio, todos os leitores deveriam realizar a análise temática de forma idêntica, pois se supõe que o autor, quando escreve um texto, quer passar uma mesma mensagem para todos eles (Severino, 2009, p. 18 e 19).

O texto de Platão é um texto aporético e retrata um diálogo da juventude, onde o discípulo de Sócrates tenta mostrar a honestidade e o valor do mestre frente às discussões com os seus interlocutores.

O tema tratado no texto é a virtude da coragem, que faz brotar outros temas, como a educação dos filhos, a ética, a questão da luta armada (hoplomaquia), etc. O problema que se coloca no texto é a definição de coragem, que está em discussão com os dois generais, Nícias e Laques, com a participação de Sócrates, visando ensinar os filhos de Lisímaco e de Melésias.

Este tema está em questão porque o contexto da época é a guerra e, por isso, os jovens deveriam ser educados para esta profissão na luta armada. A resposta do autor ao problema se dá no diálogo com a opinião de cada personagem do texto. Sócrates define a coragem como uma forma de sabedoria, e não como força na frente de batalha.

A tese que o autor defende é a definição da virtude de coragem, mas o “Laques” vai além da definição desta virtude. A obra explora questões como método adequado para definir conceitos éticos, a relação entre conhecimento e virtude, e a importância da educação na formação do caráter da juventude.

Platão demonstra sua hipótese ao apresentar no texto que a coragem está ligada ao conhecimento por meio do método dialético socrático, em confronto com as contradições das definições superficiais que aparecem no texto, levando a uma compreensão mais profunda do tema em questão.

Outras ideias secundárias no texto de Platão são: a crítica à autoridade tradicional e ao empirismo, ou seja, os conselhos sobre a educação militar de generais, a partir do que Sócrates demonstra que a experiência prática não garante conhecimento verdadeiro. Outra ideia é a relação entre conhecimento e ação moral, isto é, a virtude diz respeito à ciência ou episteme e não apenas a um hábito ou treino. Uma terceira ideia é a importância de um método filosófico como caminho para a virtude. O método dialógico é importante porque o “Laques” faz um exame crítico (*elenchos*) para poder revelar a verdade. A aporia no final do texto não é um fracasso dos participantes do diálogo, mas um convite à reflexão *perene*. Outra ideia importante é a figura do filósofo como guia, e Sócrates aparece no texto como aquele que desperta a busca pelo saber sem se apresentar como mestre. Laques e Nícias representam o militar e o político convencional. Portanto, estas ideias são relevantes porque o tema da coragem levanta a crítica aos valores atenienses tradicionais (glorificação da guerra) e defende a filosofia como fundamento da vida ética.

Assim, a análise temática é imprescindível para ler e pensar filosoficamente, porque rompe com a superficialidade do senso comum e converte a leitura em um ato de desvelamento da realidade e, por isso, forma a essência metodológica do filosofar crítico do leitor.

A partir destes questionamentos, o trabalho com o “Laques” de Platão teve grande êxito na busca dos temas explícitos e implícitos no texto. O tema em questão no texto faz alusão à educação dos jovens dentro de um diálogo entre alguns personagens que procuram respostas para concretizar na família este tema.

Para auxiliar na busca destas respostas, o autor empreende uma investigação, mediante método dialético, pelo exame do debate entre dois pais preocupados com a educação de seus filhos, um filósofo e dois jovens generais. Ele testa as hipóteses levantadas no texto através de

exemplos por meio dos quais a discussão se desenrola. Como todas elas são reprovadas no exame, o diálogo termina sem que tenham chegado a uma conclusão satisfatória. Por isto, ele é chamado de aporético. Uma ideia secundária que Platão defende no texto é que não tem idade para se aprender alguma coisa na vida.

2.3 Análise Interpretativa

Diferente da análise anterior, esta última etapa da leitura analítica é a fase mais difícil, em que se pratica a leitura crítica. É por meio dela que a leitura se torna um processo crítico na lida com o conhecimento. Na fase anterior, a compreensão da mensagem se dá, exclusivamente, a partir dos elementos presentes no texto escrito. Já nesta fase, a compreensão se dará pela abordagem de dados de fora do texto, interpelando-se o autor, discutindo-se com ele.

Como essas orientações de leitura se dirigem aos estudantes, deve ficar bem claro que eles avançarão nessa fase interpretativa até onde lhes for possível, pois a interpretação de um texto pressupõe um repertório de conhecimentos acumulados na área em que o texto se situa e que o jovem talvez possa ainda não ter. Mas algumas das atividades de interpretação já se encontram a seu alcance (Severino, 2009, p. 20).

O avanço dos alunos nesta fase interpretativa depende também do planejamento pedagógico do trabalho a ser desenvolvido no texto. Por exemplo, o “Laques” foi trabalhado em etapas, como será apresentado no produto desta dissertação. Fizemos com os alunos os informes biográficos e o conjunto do pensamento de Platão. Situamos a cultura do tempo do autor através de filmes e a sensibilização através da música da época.

Esta análise interpretativa é difícil de se executar, mas os estudantes tiveram o apoio do professor. Os pressupostos implicados no texto “Laques” são as ideias de virtude que aparecem no diálogo a partir da discussão sobre a coragem, sobre a educação e sobre a preocupação de encontrar uma solução para resolver a questão da educação dos filhos.

Fizemos um levantamento de ideias dos leitores associadas às que estão presentes no texto. Os estudantes, geralmente, trazem várias experiências sobre determinados temas, mas estas ideias e experiências necessitam de comparação destacando as diferenças daquilo que o texto traz e da vida cotidiana. As críticas positivas do texto foram em relação aos assuntos atuais e pontuais da nossa realidade. As críticas negativas do texto foram aquelas em relação à cronologia e a fragmentos que o autor utilizou.

O texto parece não seguir uma linha lógica dos personagens que estão no diálogo. Ao mesmo tempo, para se ter uma maturidade intelectual da leitura do texto, precisamos dos fundamentos teóricos dos personagens. Neste caso, o leitor tem que pesquisar outros

comentadores da obra e dos personagens para chegar a uma ideia precisa daquilo que o autor está querendo explicitar.

2.3.1 Sócrates, o homem do Cuidado

Para orientar os estudantes na execução da análise interpretativa, demos prioridade à noção de “hermenêutica do sujeito” (Foucault, 2006), que representa uma abordagem inovadora e profunda para a compreensão da formação histórica da categoria “subjetividade”. Em seus últimos estudos, Foucault investigou a constituição histórica do sujeito e a busca pela liberdade e pela ética na filosofia antiga (greco-romana).

Ele argumenta, com a noção de “Cuidado de Si” (*Epiméleia Heautoû* ou *Cura sui*) e a sua relação com o “conhece-te a ti mesmo” (*gnôthi seautón*), na aula do dia 6 de janeiro de 1982 (Foucault, 2006), que as práticas de si (técnicas ascéticas, exercícios espirituais e modos verídicos) formaram um processo de subjetividade distinto da hermenêutica cristã da confissão.

Chamemos "filosofia" a forma de pensamento que se interroga sobre o que permite ao sujeito ter acesso à verdade, forma de pensamento que tenta determinar as condições e os limites do acesso do sujeito à verdade. Pois bem, se a isto chamarmos "filosofia", creio que poderíamos chamar de "espiritualidade" o conjunto de buscas, práticas e experiências tais como as purificações, as asceses, as renúncias, as conversões do olhar, as modificações de existência etc., que constituem, não para o conhecimento, mas para o sujeito, para o ser mesmo do sujeito, o preço a pagar para ter acesso à verdade (Foucault, 2006, p. 19).

Foucault apresenta o “conhece-te a ti mesmo” socrático subordinado à prática mais ampla do cuidado de si, que, ao seu ver, era o verdadeiro princípio organizador da vida filosófica antiga (Cf. Foucault, 2006, p. 19). Em seus livros iniciais, diferentemente das concepções tradicionais que enfatizam a autonomia e a racionalidade do sujeito, ele nos convidava a mergulhar em uma análise das formas pelas quais somos construídos e governados por práticas sociais, discursivas e institucionais. Agora, se tratará de mostrar como o indivíduo elabora a sua própria subjetividade em uma determinada experiência social.

Nas lições ministradas por este filósofo, mostra-se que os sujeitos não são entidades pré-existentes ou estáticas, mas sim produtos históricos e sociais que surgem e se transformam em relação às normas, valores e relações de poder presentes em determinado contexto. Isso implica dizer que é necessário reconhecer que nossa identidade e nossa subjetividade são construídas através de processos complexos de socialização e normalização, nos quais somos constantemente moldados e regulados por diversas instituições e discursos.

A leitura de Foucault (2006) da filosofia socrático-platônica sobre a ética da liberdade não se limita a uma simples questão de escolha individual, mas sim a uma prática contínua de resistência e transformação das estruturas de poder que nos oprimem e nos limitam. Isso implica em uma constante reflexão sobre as normas e valores que nos condicionam, assim como uma busca por formas de agir de maneira mais autônoma e ética dentro dessas estruturas.

De acordo com o pensamento foucaultiano, as práticas de si desempenham um papel fundamental nesse processo de transformação pessoal e social. Essas práticas envolvem uma ampla gama de atividades, desde a meditação e o autoquestionamento até a análise crítica de si mesmo e de suas relações com os outros.

O objetivo dessas práticas não é apenas o autoconhecimento, mas também a transformação pessoal e a criação de novas formas de ser e de se relacionar com o mundo. Por isso, Sócrates, um dos pensadores que levaram estas práticas aos seus limites mais radicais, é aquele que guia os outros para o cuidado de si e dos outros (Cf. Foucault, 2011, p. 133).

O ensino-aprendizagem perpassa toda a vida do indivíduo e tem a ver com a formação do ser humano de forma integral. A reflexão foucaultiana apresenta a prescrição délfica em grego *γνῶθι σεαυτόν* (conhece-te a ti mesmo) em conexão com *ἐπιμέλεια ἑαυτοῦ* (o cuidado de si). Essa questão pode ser abordada na leitura do “Laques”, pois este famoso diálogo assinala que o conhecimento está vinculado à verdade.

Vale destacar que tal relação possui duas dimensões: a episteme, isto é, a dimensão da verdade como relação de correspondência entre o conceito e o seu objeto; e a parresía, ou seja, a dimensão da verdade como identificação entre o discurso e a conduta pessoal. O cuidado de si é a prática pela qual se busca assegurar a unidade destas dimensões.

O cuidado de si tem conexão com este conhecimento porque requer uma ascese e crescimento social e relacional. As questões em estudo no “Laques”, quais sejam, a preocupação com a educação dos filhos e a discussão para encontrar um bom professor, demonstra a relação da sabedoria com o cuidado de si.

A primeira fórmula grega descreve a relação da verdade com o sujeito e a última diz respeito ao fato de ocupar-se consigo, de preocupar-se consigo mesmo. O autoconhecimento do indivíduo requer uma preocupação pessoal e o cuidado de si para alcançar a verdade, pois é necessário que te ocupes contigo mesmo sem esquecer de ti mesmo, logo, é importante ter cuidado consigo mesmo.

Há uma sobreposição dinâmica' um apelo recíproco entre o *gnôthi seautón* e a *epiméleia heautoú* (conhecimento de si e cuidado de si). Esta sobreposição, este apelo recíproco, é, creio, característico de Platão. Será reencontrado em toda a história do pensamento grego, helenístico e romano, evidentemente com equilíbrios diferentes,

diferentes relações, tônicas diferentemente atribuídas a um ou a outro, distribuição dos momentos entre conhecimento de si e cuidado de si também diferentes nos diversos tipos de pensamentos (Foucault, 2006, p. 87).

Sócrates consolidou-se como uma figura seminal de seu tempo e para a posteridade, tendo seu legado intelectual perpetuado principalmente pelos escritos de Platão. Sua postura filosófica opunha-se radicalmente ao ensinamento dos sofistas, pois acreditava que a verdade era alcançável mediante o diálogo franco e o refinamento crítico das ideias.

Não nos sendo possível fazer nenhuma dessas coisas, teremos de dizer-lhes que procurem conselho noutra parte, pois de outro modo poderemos prejudicar os filhos de nossos amigos, além de no tornarmos passivos às graves censuras de pessoas de nossas relações (Platão, 2015, p. 57 [186b]).

O filósofo defende que a busca pela verdade exige um método rigoroso para se atingir o conhecimento genuíno sobre conceitos fundamentais como a justiça, o bem e o belo. Seu método, estruturado na ironia (questionamento destrutivo das falsas certezas) e na maiêutica (construção dialética do conceito), é vividamente ilustrado no “Laques”.

Neste diálogo, Sócrates insiste na prática do exame franco (*ἐξέτασις* - exetasis) com seus contemporâneos, como demonstra sua fala aos generais Lísímaco e Melesias. Sócrates personifica essa exigência de franqueza investigativa, dizendo:

No que me diz respeito, Lisímaco e Melésias, sou o primeiro a confessar que nunca frequentei professor dessa matéria, muito embora desde moço tivesse muita vontade de aprendê-la (Cf. Platão, 2015, p. 57 [186c]).

O conhecimento, o tratamento e o cuidado de almas são imprescindíveis na investigação de Sócrates na escolha de um bom professor. Segundo Foucault, o “momento cartesiano”, na história da filosofia, (2006, p. 18) realça a exaltação da razão e o esquecimento do autoconhecimento e do cuidado de si.

Na atualidade, estamos vivendo a exaltação tecnológica (redes sociais, jogos, IA, etc) e o esquecimento da razão, do autoconhecimento e do cuidado de si. Será que precisamos de uma educação para a sabedoria e para o cuidado de si? A razão é mais importante do que a emoção?

No “Teeteto”, de Platão, Sócrates compara os seus ensinamentos à arte da parteira, isto é, ele compreende a sua prática como a arte de dar à luz os conhecimentos que se formam na mente de seus discípulos.

A minha arte obstétrica tem atribuições iguais às das parteiras, com a diferença de eu não partejar mulher, porém homens, e de acompanhar as almas, não os corpos, em seu trabalho de parto (Platão, 1973, p. 30).

No “Laques” o general questiona Sócrates em relação às pessoas hábeis que não tiveram professores. E a resposta de Sócrates é convincente no que diz respeito a uma amostra de habilidade no setor da hoplomaquia. Sócrates não teve formação neste assunto, mas ele tinha vontade de aprender com um professor e, por isso não se sente à vontade de aconselhar os filhos de Lisímaco e Melésias.

Na opinião de Sócrates, Nícias e Laques são capazes de ensinar esta disciplina, pois eles são mais velhos e tem experiência nela (Cf. Platão, 2015, p. 57 [186a-c]). Se os negócios da cidade não permitem folga para a educação dos filhos de Lisímaco e Melésias, Sócrates vai se dirigir a eles para não envergonhar os avós com a falta de educação.

Quais as condições de fazer esse ensinamento? Lisímaco aprova o discurso de Sócrates dizendo que ele falou com muito senso. E, ao mesmo tempo, quer saber a decisão de Nícias e de Laques sobre a deliberação do assunto através de questões que possam ajudar os filhos deles. Nícias responde para Lisímaco em relação ao conhecimento de Sócrates a partir da convivência com ele, pois este conhecimento vem de seu pai (Cf. Platão, 2015, p. 59-61 [187a-e]).

2.3.2 O Exame na perspectiva de Foucault

No “Laques” de Platão, o que qualifica os personagens para examinar e deliberar, com Lisímaco e Melésias, como se deve proceder para dar aos filhos uma boa educação é a responsabilidade de pais-cidadãos ciosos de seus deveres, que querem o melhor para os seus filhos, diferentemente da educação que receberam. Os dois reconhecem a sua ignorância e estão engajados na prática parresiástica, isto é, uma busca coletiva da verdade como cuidado de si e dos outros.

Eles buscam conselhos dos dois generais (Laques e Nícias) e de Sócrates, criando uma espécie de espaço franqueado para o confronto entre os discursos. Na visão de Foucault, esta discussão pela qual a verdade emerge do debate entre homens livres, que arriscam suas opiniões, é a autêntica expressão da prática parresiástica. Laques recebe o convite de Lisímaco e Melésias devido a suas credenciais sociais e militares, mas ele não possui um fundamento ético da educação, e sim uma formação para a guerra.

A qualificação de Nícias para deliberar sobre a educação dos filhos é a sua reputação intelectual e política. Ele é um general (estratega) ateniense, rico e influente. Está associado a Dámon de Atenas (discípulo de Pitágoras), mestre renomado em música e ética (Cf. Platão, 2015, p. 43, [180c-e]). Nícias defende uma educação baseada em técnica especializada, ou seja, uma técnica de influência sofisticada, ou dos “mestres da virtude”.

Sócrates tem qualificação de mestre para examinar e deliberar sobre a questão da educação porque ele transforma a ignorância em método, isto é, exerce a busca da verdade reconhecendo não a deter. (Cf. Platão, 2015, p. 57 e 59, [186a-187a]). Ele substitui a autoridade pela investigação coletiva e isto está claro nos diálogos platônicos. O campo de provas para as ideias que ele examina emerge do diálogo. A educação socrática se torna, portanto, um exercício de liberdade, pois a virtude nasce da autonomia reflexiva da alma.

No “Laques”, o exame consiste em uma atividade coletiva, na refutação (*elenchus*)²⁴ e na aporia. A falência das respostas dos personagens no diálogo evidencia a consciência da ignorância, ou seja, o ponto de partida para a verdadeira sabedoria. Os quatro personagens são submetidos à prova do exame: Lisímaco, Melésias, Laques e Nícias.

O *elenchus*, como técnica argumentativa, é um ato parresiástico porque, ao se submeterem a ele, os personagens do “Laques” (Lísimaco, Melésias, Sócrates, Laques e Nícias) arriscam sua imagem social. Dizer a verdade implica ser honesto consigo mesmo e exige uma acurada inspeção da consciência. Portanto, a relação entre exame e parresía se dá em um ato político de coragem, que transforma o diálogo filosófico em campo de batalha pela verdade.

Após a crítica da parresía democrática, que mostrava que não pode haver parresía, no sentido de dizer-a-verdade corajoso na democracia, a reversão platônica mostra, portanto, que, para que um governo seja bom, para que um politeia seja boa, eles têm de se basear num discurso verdadeiro, que banirá democratas e demagogos (Foucault, 2011. p. 42).

Parresía significa agir conforme a verdade que se professa. O exame socrático testa a coerência da vida-discurso e não somente o conhecimento abstrato. O exame e o ato de dizer a verdade são essenciais para uma vida política.

Na concepção de Nícias, Sócrates é um grande conversador, que leva as pessoas ao exame, a uma prestação de contas de si mesmas. E esta maneira de conversar com as pessoas leva o interlocutor a tomar cuidado consigo mesmo. Segundo Nícias, esta forma de examinar não é desagradável, pois a conversa não vai girar somente em torno dos rapazes, mas em torno deles mesmos (Cf. Platão, 2015, p. 61-63 [188a-c]).

O pensamento de Laques sobre esse assunto é uma opinião segundo a qual ele parece ser amigo e inimigo dos discursos. Ele gosta de ouvir alguém que discorra sobre a virtude e seja amigo do discurso, como um músico em harmonia mais perfeita (comparação do orador).

²⁴ Este termo significa refutação onde Sócrates adota como método para evidenciar a contradição de seus interlocutores. Ele permite o próprio interlocutor da presunção de saber. Para Platão, este procedimento é considerado preliminar e indispensável na investigação científica (Cf. Abbagnano, 2007, p. 309 e 939)

Por isso, ele se alegra quando alguém discorre sobre a virtude, porque as palavras do orador se combinam e se completam. Esta comparação significa a harmonia da sua própria vida em consonância com as palavras e atos. Logo, Laques gosta de ouvir qualquer um que seja amigo do discurso. Apesar de não ter experiência de ouvir as palavras de Sócrates, conhece suas ações e sabe que pode exprimi-las com elegância (Cf. Platão, 2015, p. 61-63 [188d-e]).

Pela elegância e pela franqueza, Laques está disposto a dialogar com Sócrates, sendo examinado, sem se sentir envergonhado em aprender com ele, e está de acordo com Sólon²⁵ porque este é um grande nome da política, além de filósofo. Existe uma condição que o general Laques exige para ser ensinado por alguém: que ele seja um bom professor. Ele tem que ser um homem de bem e não interessa se é mais moço ou não tem fama. A diferença de idade de Sócrates para com os generais não parece uma preocupação para colocar em prática o diálogo entre eles. Sócrates se coloca no meio deles como investigador grupal, isto é, ele convida os dois para se investigar e aconselhar mutuamente.

Lisímaco confirma com Sócrates que este assunto diz respeito a todos eles e pede a Sócrates para investigar para o bem dos jovens e para deliberar junto com Nícias e Laques. Lisímaco se coloca apenas como ouvinte, junto com Melésias, no debate entre os três. Sócrates concorda com a colocação de Lisímaco e se propõe a investigar a partir dos professores que eles tiveram nesta disciplina, partilhando os ensinamentos deles (Cf. Platão, 2015, pp. 63-65 [189a-e]).

Sócrates corrobora com o método de emprestar a vista e o ouvido para início de conversa e aconselhamento. E, por isso, ele pergunta se Lisímaco e Melésias não chamaram os três para deliberar sobre a virtude da alma dos filhos deles. Laques concorda plenamente com o questionamento de Sócrates.

Mas o que é a virtude? Esta é outra pergunta de Sócrates, enfatizando que, se ignorarem em que consiste esta coisa, não poderão aconselhar alguém sobre a melhor maneira de adquiri-la.

Sócrates exprime a sua opinião, tomando, entretanto, uma pequena parte do problema para examinar, pois não é um trabalho fácil exprimir tudo sobre a virtude, mesmo porque existem muitas virtudes. E o tema da coragem surge como a parte da virtude abordada no diálogo justamente pelo exame do exemplo da hoplomaquia.

²⁵ Sólon (c. 638-558 a.C.) foi um estadista, legislador, poeta e filósofo ateniense. Ele é considerado um dos Sete Sábios da Grécia Antiga e pai da democracia ateniense (Cf. Aventuras na História. Sólon. Acessado em: 19 de março 2025. Disponível em: <<https://aventurasnahistoria.com.br/noticias/reportagem/historia-solon.phtml>>).

Sócrates propõe os seguintes passos para proceder ao exame: a determinação do que é a coragem; na sequência, a apreciação sobre se e como ela pode ser ensinada ou comunicada aos moços através do estudo e do exercício. Laques tenta explicar que o homem de coragem é aquele que decide não abandonar seu posto no campo de batalha e enfrenta o inimigo sem fugir (Cf. Platão, 2015, pp. 67-69 [190a-e]).

Sócrates questiona esta definição e apresenta outra reflexão sobre a fuga do inimigo no campo de batalha. Sócrates dá o exemplo dos cavalos de Eneias e o elogio de Homero à destreza do herói que se manifesta tanto na fuga quanto na perseguição aos inimigos. Assim, Sócrates convence Laques de que o homem corajoso não se mostra apenas na infantaria, mas também na cavalaria de guerra, e não apenas na guerra, mas nos perigos do mar, nas doenças, na pobreza, nos negócios públicos e mais ainda, na dor e no medo, contra o apetite e os prazeres.

Sócrates volta a questionar o que é a coragem e o que é a covardia (Cf. Platão, 2015, pp. 69-71 [191a-e]). A pergunta sobre a coragem não demanda a explicação de uma situação particular, mas, assim como explicar o que é a velocidade implica mostrar o que ela é em qualquer das ocasiões em que se manifesta, como na velocidade de correr, na de tocar cítara e noutras ações, dizer o que é a coragem implica indicar a mesma qualidade que esta possui em todas as situações nas quais ela venha a se mostrar, pelo que Sócrates e Laques concordam perfeitamente.

Mas o que é a velocidade para Sócrates? Ele a define como a força que realiza muito em pouco tempo, tanto no discurso e na carreira, como em tudo mais. Uma vez patenteado o exemplo de como se elabora este tipo de proposição, Sócrates convida Laques a experimentar-se na definição de coragem. Em seguida, o general Laques a define como uma espécie de perseverança da alma. Ao que Sócrates retruca dizendo que nem toda perseverança pode ser definida como coragem.

Para demonstrar a razão de sua divergência, Sócrates propõe o exame da crença de que a coragem, sob todas as suas formas, é algo que possui excelência, sendo, por isso, considerada boa. Entretanto, existem casos em que a perseverança se apresenta unida à razão e outros em que ela se une à irreflexão. Assim, quando a coragem está unida à irreflexão, é o contrário de algo que possui excelência, se tornando funesta e perniciosa.

Ora, quando a perseverança se apresenta unida à razão, nem sempre ela pode ser igualada à coragem, como fica evidente, para Laques, pelo exemplo que Sócrates apresenta sobre alguém que emprega seu dinheiro com parcimônia tendo em conta que, assim procedendo, fará com que seus gastos lhes proporcionem mais riquezas no futuro (Cf. Platão, 2015, pp. 71-75 [192a-e]).

Sócrates oferece a Laques um outro exemplo de que a definição da coragem, como persistência da alma, não se sustenta: um pai, cujo filho está com pneumonia, persiste em não atender aos apelos do menino, que lhe pede comida e água, pois, sendo médico, conhece as consequências que adviriam se o fizesse. Se trata de alguém cuja persistência não se deve à coragem, mas ao conhecimento.

O exame da tese da coragem como persistência da alma prossegue com a análise do caso do militar que decide enfrentar as fileiras inimigas. Este, sabendo que todas as circunstâncias da batalha lhe serão favoráveis, que terá ajuda dos companheiros, que os inimigos são inferiores em número e que o terreno em que eles se encontram é vulnerável, ao passo em que a área em que ele mesmo se encontra é superior, persiste em sua decisão não por ser corajoso, mas por calcular que todos esses fatores lhe garantem a segurança e a vitória.

A pesquisa se direciona, então, para a definição da coragem como a conduta daqueles que são persistentes por possuírem o conhecimento de suas artes, como a persistência do hábil cavaleiro, a do bom arqueiro e a do competente lutador de funda. A coragem deles é proporcional à sua prudência, não podendo, por isso, ser definida corretamente como tal.

Outro exemplo é o do indivíduo que se joga num poço sem ser forte na profissão de mergulhador e persiste em mergulhar. Ao que Sócrates interpela o general Laques sobre a razão de um tal ato.

Sem ter outra saída, Laques se põe de acordo com Sócrates, quando este lhe explica que os que se lançam nos perigos, sem serem peritos, são mais imprudentes do que os que o fazem com o conhecimento das respectivas artes. Portanto, a persistência e a audácia insensatas, nesta passagem do texto, pela boca de Sócrates, se revelam como prejudiciais e vergonhosas.

A coragem é algo belo, de acordo com os dois. Mas eles afirmam também que a persistência vergonhosa e insensata é coragem. O que é o contrário do que disseram antes, quando asseveraram que a coragem e a virtude são coisas belas.

Assim, chegam à conclusão de que as suas ações, isto é, a caminhada que os levou a essa contradição, não estão de acordo com as suas palavras, isto é, suas afirmações iniciais de que é belo ser corajoso. Sócrates e Laques querem chegar a uma conclusão do assunto, mas não conseguem (Cf. Platão, 2015, pp. 75-77 [193a-e]).

Sócrates retoma a discussão sobre a persistência, com a justificativa de que não seria adequado, para quem se diz corajoso, desistir da pesquisa e deixá-la inconclusa. Por isso, considera que retomá-la junto com seus companheiros é um dever de quem alega possuir coragem, mesmo que o exame tenha gerado muitas dúvidas sobre se a coragem realmente é persistência.

Laques demonstra disposição de continuar a discussão e sabe, no seu pensamento, definir a coragem, mas tem dificuldade em fazer-se entender no discurso. Sócrates faz a comparação do pesquisador com um bom caçador, e convida Nícias para a caçada para saber da habilidade dele.

Nícias percebe que nem Laques e nem Sócrates definiram coragem com acerto e confirma que o indivíduo corajoso é bom, logo será também sábio. E Laques não entende esta colocação de Nícias. Sócrates compreende que a coragem é uma espécie de sabedoria (Cf. Platão, 2015, pp. 79-81 [194a-e]).

Nícias enfatiza que a coragem é o conhecimento que inspira medo ou confiança, tanto na guerra como em tudo o mais. Laques discorda desta colocação sem nexos de seu amigo geral. Sócrates, ao invés de ofendê-lo, prefere instruí-lo. Contudo, Nícias não se sente ofendido e fala que as proposições de Laques também não têm substância.

Nícias acaba dizendo que a coragem é toda a virtude, o que implica em não definir a especificidade da coragem. Esta conclusão é o que leva ao fracasso do diálogo. Além disso, o exame das analogias entre o médico, o lavrador, o adivinho, a criança e os animais é uma maneira de pôr à prova a sabedoria dos sofistas Damão e Pródico, defendida por Nícias.

Este exame é relevante porque discute se, para alguém que, como Nícias, tem a pretensão de se tornar um governante, convém ou não convém fazer uso de sofismas ou agir com sabedoria. Esta fase anuncia o final do diálogo, que, mesmo não tendo êxito na definição do conceito de coragem, leva a uma conclusão: a de que todos os participantes são inaptos para assumirem a responsabilidade pela formação dos jovens, com a ressalva de que Sócrates tem plena consciência dessa inaptidão, ao passo que os demais ainda creem que ele é o único que poderia merecer a confiança dos pais que desejam entregar seus filhos aos cuidados de um tutor.

A razão pela qual os participantes do diálogo não perdem a confiança na capacidade de Sócrates em assumir a educação dos jovens é a certeza sobre a índole da sua linhagem familiar. Não obstante o desconhecimento específico desta arte (hoplomaquia), Sócrates consegue educar os seus concidadãos através do diálogo.

Outra questão do conhecimento que atravessa o diálogo é a da forma universal e perene, incompatível com as variações de circunstâncias. Para mostrar a inconsistência da tese de Nícias, o exame mostra a unidade e a universalidade da medicina, da agricultura e da arte da guerra, todas elas como formas superiores de conhecimento, ao passo que o conhecimento do adivinho é inferior (Cf. Platão, 2015, pp. 81-83 [195a-e]).

Laques não entende aquilo que Nícias está falando sobre a coragem do adivinho e a coragem do médico. Ele acredita que é uma contradição do discurso e, por isso, é um discurso

vazio. Sócrates volta a retomar o diálogo com Nícias pedindo um esclarecimento da sua maneira de pensar para verificar se a proposição é certa ou se necessita de uma instrução.

Laques desiste de interrogar Nícias e pede para Sócrates continuar a interrogá-lo. E Sócrates se propõe a interrogá-lo por ele e por Laques. Ele pergunta se a coragem é o conhecimento do que se deve e do que não se deve temer. Nícias confirma que sim. Sócrates usa exemplos de animais, inclusive o do javali de Crômio, para realçar o conceito vazio de coragem apresentado por Nícias (Cf. Platão, 2015, pp. 85-87 [196a-e]).

Laques fica espantado com a colocação de Sócrates e clama pelos deuses. Nícias compara os animais com as crianças em relação à coragem, portanto, ser corajoso significa não ter medo. Nícias se refere à coragem prudente e não à coragem com audácia e temeridade. Laques continua criticando o seu parceiro na discussão. E Nícias pede para ele se acalmar, pois o considera um sábio, assim como Lâmaco e outros atenienses.

Laques compara Nícias a uma rocha sedimentar (exoniano típico), isto é, uma subdivisão geológica do período Neoproterozoico há aproximadamente 541 a 485 milhões de anos atrás. Sócrates tenta amenizar o conflito dizendo que a sabedoria de Nícias vem de Dâmon, que era frequentador de Pródico.

Após se submeter ao exame de Sócrates, Laques conclui pela humildade filosófica e pelas limitações existenciais, e percebe que sua experiência prática (combate, batalhas) não é suficiente para alcançar o saber ético (Cf. Platão, 2015, p. 79 [194a-b]).

Diferente de Laques, Nícias chega a uma conclusão marcada por teimosia intelectual, que revela sua falha ética fundamental. Ele insiste em sua definição abstrata de coragem, mesmo diante de contradições lógicas expostas por Sócrates.

Portanto, a conclusão de Nícias significa uma demonstração de má-fé da filosofia (Cf. Platão, 2015, p. 95 [200a-c]). Nícias foge e se sente encurralado, recorrendo a Dámon (seu mestre pitagórico) para validar sua definição de coragem, passando a sua responsabilidade intelectual para outra pessoa.

Para Platão, isto significa covardia dialética, como alguém que se esconde atrás dos outros ao invés de enfrentar o exame de si mesmo. Sócrates, após se submeter ao exame, conclui que não possui qualquer conhecimento sobre educação ou virtude. A sua conclusão consiste na reafirmação radical de sua ignorância e na crítica à pretensão de sabedoria de seus interlocutores.

Isto implica dizer que ninguém no diálogo, incluindo Sócrates, detém conhecimento sobre a virtude.

A única educação possível é a busca dialética compartilhada, pautada na humildade, na coragem e na recusa a todas as autoridades não examinadas (Cf. Platão, 2015, p. 95 e 97 [199e; 200e]).

Laques admite que sua coragem se pautava em experiência prática não refletida e, por isso, sem autotransformação na sua postura de guerreiro estagnado (Cf. Platão, 2015, p. 79 [194b]). A sua coragem física não se converte em coragem filosófica.

Nícias, na sua conclusão, continua com a sua teimosia intelectual e recusa da autocrítica. Ele mantém sua definição abstrata, preferindo preservar sua reputação e não encarar a verdade sobre si (Cf. Platão, 2015, p. 95 [200a]).

A conclusão de Lisímaco e Melésias é de uma passagem de pais sem competência para discípulos de filosofia e cheios de abertura à perplexidade de ouvir as orientações de Sócrates. Os dois reconhecem que não sabem educar os filhos, assumindo a humildade de buscar ajuda. Eles são os únicos que aceitam o convite do mestre para a busca coletiva da verdade (Cf. Platão, 2015, p. 99 [201c]).

Foucault (2011, p. 123-124) chama a relação dos personagens no “Laques” de “jogo socrático”, ou seja, um jogo parresiástico dos interlocutores com perguntas e respostas: o pacto parresiástico de Sócrates. Este pacto consiste na prestação de contas de si mesmo (Cf. Foucault, 2011, p. 125).

Este prestar contas refere-se ao aqui e agora da maneira em que se vive. Significa estilo de vida e maneira de viver, ou como a vida se dá no cotidiano (Cf. Foucault, 2011, p. 126). Esta é a resposta das perguntas sobre a aceitação da *parresia* e sobre ao que se refere o domínio de aplicação dela no diálogo.

Mas, o que autoriza Sócrates a utilizar este método com Nícias e Laques? Laques reconhece que um homem de boa índole e digno de discurso é capaz de discorrer sobre qualquer ciência ou sobre a virtude, assim como um professor de música (Cf. Foucault, 2011, p. 127).

Cuidemos ao mesmo tempo de nós mesmos e [dos jovens]. Cuidar de si e dos filhos: é isso que de fato está o cerne do projeto socrático, é isso que é o objeto da sua prática parresiástica. Está claro que Sócrates se coloca assim na mesma condição dos outros. Como verdadeiro mestre não é o mestre-escola, mas o logos, ele tem de ouvi-lo igual aos outros e ele, Sócrates, tem de se ocupar de si mesmo e, ao mesmo tempo, dos outros (Foucault, 2011, p. 132).

A preocupação de Sócrates não é apenas com os jovens, mas também com todos que estão envolvidos no diálogo através da prática parresiástica. Se você cuida de si mesmo, você também pode cuidar dos outros. Este é um dilema que precisamos vivenciar nas nossas vidas, como educadores dos jovens e das pessoas que nos procuram em nossa missão como professores.

Sócrates não esmoreceu na missão que recebeu, de educação dos filhos de Lisímaco e Melésias sobre o cuidado de si e a escuta do logos.

2.3.3 O “exame de si” em consonância com o “conhece-te a ti mesmo”

Laques considera Nícias um sofista sem dignidade. Sócrates não desiste e acredita que a maneira pela qual Nícias trata da expressão “coragem” necessita de um exame mais acurado (Cf. Platão, 2015, pp. 87-89 [197a-e]). Então, volta ao início da discussão, quando eles haviam considerado a coragem como uma parte da virtude. Nícias concorda quando ele apresenta a coragem e as partes da virtude como a temperança, a justiça e muitas outras.

Eles retomam, em seguida, o exame da definição segundo a qual perigosas são as coisas que são para temer e inofensivas as que não o são. Ele considera perigoso tudo o que inspira medo, e inofensivo o que não inspira. Aqui, Sócrates apresenta a questão do tempo, pois não são apenas os eventos presentes ou passados que incutem medo, mas também os eventos futuros.

A pergunta de Sócrates é se Nícias dá o nome de coragem ao conhecimento dessas coisas. O terceiro exame de Sócrates visa verificar o pensamento de Nícias sobre a ciência ou conhecimento de alguma coisa, por exemplo, com a medicina (saúde no presente, no passado e no futuro), com a agricultura (produção da terra) e com a guerra (estratégia), por meio da questão do adivinho (Cf. Platão, 2015, pp. 89-91 [198a-e]).

Sócrates mostra para os dois generais que, a respeito das mesmas coisas, é a mesma ciência que as conhece no presente, no passado e no futuro e, portanto, coragem é conhecimento do que é de temer e do que é de confiar. O que é de temer e o que é de confiar, este, por ser o bem futuro e aquele, por ser o mal por vir. Portanto, a ciência, segundo Sócrates, se ocupa com as mesmas coisas, tanto futuras como de qualquer tempo.

Deste modo, coragem não é apenas conhecimento do que é de temer e do que é de confiar. Ela não diz respeito apenas aos bens e aos males futuros, mas também aos do presente e aos que já se realizaram. Face ao novo impasse, Sócrates volta a questionar Nícias sobre este pensamento acerca da coragem.

Ele faz uma longa ressalva em relação à virtude ligada à temperança, à justiça, e à santidade para mostrar que a definição sustentada por Nícias conferia à noção de coragem outros atributos além do essencial, podendo-se dizer que ela comporta apenas uma parte da virtude. Ao contrário, se consideramos que a coragem é o conhecimento de todos os bens, sob todas as circunstâncias, ela não poderá mais ser concebida apenas como uma parte, mas como a totalidade da virtude.

Assim, eles não descobrem o que seja coragem a partir desta última proposição (Cf. Platão, 2015, pp. 93-95 [199a-e]). Isso permite a Laques chamar a atenção de Nícias para que, a despeito da forma desdenhosa com que este se dirigiu a Laques nas suas colocações, ele possa

aprender com Sócrates e se afastar da sabedoria que trouxe de Dâmon. Nícias, entretanto, reitera o voto de confiança na sabedoria de seu antigo mestre, mas reconhece também a sua ignorância em relação à coragem.

Laques o chama de sábio, mas pede para Lisímaco e Melésias que desistam de pedir a opinião deles no que diz respeito à educação dos filhos. Os dois generais reconhecem que Sócrates deve continuar com as orientações dos jovens, pois o cuidado que ele tem para com os rapazes fez com que Nícias confiasse o seu filho Nicerato aos seus cuidados.

Lisímaco volta a fazer o convite para Sócrates assumir a tarefa de cooperar para o aperfeiçoamento dos rapazes. Sócrates reconhece que agiu mal em não aceitar de início cooperar com a educação de quem quer que seja. No entanto, ele pensa que todos os envolvidos nesta discussão são capazes de levar à frente a investigação.

Por isso, Sócrates reconhece e tem a opinião de que todos (ele, Lisímaco, Melésias, Laques e Nícias) devem procurar o melhor professor para os rapazes e para si mesmos, sem se importar com as despesas e com a vergonha que possam passar, na idade em que estão, ao estudar junto com os jovens.

Esta atitude de refletir e aprender junto com os jovens não seria uma atitude filosófica? Sócrates não estaria fazendo um exame da atitude do filósofo, de aprender sempre novos conhecimentos? A proposição de Sócrates é uma ironia que tem a finalidade de expor publicamente a hipocrisia dos personagens da elite ateniense, encarnada por Lisímaco, Melésias, Laques e Nícias. Ao mesmo tempo, se trata de uma maneira de indicar que a filosofia não é um conhecimento acabado e absoluto da verdade, mas uma atividade que se caracteriza pela busca incansável pela verdade mediante o exame parresíastico de nossas opiniões e crenças.

Lisímaco, que é o mais velho, aceita a proposta de Sócrates e o convida para ir cedo à sua casa para consultar o assunto. Sócrates aceita o convite e usa a expressão “se Deus quiser” no encerramento do diálogo (Cf. Platão, 2015, pp. 95-99 [200a-e, 201a-c]).

2.3.4 A Educação Socrática como Prova de Vida e Conhecimento da Alma

Para Foucault, a filosofia socrática é “como prova de vida e como conhecimento da alma”, pois trata do tema da ética. O indivíduo se encontra em meio ao mundo obscuro deixado pela reflexão ocidental e, ainda assim, é capaz de ver a verdade e de dizer a verdade (Cf. Foucault, 2011, p. 110 e 112). Isso quer dizer que o conhecimento da alma parte de um exame da vida e do autoconhecimento.

Nícias e Laques são colocados por Sócrates como pessoas que podem falar sobre a coragem por terem tido condições de pagar professores para lhes ensinarem (Platão, 2015, p.

123, [186c-d]). O exame socrático incide sobre os dois a respeito da competência que supostamente teriam para opinarem acerca daquilo que torna os jovens melhores. Os dois vão ser interrogados para ver se poderiam ser considerados mestres do cuidado sem esquecer de si mesmos, logo, é importante ter cuidado consigo mesmo.

A educação socrática, mais do que um método de transmissão de conhecimento, é uma prova de vida, ou seja, ela exprime um constante exame que revela se há coerência entre o discurso e a prática do indivíduo. Sócrates, ao adotar a *parresía* (a coragem de falar a verdade), transforma o diálogo em um exercício de confronto consigo mesmo e com os outros, expondo as contradições entre o que se afirma e o que se vive. O exame dialético, longe de ser uma mera técnica argumentativa, é um instrumento de purificação da alma, pois obriga o interlocutor a reconhecer sua ignorância e a buscar, por meio do cuidado de si (*epimeléia heautôu*), uma vida alinhada com a verdade. Desse modo, o bios filosófico só se concretiza quando o indivíduo, ao ser interrogado, demonstra que suas ações refletem seus ideais, superando a hipocrisia e a ilusão do falso saber.

A prova de vida socrática, portanto, não se limita a um teste intelectual, mas exige uma transformação ética. A harmonia entre palavra e ação, condição essencial para uma existência autêntica, só é alcançada quando o sujeito, através do exame crítico, assume a responsabilidade por seu próprio caráter. O cuidado de si não é um ato solipsista, mas um compromisso contínuo com a integridade, no qual a *parresía* serve tanto para desafiar os outros quanto para vigiar a si mesmo. Nesse sentido, o bios filosófico torna-se uma ascese cotidiana, em que cada resposta dada a Sócrates é também uma confissão pública daquilo que demonstra o seu caráter. A verdadeira educação, nessa perspectiva, não se mede por diplomas ou saberes acumulados, mas pela capacidade de viver sem contradições como a prova definitiva de que a filosofia não é apenas um discurso, mas um modo de existir.

CAPÍTULO III

A LEITURA DO “LAQUES” EM PLATAFORMAS DIGITAIS

Por que ler o “Laques” nos dias de hoje? Vivemos num mundo de polarizações e discursos vazios, e este diálogo platônico nos ensina a questionar certezas e a buscar definições sólidas para nossas virtudes, além de discutir dilemas éticos da contemporaneidade. Neste capítulo, iremos apresentar as práticas realizadas nas turmas de Ensino Médio a partir da obra “Laques”, que foi escrita há mais de dois mil e quinhentos anos, em um trabalho no qual o professor e o aluno buscam a sabedoria filosófica tanto nos clássicos dos textos redigidos como através de um clique nas plataformas digitais.

Este acesso através do clique propõe uma metodologia ativa de engajamento com o texto através da leitura digital. O diálogo expandido promove a participação dos estudantes através dos debates e cafés filosóficos a partir das falas de Lisímaco, Melésias, Laques, Nícias e Sócrates. Este texto continua atual, explorando questões essenciais da ética, da moral, da educação, da política e da história da Grécia Antiga. As plataformas digitais não são apenas suporte; são ferramentas que fazem reviver a maiêutica socrática através das perguntas transformadoras e da conscientização crítica dos estudantes.

3.1 Os desafios da produção textual a partir da interpretação e da leitura de textos filosóficos em sala de aula

Conhecemos as dificuldades que os estudantes do nível médio têm para a interpretação e entendimento dos textos filosóficos, devido à escassez de recursos didáticos e de oportunidades, o que é agravado com as condições institucionais desfavoráveis e a falta de abordagens que valorizem a bagagem cultural dos estudantes. O professor de filosofia deve oferecer condições para que a leitura seja executada em sala de aula.

O primeiro passo na leitura do clássico é a seleção de partes importantes do diálogo entre os personagens, considerando os conceitos e os temas levantados no texto. Na leitura do texto, vale privilegiar a metodologia analítica, estruturando o raciocínio em partes e concatenando as ideias principais. A partir do “Laques”, fizemos este trabalho analítico em sala de aula nas turmas do Ensino Médio (aproximadamente 800 alunos), da escola Estadual Professor Waldocke Fricke de Lyra, no ano de 2024.

Durante o desenvolvimento das atividades, foram aplicados questionários²⁶. De certa maneira, criamos ali um ambiente no qual o ensino se tornou também um campo de pesquisa, cuja experiência tem sido valiosa para o desenvolvimento dessas reflexões sobre o ensino e a aprendizagem da filosofia em sala de aula, tendo como base minhas interações com os estudantes, as perspectivas e as manifestações que eles aportaram para o meu próprio conhecimento.

Na visão de Brandão (2009), a estereotipia dos alunos exprime não apenas uma forma de clichê, mas significa um mecanismo discursivo complexo. Isto implica dizer que os alunos precisam se relacionar com a práxis em que aplicam a teoria na análise textual. De acordo com a autora, ainda é importante destacar o aspecto crítico, isto é, como reconhecer estereótipos que revelam relações de poder. Se, por exemplo, um jovem que vem de comunidade carente traz uma visão de mundo diferente na sua escrita com argumentos prontos.

Considerando o estereótipo como um elemento constitutivo de toda práxis discursiva, assimilado a um “lugar comum” no sentido próprio da expressão, isto é, como um terreno de saberes partilhados entre elocutórios, a noção de estereótipo permite uma abordagem interessante no plano da didática, pois como relativo estabilizador de sentidos e formas, pode fornecer índices de legibilidade dos discursos, facilitando a apropriação de diferentes variedades do conteúdo e da expressão. Segundo essa perspectiva, “não se dará à estereotipia o sentido pejorativo que tem de hábito, na medida em que ela é concebida como um meio de ensino de códigos de leitura e de escritura, códigos indispensáveis a toda aprendizagem” (Brandão, 2009. p. 119).

O risco na produção textual dos alunos está na reprodução de estereótipos sem consciência em redações ou argumentos, enfraquecendo sua autoria e crítica, o que se agrava pela emergência na atualidade das várias inteligências artificiais que constroem textos.

O desafio pedagógico na aula de filosofia é romper com a estereotipia, formando leitores/redatores de discursos críticos, capazes de questionar, de perceber e de produzir sentidos novos e responsáveis. As práticas que realizamos em sala de aula com os alunos de filosofia, com a encenação de textos da Filosofia Antiga, ajudaram na quebra desta estereotipia.

3.2 O *elenchos*²⁷ socrático como práxis filosófica

Em nossa investigação, buscamos um modelo de procedimento proveitoso para romper com o hábito da estereotipia na produção textual dos estudantes do ensino médio. O termo

²⁶ O quantitativo de alunos dos questionários se encontram nas páginas 148 e 149.

²⁷ Este termo não foi mencionado nos capítulos anteriores como a ironia e a maiêutica. Esta foi uma opção do autor em utilizar este vocábulo nas atividades no âmbito da sala de aula. Por exemplo: o café filosófico como a prática do *elenchos* entre o docente e os discentes.

elenchos se refere a um argumento de refutação, isto é, significa submeter à verificação/escuta refutativa. Este argumento refutativo é colocado em prática por Sócrates quando ele examina os conceitos e crenças de seus interlocutores (Cf. Liddell, 1925, p. 531).

Por meio do *elenchos*, Sócrates buscava estimular a reflexão crítica e a busca pela verdade, levando os indivíduos a repensar suas ideias e chegar a uma compreensão mais aprofundada sobre temas como justiça, virtude, coragem, entre outros. Esse procedimento foi caracterizado por sua abordagem dialógica e pela busca por conhecimento por meio de cuidadoso questionamento.

O *elenchos* é fundamental para o método socrático porque valoriza o exame minucioso das crenças e a busca pela sabedoria por meio do diálogo e da autorreflexão. Desta forma, o que podemos tirar da prática educadora de Sócrates para responder às inquietações de um professor de escola pública em Manaus? Podemos obter lições da franqueza examinatória desta prática socrática para os professores da nossa região.

3.3 Os *Elenchoi* (ἐλεγχοί) no “Laques”

O termo *elenchoi* (plural de *elenchos*) designa o método socrático de interrogação e refutação, como se mostra no “Laques” de Platão. Nos diálogos platônicos, Sócrates aplica essa técnica através de perguntas precisas, revelando falhas ou contradições nas ideias de seu interlocutor. A finalidade do *elenchos* vai além da simples refutação, pois busca conduzir o indivíduo a uma reflexão mais profunda sobre suas convicções e conceitos.

No diálogo sobre a coragem entre Laques e Nícias, o *elenchos* tem um papel crucial. Ele submete as definições apresentadas a um exame lógico rigoroso, expondo suas possíveis inconsistências. Esse processo de questionamento é fundamental para a análise filosófica das virtudes e para a construção de uma compreensão mais sólida dos princípios éticos. Ao interrogar os dois generais, Sócrates não busca apenas uma definição abstrata, mas expõe as contradições que existem naquilo que eles acreditam e como realmente vivem e agem. O objetivo socrático não é a refutação destrutiva, porém, ele busca incentivar uma vida de autoconhecimento e coerência, onde o saber sobre a virtude se torne inseparável da sua realização prática.

Através dos *elenchoi*, Platão oferece aos leitores uma visão crítica sobre a natureza da coragem e da sabedoria, convidando-os a questionar e refletir sobre suas próprias convicções morais. O diálogo “Laques” exemplifica como o *elenchos* é empregado por Sócrates para desafiar as opiniões dos interlocutores e promover a reflexão sobre temas éticos fundamentais

dentro da filosofia. Este método pode ajudar nos questionamentos dos professores em sala de aula, assim também como a franqueza examinatória na interação dos professores com os alunos?

Platão argumenta, na “Apologia”, na medida em que o poder desses supostos “sábios” se funda na doxa, na reputação que possuem junto ao público, o *elenchos* socrático se configura como uma ameaça potencial a esse poder fundado na aparência de um saber que eles próprios não possuem (Cf. Lopes, 2011, p. 55).

No “Laques”, aparecem quatro exemplos dos *elenchoi*. O primeiro *elenchos* tem como movimento a seguinte estrutura:²⁸

- “Coragem é a perseverança da alma”; - “Coragem é uma coisa bela e boa”; - “A perseverança da alma unida à razão é bela e boa” (Cf. Platão, 2015, p. 73 [192c]); - “A perseverança na ignorância é funesta e pernicioso”; - “Alguma coisa boa não é funesto e pernicioso”; - “Portanto, a coragem não persevera na ignorância”; - “Logo, a coragem é perseverar na sabedoria” (Cf. Platão, 2015, p. 75 [192d]).

- “Um homem que persevera em gastar com parcimônia o seu dinheiro, sabendo que ele vai receber mais, não é corajoso” (Cf. PLATÃO, 2015, p. 75 [192e]); - “Um médico que nega tratar o seu paciente, sabendo esta doença pode maltratar o paciente, não é corajoso”; - “Um soldado que se dispõe a lutar com um inimigo, sabendo que o inimigo está em desvantagem em vários caminhos, é menos corajoso que o seu inimigo, que continua lutando no posto de combate” (Cf. Platão, 2015, p. 75 [193a]).

- “Um cavaleiro que conhece (*episteme*) a arte da cavalaria se mostra perseverante, seria menos corajoso do que o que carece do conhecimento desta arte” (Cf. Platão, 2015, p. 75 [193b]). “A pessoa que tem experiência e luta com uma funda, cuja persistência decorra de sua perícia (*tecné*), é menos corajoso que a pessoa que persevera sem esta matéria (Cf. Platão, 2015, p. 75 [193b]). “Um indivíduo que se joga num poço sem ser forte na profissão de mergulhador é mais corajoso que o perito nesta matéria” (Cf. PLATÃO, 2015, p. 76 [193c]).

“Todas aquelas pessoas que perseveram sem ser especialistas em nada, correm o risco e perseveram mais, sendo ignorantes em relação àqueles que são peritos (*tecné*)” (Cf. Platão, 2015, p. 77 [193c]). “Portanto, coragem é uma persistência vergonhosa e insensata” (Cf. Platão, 2015, p. 77 [193d]).

A primeira premissa, a coragem como perseverança da alma com sabedoria, mostra que a coragem é boa, mas não pode ser uma perseverança na ignorância. Logo a coragem deve ser a perseverança na sabedoria. A função do *elenchos* apresenta que Sócrates não está refutando, mas purificando a definição. Esta virtude, portanto, está intrinsecamente ligada a um tipo de saber.

²⁸ O esquema proposto toma como referência a dissertação de mestrado de FÁBIO AMORIM DE MATOS JÚNIOR, intitulada A CONTEXTUALIZAÇÃO DRAMÁTICA DO LAQUES E SUA RELAÇÃO COM A APOLOGIA DE PLATÃO, defendida junto à UNICAMP, em 2008.

A outra premissa inicia a refutação propriamente dita. Sócrates demonstra que, se a coragem for simplesmente “perseverança com sabedoria”, então os profissionais no texto são considerados corajosos. Contudo, a intuição moral confirma que eles não são. O Elenchos mostra que a definição “perseverança com sabedoria” é muito ampla e inclui casos que não consideramos corajosos.

Na terceira premissa, onde a coragem é mais presente na ignorância do que no conhecimento técnico apresenta a função do Elenchos ligada aos especialistas que conhecem os perigos e têm habilidades e deveriam ser os mais corajosos. Portanto, a coragem depende do conhecimento enquanto episteme ou *téchne*. O Elenchos revela uma contradição profunda, ou seja, a definição purificada (coragem com sabedoria) leva à conclusão paradoxal de que a coragem é, na prática, mais encontrada na ignorância.

Na última premissa, Sócrates extrai a conclusão lógica e inevitável do caminho percorrido. Se a coragem não é a perseverança com sabedoria, como mostra a premissa dois, é mais evidente na ignorância, como mostra a premissa três, então, a única conclusão possível é que a coragem, pela definição que estão examinando, se revela como uma teimosia tola e perigosa. O objetivo do Elenchos demonstra que a definição investigada é insustentável e leva a um absurdo.

O *elenchos* tem como objetivo pôr à prova o pretensão saber dos interlocutores de Sócrates e denunciar para o público a fanfarronice dos “medalhões” da época, como Laques e Nícias.

A intenção de Sócrates não era transmitir a falsidade da definição de coragem, mas demonstrar a perseverança da alma. Sócrates considera as premissas sobre o *elenchos*, mas se recusa a aceitar estas premissas como válidas. Contudo, o mais importante é a perseverança em tentar definir a coragem.

Deste modo, ele deixa claro, no que diz respeito ao *elenchos*, a possibilidade de alcançar, pelo uso desse método, uma definição válida da noção de coragem.

A que nos manda persistir. Caso queiras, prossigamos em nossa investigação com persistência, para que a coragem não se ria de nós, por não a procurarmos com coragem, pois pode muito bem acontecer que coragem não seja de fato, persistência (Platão, 2015, p. 79 [194a]).

Os próximos *elenchoi* (segundo e terceiro) realçam pontos de vista e características importantes de Sócrates. O segundo *elenchos* é empregado por Laques contra a definição de Nícias, realçando que a coragem significa o conhecimento do medo e da ousadia.

- “Coragem é conhecimento (*episteme*) do medo e das coisas ousadas, na guerra e em outra situação” (Cf. Platão, 2015, p. 81 [194e – 195a]); - “Os médicos conhecem os perigos das doenças. Os médicos não são corajosos” (Cf. Platão, 2015, p. 81 [195b]); - “Os lavradores conhecem os perigos inerentes aos trabalhos de campo e os outros artesãos conhecem o medo e as coisas ousadas dos seus ofícios (*técnicas*)” (Platão, 2015, p. 83 [195b]); - “Os lavradores e os artesãos não são corajosos” (Platão, 2015, p. 83 [195c]); - “(Somente?) os adivinhos conhecem as coisas temerosas. O adivinho não é corajoso” (Platão, 2015, p. 83 [195e]).

O terceiro *elenchos* é empregado por Sócrates contra as mesmas definições.

- “Coragem é conhecimento do que é de temer”. Portanto, se alguém não adquire este conhecimento (de acordo com Nícias, poucas pessoas fazem), logo, eles não são corajosos” (Platão, 2015, p. 85 [196d]); - Assim, ou as feras selvagens não são corajosas ou elas são corajosas, pois conhecem coisas que raros homens chegam a compreender” (Platão, 2015, p. 87 [196e]); - “As feras selvagens não são tão sábias, pois elas conhecem coisas que raros homens chegam a compreender” (esta premissa é sugerida por Sócrates ao apresentar os animais corajosos). “Algumas feras selvagens são corajosas” (esta premissa é sugerida por Laques [197a]).

Nestes dois *elenchoi*, Nícias evita as consequências adversas ao restringir o alcance das premissas. Na primeira premissa, ele nega que o médico possua um conhecimento sobre o que é preferível temer, pois, em determinados casos, pode ser melhor temer a saúde do que a doença. Este argumento se estende para os casos do lavrador, do artesão e do vidente. Nícias argumenta que os conhecimentos que estes profissionais possuem se referem aos seus ofícios e não ao que é de temer ou de não temer.

Assim, ao negar que tenha qualificado algum animal como corajoso, Nícias escapa das armadilhas dos *elenchoi* lançadas por Sócrates e Laques, ao passo que Sócrates, ao insistir na relevância de se examinar com precisão o sentido das palavras, desata o sofisma elaborado por Nícias a partir da arte de Pródigo. Deste modo, Sócrates não acredita que estes *elenchoi* estabelecem a verdade nem a falsidade das definições propostas de coragem, mas eles estabelecem consistência ou inconsistência daquilo que Nícias acredita.

O quarto *elenchos*, ou *elenchos* final do “Laques”, prossegue conforme o movimento do texto abaixo:

“Coragem é uma parte da virtude” (Cf. Platão, 2015, p. 89 [198a]); - “As coisas terríveis são os futuros males” “As mesmas coisas é a mesma ciência que as conhece no presente, no passado e no futuro” (Cf. Platão, 2015, p. 93 [199a]);

Assim,

“coragem não é apenas conhecimento do medo e do que é de confiar das, mas ela é conhecimento do passado, do presente e do futuro das coisas boas e más” (Cf. Platão, 2015, p. 93 [199b-c]).

Destarte,

“se alguém conhece todos os bens e todos os males (passado, presente e futuro), esta pessoa não está desprovida de nada. Então, a coragem não é parte da virtude, mas ela é toda a virtude. Logo, nós não descobrimos o que seja a coragem” (Cf. Platão, 2015, p. 93-95 [199d-e]).

No último *elenchos*, portanto, Sócrates retoma a premissa a partir da qual se desenvolveu o argumento de Nícias, cujo exame permitiu desvelar a ligação deste com as doutrinas de Damão e Pródigo. Tais doutrinas, no entanto, não se sustentam ao serem analisadas sob o crivo da universalidade, concebida como requisito indispensável da ciência, o que leva os interlocutores a admitirem que caíram em um círculo vicioso do qual ainda não foram capazes de sair, confessando, assim, que continuam a ignorar em que consiste a coragem.

3.4 A recepção do “Laques” na sala de aula

As atividades em sala de aula foram muito proveitosas. Vale ressaltar, para fins de contextualização, que as salas de aula são heterogêneas, isto é, existem turmas com alunos que apresentam diferentes características, como níveis de conhecimentos, ritmos de aprendizagens, motivações diferenciadas, entre outros.

No dia da atividade, fazia muito sol e, em algumas turmas, utilizamos o método peripatético de Aristóteles com os seus discípulos, ou seja, leitura e debate embaixo das árvores, o que abrandou o calor e motivou a participação da turma. O número de moças e rapazes é considerado equilibrado nas salas, pois o quantitativo dos alunos de cada sexo nas turmas é definido equitativamente.

Todos os dias (de segunda a sexta-feira), realizamos as atividades com três, quatro ou cinco turmas. Não era uma semana de provas, mas aproveitamos o ensejo e avaliamos os alunos com os trabalhos que eles realizaram de leitura, debates e apresentações. Ali estava o pesquisador, mas também o professor.

Durante a semana, os alunos têm apenas uma aula de filosofia, porém, é possível atender todas as turmas nas aulas de 45 minutos. Dentre as perguntas que os alunos fizeram em relação a atividades, destacam-se:

- “Por que a leitura deste texto grande, o ‘Laques’ de Platão?”
- “Quem é Laques?”
- “O que é coragem?”

- “Como podemos educar os nossos filhos na sociedade atual?”
- “Quem foi Sócrates?”, entre outras.

O planejamento foi bem elaborado, no entanto, existiam as dificuldades (internet, impressão dos textos, livros etc.) que impediram muitas vezes o professor pesquisador de executar satisfatoriamente alguns aspectos do plano de trabalho, porque nem sempre os recursos didáticos estavam à disposição nossa e dos alunos.

Nem todos os alunos tinham acesso aos recursos didáticos, mas, para esta pesquisa, foi possível contornar a situação com alternativas na aplicação da atividade: os alunos que não tinham internet para acessar o texto na plataforma Gr8²⁹ receberam o texto impresso providenciado pelo professor.

Como professor-pesquisador, observei que esta atividade de leitura e de apresentação de trabalhos foi bastante produtiva e relevante para o conhecimento filosófico dos estudantes. A maioria dos alunos jamais havia tido contato com um clássico da filosofia para executar este tipo de atividade em sala de aula ou no pátio da escola.

Observo que as turmas se interessaram em apresentar o texto por meio de várias formas de linguagem (cafés filosóficos, desenhos, jogos na internet, redações etc.). Examinei também que muitos estudantes compartilharam suas experiências³⁰, confrontando o texto com a própria vida nas seguintes perspectivas: ética, moral, política, virtude, etc.

Na questão da ética, eles comentaram em relação às escolhas dos filhos e à educação dos pais. Em relação à moral, os alunos discutiram sobre os costumes e a cultura da época, relacionando com a cultura atual.

Durante a leitura do texto do “Laques”, manifestaram-se alguns estereótipos sociais e intelectuais por parte dos estudantes no aprofundamento deste clássico da Filosofia. Mas observamos também que se apresentaram expressões das individualidades e da consciência crítica deles, ao estudar esta obra de Platão.

O primeiro estereótipo foi a categorização superficial baseada na primeira leitura do texto, em que os alunos muitas vezes são rotulados como “desinteressados”. Porém, a maioria destes estudantes responde com criatividade às atividades propostas de filosofia.

A consciência crítica destes estudantes se dá no aprofundamento da leitura, fazendo-se um exame rigoroso das palavras e da análise estruturada do texto. Este é um processo de

²⁹ Esta plataforma está disponível no site: <https://docente.gr8.com.br/>. Cada professor e cada estudante tem o seu login e senha para entrar na plataforma.

³⁰ Vários temas surgiram das experiências compartilhadas. Fizemos uma nuvem de palavras destas experiências que se encontra nas páginas 67 e 129.

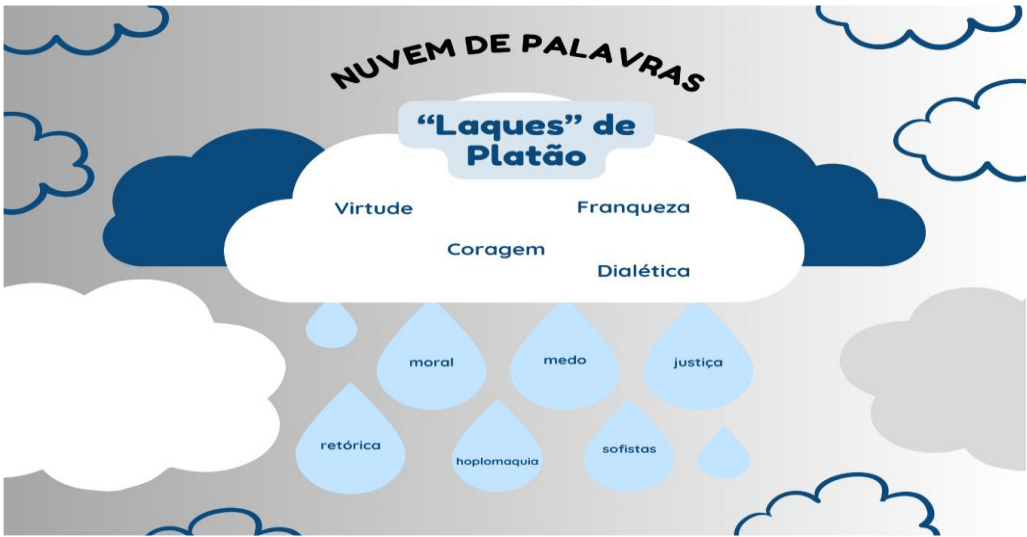
desconstrução dos estereótipos e pré-conceitos, em que começa um caminho de reflexão crítica sobre a realidade em confronto com os textos da Filosofia.

Para alguns alunos, o “Laques” pode parecer um texto árduo, difícil de entender, pois são estudantes da educação básica. Contudo, estas barreiras rumo ao conhecimento profundo podem ser derrubadas, não obstante os limites de seu próprio entendimento. Abraçar a leitura do “Laques” significou nesta pesquisa questionar os estereótipos das turmas e conquistar a própria individualidade reflexiva autêntica e transformadora.

Este texto aporético é um convite permanente para continuar a labuta do pensamento.

Abaixo, apresentamos algumas palavras que mais apareceram no estudo do “Laques” e nos trabalhos em sala de aula com as turmas de Ensino Médio:

Figura 1 – Nuvem de palavras do “Laques” de Platão



Fonte: Montagem do autor, 2025.

No que diz respeito à política, eles enfatizaram os cargos que as pessoas exercem na sociedade e que envolvem uma questão política. Para o tema da virtude, verifiquei o interesse deles pela questão da coragem, pois os alunos tentaram dar uma definição partindo da realidade deles e da vida deles. Assim, constatei que os nossos alunos têm grande potencial de aprendizado e necessitam apenas de alguma provocação e motivação para a partilha de experiências em sala de aula. De acordo com o PPP da escola, seguimos a seguinte habilidade para esclarecer a expressão “cidadania digital”: conhecer a ética e a moral na história da Filosofia, ou seja, os diferentes modos de ser do sujeito ético nos diferentes tempos e lugares (EM13CHS102)³¹.

³¹ Esta sigla é um código de habilidade da Base Nacional Comum Curricular (BNCC). EM significa o nível de ensino, isto é, o Ensino Médio. O número 13 corresponde às series, ou seja, 1ª a 3ª séries do Ensino Médio. CHS refere-se à área do conhecimento, quer dizer, Ciências Humanas e Sociais Aplicadas.

Averigui também que a dificuldade de interpretação de textos e de leitura dos alunos em sala de aula se dá devido ao pouco costume de praticar essa atividade. Um dos problemas em sala de aula tem a ver com o celular e o uso de jogos (*Freefire* e outros) por parte dos alunos. Os estudantes não se concentram mais nas aulas de filosofia ou de outro componente curricular, pois o vício por jogos, incluindo os de ação e violência, tomou conta da rotina dos jovens.

Os jogos, como ferramentas de ensino na filosofia ou noutro componente curricular, com características próprias, dinâmicas e voltadas à época atual, resultam em uma aprendizagem mais compatível com a linguagem da juventude atual.

Os contatos dos estudantes com as plataformas digitais de leitura, especialmente na hora de ler e interpretar, envolvem aspectos positivos, desafios e transformações nas práticas pedagógicas. Os estudantes tiveram o acesso imediato ao texto e a dicionários para usar como suporte.

O engajamento e interatividade em sala de aula através dos novos recursos digitais (vídeos, áudios, animações, etc) contribuíram com as apresentações dos trabalhos. Equilibramos o uso das plataformas sem abandonar os textos impressos. Trabalhamos também a cidadania digital através da ética na curadoria do material, na privacidade e no combate às *fake news*.

3.4 O diálogo “Laques” no espaço digital

Propomos uma sequência didática que tinha por objetivo trabalhar o ensinamento socrático exposto no diálogo “Laques”, de Platão, tendo como ferramentas as tecnologias de aprendizagem hoje disponíveis nas escolas. Nossa proposta está ancorada na pesquisa publicada por Caio Gonçalves Bezerra Sereno, Marília Mello Pisani e Patrícia Del Nero Velasco, intitulada “Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível” (Sereno *et alii*, 2010).

As estratégias da sequência didática estão apresentadas abaixo, com todas as turmas (16 turmas da 1ª a 3ª séries) do Ensino Médio, sendo:

- **Aula expositiva:** apresentação do texto “Laques”, de Platão, em sala de aula e leitura analítica e interpretativa com os alunos (45 minutos).

- **Atividade em grupo:** incentivar os alunos à pesquisa das palavras desconhecidas nos dicionários e nas enciclopédias e ao registro delas no caderno para a criação de um texto pequeno (6 meses).

- **Aula de debate (café filosófico):** promover um debate na sala de aula para discutir os temas tratados no texto de Platão sobre a educação socrática (45 minutos).

- **Pesquisa e apresentação:** os alunos pesquisaram e analisaram casos de uso irresponsável das tecnologias digitais e apresentar soluções éticas e conscientes para evitar esse tipo de comportamento (6 meses).

- **Feira filosófica:** exposição dos textos e quadrinhos escritos a partir do texto “Laques” (45 minutos).

- **Material nas plataformas digitais:** inserir o material preparado pelos alunos nas plataformas tecnológicas, tais como: Gr8 e Word Wall.

O público jovem de hoje está imerso na tecnologia através dos aparatos e ferramentas tecnológicas e mídias sociais. A Filosofia analisa e avalia o uso destas, assim como o impacto na vida das pessoas. Todas as tomadas de decisões no âmbito da política, da sociedade, do meio ambiente, da economia e da cultura necessitam dos meios de comunicação de massa, e as tecnologias que envolvem as redes sociais têm papel fundamental na criação de novos horizontes.

Ao refletir sobre a ética no espaço, no tempo e nas diversas culturas, a Filosofia conduz o aluno a pensar e, ao mesmo tempo, a escolher o caminho certo, valorizando a liberdade, a religião, a autonomia e a convivência democrática com um espírito solidário para com o ser humano.

As aulas

A sequência proposta se divide em quatro aulas, que são:

1ª Aula – Temática: “Quem são Platão e Sócrates?”;

2ª Aula – Temática: “Educação socrática”;

3ª Aula – Temática: “A virtude da coragem”; e

4ª Aula – Temática: “Laques de Platão”

Estes temas partem do estudo da obra “Laques”, de Platão.

1ª Aula – Temática: Quem são Platão e Sócrates?

Para este tema, calculam-se duas aulas. Neste primeiro momento, é importante iniciar a atividade fazendo uma comparação entre Platão e seu mestre Sócrates, abordando um pouco da história dos dois filósofos. A primeira aula consiste numa abordagem histórica da filosofia

platônica, com uma apresentação de slides que expõe a parte teórica e uma proposta avaliativa com um *quiz*³², que é utilizado de modo alternado com as explicações.

Sócrates nasceu no ano de 470 a.C. e morreu no ano de 399 a. C., e foi um pensador grego fundamental para o ocidente. Não escreveu nada em sua trajetória, mas sabemos alguma coisa da sua vida através dos escritos de outras pessoas. Por outro lado, Platão (428/427-348/347 a.C.), Xenofonte (430-354 a.C.) e Aristóфанes (446-386 a.C.) escreveram várias obras que mencionam o mestre sábio do Oráculo de Delfos. É na “Apologia”, diálogo escrito por Platão, que Sócrates conclui que não sabe nada (Cf. Prado, 2024, p. 21).

Problematização Dialógica:

Figura 2 – Slides das aulas de filosofia.



Andrade Filho, L.S., 2023. Aulas de filosofia semanais

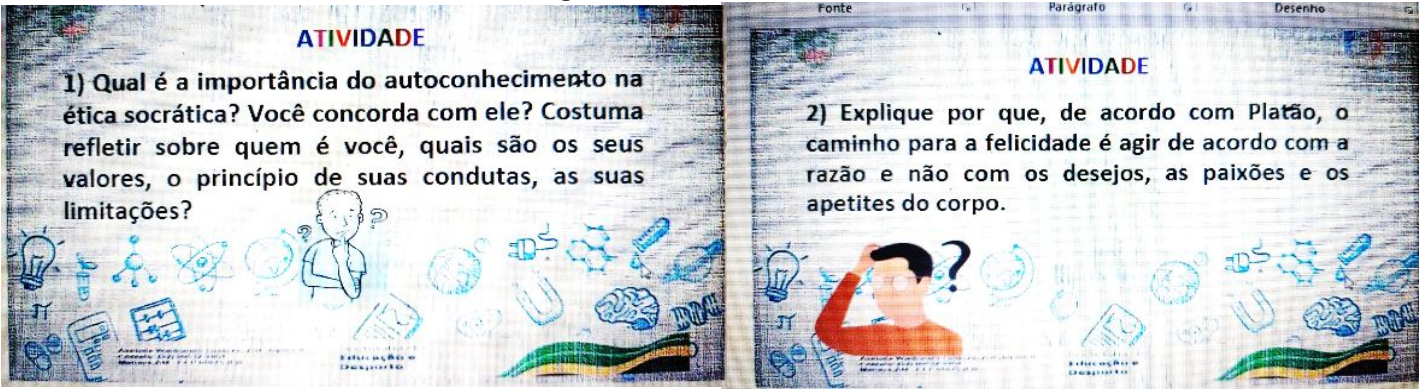
³² Esta palavra consiste num questionário rápido como um teste informal ou jogo de perguntas e respostas voltado para um tema específico ou componente curricular específico trabalhado nas escolas como uma metodologia de aprendizagem (Cf. OXFORD UNIVERSITY PRESS. Oxford English Dictionary (OED Online). 3ª ed. Oxford, 2024. Verbete: Quiz. Disponível em: <<https://www.oed.com/>>. Acesso em: 29 jul. 2025).

Neste plano, a dinâmica envolvendo a teoria e a prática se desenvolve pela exposição em slides. O problema dialogado com os alunos foi a partir do questionamento “você gosta de reality show?”. Logo em seguida, apresentam-se os programas de confinamento no Brasil e a frase socrática: “Conhece-te a ti mesmo!”. Depois, explica-se para os alunos a história de Sócrates e de Platão na forma de mapa mental, como mostra a ilustração acima.

Sensibilização:

Nesta etapa, os alunos responderam duas questões sobre Sócrates e Platão enquanto o professor toca a flauta como indução à meditação do pensamento. Dar-se-á um tempo de 5 a 10 minutos para esta etapa.

Figura 3 – Questionamentos nos slides



Fonte: Montagem do autor, 2023.

Conceituação:

Neste momento, os alunos fizeram uma pesquisa sobre os conceitos encontrados na obra “Laques” utilizando o dicionário filosófico de Nicolas Abbagnano. Cada aluno poderá utilizar o celular para a pesquisa dos termos filosóficos encontrados na aula expositiva.

Investigação textual:

Esta etapa tem muita importância no campo da filosofia, pois ajuda os alunos a entrarem nos textos dos filósofos e os confrontarem com a vida. Essa investigação foi elaborada a partir da leitura do “Laques” por meio de novas tecnologias, que apresentam os textos de Platão em um site ao se escanear um QRcode através do celular, como mostra a figura abaixo.

Figura 4 – Uso das novas tecnologias na aula de filosofia através do QR code.



Andrade Filho, L.S., 2023.

Avaliação:

Na última etapa avaliativa, fizemos uma sondagem entre os alunos, em sala de aula, para determinar quais aprenderam o pensamento socrático através do discípulo Platão. Foi solicitado que os alunos escrevessem sobre os temas éticos e políticos apreendidos do diálogo platônico, explicando os sentidos dos termos e propondo relações com a realidade dos estudantes.

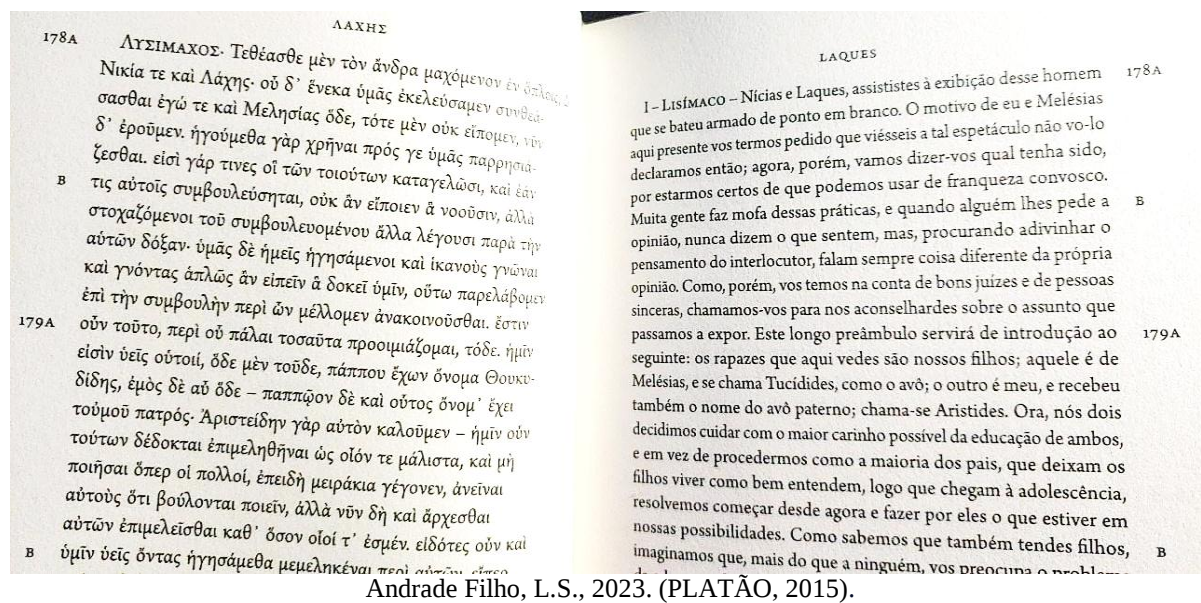
2ª Aula – Temática: Educação socrática

Para esta temática, calcula-se 2 aulas, em que há, na primeira, uma leitura do texto “Laques” de Platão em sala de aula, anotando-se as palavras desconhecidas do texto e fazendo-se uma pesquisa dos vocábulos desconhecidos. A segunda aula consiste em consultas na enciclopédia Barsa e no dicionário filosófico de Nicolas Abbagnano disponibilizados em PDF na plataforma Gr8 da escola. O professor traz à tona as palavras anotadas na aula anterior e pede para os alunos redigirem um texto no estilo de um relatório, contendo 10 a 15 linhas, com estas palavras, sem fugir do texto proposto pelo professor.

Problematização Dialógica:

A problematização destas duas aulas será desenvolvida mediante a leitura e a pesquisa em sala de aula, a partir do diálogo “Laques”, de Platão.³³ No primeiro momento os alunos farão uma leitura no celular ou no Datashow junto com o professor para situar os temas e os problemas para serem pesquisados e debatidos.

Figura 5 – Foto do texto “Laques”³⁴ Platão em grego e em português. em grego e em português.



O “Laques”, de Platão se passa em Atenas, provavelmente depois da Batalha de Mantinea (418 a.C.), onde o general Laques, que dá nome ao diálogo platônico, morre. O diálogo desta obra inicia com a preocupação de dois pais, Lisímaco e Melésias, que, preocupados com a educação de seus filhos, procuram conselho com dois generais experientes em batalha, Laques e Nícias, para aprender o combate com armadura completa (hoplomaquia). Sócrates entra em cena ao apresentar a questão fundamental e o objetivo final da educação: o cultivo da virtude da alma. A hoplomaquia só é benéfica se contribuir para este objetivo, especialmente para a virtude da coragem.

Sensibilização:

³³ Platão, 427-347 a.C. Λάχης = Laques. Εὐθύφρων = Eutífron / Platão; tradução Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. – 3. ed. ver. e bilingue. – Belém: ed.ufpa, 2015.
³⁴ Ibidem.

Para a leitura com os alunos, o som da flauta é bem aceito durante o contato com texto filosófico. A música³⁵ é um recurso de ensino utilizado pelos gregos e por Platão, e pode ajudar na meditação sobre o texto.

Conceituação:

Este momento, segundo o estudo de Caio Gonçalves Bezerra Sereno, Marília Mello Pisani e Patrícia Del Nero Velasco, intitulado “Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível” (Sereno *et alii*, 2010, p. 158), implica a formação de conceitos, que é uma atividade crucial para que uma aula de filosofia seja bem-sucedida.

Na obra “O que é filosofia?”, Deleuze e Guattari (1992) propõem a fabricação de conceitos dentro da filosofia como uma arte. Esta obra faz a distinção entre a filosofia da ciência e a da arte. Enquanto a filosofia cria conceitos (entidades imanentes, problemas da vida, etc.), a arte e a ciência lidam com funções e perceptos/afetos. Diante da problemática formulada com os estudantes, partimos para a busca de possíveis soluções. Essa busca consiste na elaboração de conceitos.

A aquisição dessas noções se desenvolve mediante a reelaboração de antigos conceitos da filosofia para responder às perguntas levantadas pelos alunos.

Conceituação. Este momento é imprescindível para uma boa aula de Filosofia, dado o caráter essencial desta de “formação de conceitos”: serão apresentados os conceitos que trazem possíveis soluções para a problemática e, mediante a aquisição desses conceitos elaborados pelos filósofos, serão feitas recriações conceituais que atendam às necessidades da problemática (Sereno et al., 2010, p. 158).

Investigação textual:

Para este momento, cria-se um debate em sala de aula sobre os temas encontrados no texto “Laques” de Platão, apresentando os personagens e o contexto em que foi escrito este texto.

Trilha para o desenvolvimento da investigação semestralmente (individual e grupal)

- Qual é o papel exercido por Lísímaco e Melésias no diálogo?

³⁵ As duas músicas utilizadas nesta etapa foram músicas instrumentais na flauta do grupo Raízes Cabocla.

- Qual é o papel exercido por Nícias e Laques no diálogo?
- Qual é o papel de Sócrates no diálogo?
- Por que, apesar do fracasso da pesquisa empreendida no diálogo, todos os interlocutores de Sócrates ainda mantiveram a confiança nele para exercer o encargo de educar os outros?

Avaliação:

Neste momento, pede-se para os alunos escreverem um texto contendo de 10 a 15 linhas sobre os temas pesquisados em sala de aula ou mesmo sobre o entendimento do texto “Laques”, de Platão.

3ª Aula – Temática: A virtude da coragem

Para a abordagem deste tema, calcula-se que serão necessárias duas aulas de 50 minutos.

A primeira aula diz respeito ao aprofundamento do texto de Platão sobre a importância da virtude da coragem na educação dos jovens para o exercício da sua cidadania, organizando-se a apresentação de um debate e/ou café filosófico sobre os temas abordados.

As vantagens da primeira aula consistem em provocar entre os estudantes a discussão dos temas apresentados. As divagações são um desafio e uma oportunidade para estimular o estudante a tentar encontrar no “Laques” um pensamento para a sua vida ou para o seu contexto sociocultural. A escolha de um clássico da filosofia pode desafiar os estudantes a vencerem sua insegurança concernente a falar em público sobre “coisas difíceis”.

A segunda aula implica na exposição de trabalhos textuais e artísticos dos alunos na feira filosófica a partir do “Laques”.

Problematização Dialógica:

Estas duas aulas foram desenvolvidas a partir da práxis dialógica dos alunos no café filosófico, com a utilização do laboratório de informática para a produção de jogos a partir da plataforma Wordwall.

Sensibilização:

A sensibilização deste momento será a partilha dos alimentos no debate e/ou café filosófico antes da discussão dos temas em questão. Cada aluno partilha alguma coisa e se prepara para o debate a partir do “Laques”.

Conceituação:

No debate filosófico, os alunos podem pesquisar algumas concepções a partir de um conceito e apresentar novas concepções partindo do mesmo. No “Laques”, o conceito de coragem leva a refletir sobre a relação com outros conceitos, tais como a educação, a virtude, a bravura militar, a firmeza da alma, a prudência, o conhecimento, a excelência ética (Cf. Alves, 2025, pp. 8-11). A coragem é uma das quatro virtudes cardeais elencadas por Platão e uma das virtudes éticas (Abbagnano, 2007, p. 2010). Logo, o termo coragem tem uma concepção antropológica, pois está relacionado com a existência do ser humano.

Investigação textual:

Trilha para o desenvolvimento da investigação semestralmente (individual e grupal)

- Como se pode atestar as práticas da Parresia, do Exame e do Cuidado de Si no Diálogo?
- Quais foram as definições de Coragem examinadas no Diálogo?
- Quem as defendeu?
- Por que nenhuma delas foi aprovada?

Cada aluno irá fazer um aprofundamento pessoal do “Laques” de Platão em casa, para se preparar bem para o debate e para a entrevista com os professores.

Avaliação:

O professor irá avaliar os trabalhos de acordo com o desempenho e a preparação da turma nas apresentações em sala de aula. Os alunos também terão oportunidade de avaliar os trabalhos dos colegas na feira filosófica. É importante levar em conta os questionamentos e a argumentação dos temas tratados no debate.

4ª Aula – Temática: o “Laques” de Platão

Para esta temática, calcula-se 3 sessões de 50 minutos.

A primeira sessão tem como foco o aprofundamento do texto “Laques” de Platão na plataforma Gr8³⁶. O trabalho com o texto deve acontecer de forma interdisciplinar (Filosofia, Artes e Língua Portuguesa).

Na segunda sessão, será feita a apresentação dos trabalhos numa feira filosófica, onde os trabalhos estarão expostos para a avaliação docente e discente.

As vantagens desta pesquisa estão na leitura, na interpretação e na produção dos alunos a partir de um clássico da filosofia.

Sensibilização:

Tocar músicas amazônicas (*Goteira do Andes* e *Canto da Floresta – Raízes Cabocla*) com a flauta durante a leitura do texto e a apreciação dos trabalhos expostos na feira filosófica.

Problematização Dialógica:

Gerar um debate (café filosófico) sobre a apresentação das três aulas com os alunos, provocando algumas perguntas sobre a exposição dos trabalhos.

Conceituação:

No debate filosófico, os alunos podem pesquisar algumas concepções a partir de um conceito e, em seguida, apresentar novas concepções dessa ideia.

Investigação textual:

Cada aluno irá fazer um trabalho redigido ou artístico (quadrinhos, charge) como aprofundamento pessoal do texto “Laques” de Platão, em casa, apresentando em seguida na feira filosófica.

³⁶ Esta plataforma está disponível no site: <https://docente.gr8.com.br/>. Cada professor e cada estudante tem o seu login e senha para entrar na plataforma.

Trilha com “questões orientadoras”

- Qual é o contexto histórico do diálogo empreendido pelos personagens do "Laques"?
- Qual é o motivo da inquietação dos personagens sobre a juventude ateniense?
- Por que a educação aparece como um tema tão importante a ponto de exigir um debate entre os ilustres personagens da cidade?
- Qual é a relação entre educação, coragem, ciência e virtude estabelecida ao longo do diálogo?

Avaliação:

O professor e os alunos irão avaliar os trabalhos dos colegas expostos na feira filosófica. A produção final será um vídeo com as fotos e filmagens dos trabalhos em sala de aula.

Na terceira sessão, será abordado o “Laques”, de Platão, na plataforma Gr8, tendo o professor já postado na plataforma o texto completo, para os alunos prepararem um trabalho interdisciplinar num período de 3 meses (Língua Portuguesa, Artes e Filosofia).

Sensibilização:

No dia das apresentações dos trabalhos, os alunos fizeram uma feira filosófica, expondo os trabalhos em um varal em sala de aula e executando músicas durante a mostra.

Problematização Dialógica:

Os alunos preparam um café filosófico gerando um debate sobre o “Laques”, de Platão.

Conceituação:

Durante o debate, vários conceitos foram discutidos em sala de aula como forma de enriquecimento dos trabalhos.

Investigação textual:

Cada aluno fez uma redação e/ou história em quadrinhos como aprofundamento pessoal do “Laques”, culminando na exposição no café filosófico e na feira filosófica. Os temas que surgiram nestes trabalhos foram a coragem, a ética, a educação, a hoplomaquia, a virtude, etc.

Figura 6 – Quadrinhos com textos.



Andrade Filho, L.S., 2024.

Avaliação:

O professor e os alunos fizeram a avaliação dos trabalhos dos colegas expostos na feira filosófica e no café filosófico.

Figura 7 – Café filosófico.



Andrade Filho, L.S., 2024.

Avaliação das atividades

A avaliação consiste numa sondagem de aprendizagem a partir de conteúdos e/ou assuntos que podem ser examinados sob formas diversificadas, tais como: feira filosófica, jogos, trabalhos de redações, desenhos, avaliações, cafés filosóficos, etc.

As telas (computadores, celulares, tablets, etc.) fazem parte do dia-a-dia das crianças, jovens, adolescentes e adultos como uma rotina nas diversas atividades.

Os computadores são mais do que telas nas quais a personalidade das pessoas é projetada. As telas dos computadores e dos celulares já se tornaram uma parte de como uma nova geração está crescendo. Para adultos e crianças que programam, jogam jogos de computador, que usam o computador para manipular palavras, informações e imagens visuais, os computadores entram no desenvolvimento da personalidade, da identidade e até mesmo da sexualidade deles (Turkle, 2005, p. 21, tradução nossa).³⁷

As crianças de 2 e 3 anos já sabem acessar vídeos e jogos infantis nos celulares para aprender com as telas. Estes jogos podem desenvolver habilidades de solução de problemas que podem aparecer ao longo da vida deles.

Neste processo avaliativo, os alunos, acessando a plataforma *Wordwall* e divididos em equipes de quatro integrantes, criaram jogos a partir do “Laques”, de Platão, como forma de extração dos conhecimentos deste texto de forma lúdica na linguagem juvenil atual.

³⁷ *Computers are more than screens onto which personality is projected. They have already become a part of how a new generation is growing up. For adults and for children who program, play computer games, who use the computer for manipulating words, information, and visual images, computers enter into the development of personality, of identity, and even of sexuality. (Turkle, 2005, p. 21).*

A gameficação³⁸ nas escolas está se tornando frequente como forma de atrair os estudantes para um novo caminho de ensino-aprendizagem em todos os componentes curriculares.

Figura 8 – Criação de jogos na plataforma Wordwall.



Andrade Filho, L.S, 2024.

Antes da avaliação, o professor levou os alunos para o laboratório de informática e os ensinou a criar os jogos na plataforma *Wordwall* a partir do “Laques”, de Platão.

Eles formaram grupos de 4 pessoas para a execução da tarefa (criação dos jogos).

Avaliar é imprescindível, porque o ato de educar está diretamente vinculado à ação-reflexão-ação.

Para chegar a este estágio avaliativo, os alunos passaram por um processo de adentrar no “Laques”, de Platão, explorar o conhecimento, através da reflexão, e apresentar esta reflexão nos jogos criados.

A interatividade dos alunos com as telas e com os jogos no computador fizeram com que os alunos aprendam mais os conteúdos.

Os jogos de vídeo são micromundos computadorizados interativos. (...) Os jogos requerem capacidade complexas e diferenciadas. Alguns começam a constituir uma socialização na cultura de computador: interagimos com um programa, aprendemos a aprender o que ele é capaz de fazer e nos habituamos a assimilar grandes quantidades de informação acerca de estruturas e estratégias interagindo com um dinâmico gráfico no ecrã. E quando dominamos a técnica de um jogo, pensamos em generalizar as estratégias a outros jogos. Aprende-se a aprender³⁹. (Turkle, 2005, p. 67, tradução nossa).

³⁸ Gameficação (adaptação/tradução em português) ou gamification. A palavra vem da língua inglesa e tem ampla difusão em obras norte americanas. No Brasil existem autores que tratam o termo em ambas as formas.

³⁹ *Video games are a window onto a new kind of intimacy with machines that is characteristic of the nascent computer culture. (...) The games demand skills that are complex and differentiated. Some of them begin to constitute a socialization into the computer culture: you interact with a program, you learn how to learn what it can do, you get used to assimilating large amounts of information about structure and strategy by interacting with*

Quando se fala de processo avaliativo através dos jogos, qual seria a vantagem da gameificação em contextos educacionais do Ensino Médio? Na época de Platão, os discípulos de Sócrates foram avaliados pela interação dialógica com o mestre. Nos dias atuais, especificamente nesta atividade, os alunos são avaliados pelo professor a partir do conhecimento filosófico inserido nas plataformas de jogos, nas quais os estudantes têm facilidade de criar produtos que servem como apoio pedagógico na docência de filosofia.

3.5 Os planejamentos (arranjos temporais) das atividades

Realizamos aproximadamente 100 sessões/aulas ao longo de um semestre nas 16 turmas de filosofia. As atividades foram organizadas por unidades temáticas, como apresentamos no tópico anterior do capítulo. Os comandos do professor para os alunos foram de acompanhamento no acesso do “Laques”, fosse do texto físico ou do digital nas plataformas. As modalidades de avaliação foram oral, escrita e artística, e ajudaram no desenvolvimento individual e coletivo das turmas do Ensino Médio.

O planejamento, como caminho metodológico, refere-se a uma forma de organização de atividades para facilitar os trabalhos realizados no cotidiano da vida humana. No campo da educação, as escolas públicas fazem o planejamento de forma cronológica para ajudar na prática de ensino-aprendizagem.

Ao aprofundar o conceito de planejamento, Vasconcellos (2002, p. 78) parte da concepção dicionarizada, ou seja, ele pesquisa nos dicionários este conceito para se chegar a uma definição de planejamento.

Discutir conceitos (de planejamento, de projeto, por exemplo) pode parecer ‘perda de tempo’, sendo que o mais importante seria discutir o como fazer. Ocorre que, com frequência, as ideias mais interessantes sobre a prática acabam advindo justamente da clareza conceitual. Quanto mais se aprofunda o conceito, maior o grau de liberdade, de autonomia do sujeito-professor. Pela negativa: quanto menor a fundamentação, maior a necessidade de receita, de modelo (Vasconcellos, 2002, p. 78).

O conceito de planejamento tem a ver com projeto e organização de alguma atividade a ser realizada em sala de aula ou em outro ambiente. “Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensou... Planejamento é o

processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. ” (Vasconcellos, 2002, p. 79-80).

Refletir e organizar as nossas ações faz parte da prática docente. Na escola em que trabalho, existem dois tipos de planejamento: o planejamento trimestral e o planejamento anual. Há também uma ficha chamada de HTP (horas de trabalho planejada) que registra as avaliações, os conteúdos, as reuniões e as formações de cada professor.

Diante desse contexto, é importante afirmar que o professor, como agente e sujeito na sociedade, é um ser reflexivo e crítico da realidade social e, por isso, tem um importante papel na transformação do contexto social, principalmente, quando propõe projetos científicos e tecnológicos.

Entre os recursos das TIC disponíveis para o uso nas atividades de ensino/aprendizagem, destacam-se a plataforma Gr8 e a plataforma *Wordwall*. Essas ferramentas têm a função educacional de orientar os alunos quanto aos conteúdos, de gerenciar jogos voltados para o conhecimento filosófico, de responder questões voltadas para o ensino da filosofia etc.

O uso destes recursos enseja práticas pedagógicas que favorecem a inclusão dos estudantes na sociedade como portadores de uma nova linguagem de transmissão do conhecimento de forma consciente e responsável. As funções das plataformas digitais são de facilitar o aprendizado dos estudantes favorecendo o desenvolvimento das competências e habilidades da leitura, do debate, do pensamento crítico, da expressão oral, escrita e artística. Assim, favorecem a cooperação, a tolerância, a solidariedade e o pertencimento dos alunos perante a nova forma de ensino.

3.7 Resultados alcançados

A leitura e a análise do “Laques” oferecem uma oportunidade rica para desenvolver as dez Competências Gerais da Educação Básica, conforme estabelecido pela BNCC. A partir das respostas dos estudantes a atividades avaliativas (café filosóficos, quadrinhos, jogos, etc) sobre o texto, é possível identificar como essas competências se manifestam na prática pedagógica no ensino de Filosofia.

Na discussão sobre a definição de coragem no diálogo, os alunos demonstram domínio de conceitos filosóficos, como *areté* (virtude) e *episteme* (conhecimento verdadeiro). O café filosófico foi a ocasião de discutir o conceito de coragem como mera ousadia e da coragem como virtude racional, evidenciando a mobilização de saberes para interpretar o texto nos dicionários e outras obras (competência 1).

Quando questionados sobre os argumentos de Sócrates, alguns estudantes identificam falácias nos discursos de Laques e Nícias, como a contradição entre coragem como perseverança e como saber sobre o temível. Esta concatenação das ideias demonstra capacidade de análise lógica, essencial para o pensamento crítico (competência 2).

Alguns estudantes que relacionam a coragem no “Laques” com exemplos da mitologia grega (como Hércules) ou com heróis contemporâneos (como ativistas sociais) ampliam seu repertório cultural através da interdisciplinaridade, conectando filosofia, história e arte (competência 3).

Respostas bem estruturadas, com introdução, argumentação e conclusão, revelam domínio da linguagem escrita dos estudantes nos trabalhos de redação. O aluno que parafraseia Sócrates “a vida sem reflexão não vale a pena ser vivida” demonstra clareza e coerência na expressão de ideias (competência 4).

Ao pesquisarem sobre o contexto histórico do “Laques” em fontes confiáveis, os estudantes utilizam tecnologias de forma crítica, filtrando informações relevantes para enriquecer seus argumentos (competência 5).

Debates sobre o conceito de coragem nos dias de hoje levam os alunos a refletir sobre valores pessoais. Um estudante que associa a coragem à persistência nos estudos ou ao combate ao preconceito mostra autoconhecimento e proatividade (competência 6).

As respostas que comparam as visões de Laques (coragem como bravura militar) e Nícias (coragem como sabedoria) evidenciam capacidade de contrapor ideias, fundamentando posições com trechos do texto através da argumentação (competência 7).

Estudantes que organizam um cronograma para ler o diálogo platônico e preparar debates demonstram autonomia e responsabilidade, gerenciando seu tempo e recursos de estudo (competência 8).

Nos trabalhos em grupo, alguns estudantes ouviram opiniões divergentes e reformulam suas ideias praticando o diálogo respeitoso, assim como Sócrates faz com seus interlocutores (competência 9).

Ao discutirem como a coragem se aplica a dilemas éticos atuais, como a defesa dos direitos humanos, os estudantes relacionam a filosofia à vida social, exercitando uma postura cidadã na sociedade (competência 10).

Portanto, as respostas dos alunos ao “Laques” não apenas permitem a avaliação de sua compreensão textual, mas também revelam como as Competências Gerais da BNCC se concretizam no aprendizado. Através da filosofia, desenvolvem-se habilidades cognitivas, éticas e sociais, formando cidadãos críticos e conscientes. Portanto, diálogos platônicos, quando

bem mediados, são ferramentas poderosas para uma educação integral nas nossas escolas públicas.

Chegamos aos resultados satisfatórios da pesquisa porque percebemos que os estudantes puderam exercer a prática da *parresia*, do exame, do *epimeléia heautoû* (cuidado de si) e do *elenchos* no estudo e na reflexão da obra “Laques” de Platão. Na prática do exame, os estudantes participaram de debates estruturados dentro do café filosófico e de círculos de diálogo, com partilhas de experiências pessoais ou opiniões, num clima de respeito.

Quanto ao cuidado de si, os estudantes fizeram diários reflexivos, isto é, o registro das suas aprendizagens e os desafios no caderno. Eles realizaram também atividades voltadas para o projeto de vida para pensar no futuro com autonomia. Na refutação, os estudantes fizeram rodas de perguntas de filosofia sobre o “Laques”, com discussões a partir de perguntas abertas (“O que é a coragem?”, “O que é hoplomaquia”, “O que é um diálogo aporético?”, “O que significa franqueza na educação dos filhos?”, etc). O professor preparou jogos de perguntas como refutação sobre a obra de Platão.

A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) na área de Ciências Humanas prescreve, no Ensino Médio, o uso do diálogo dos estudantes com as tecnologias como forma de aprendizagem. O desafio maior no uso destas novas tecnologias é manter o uso consciente e crítico, pois elas têm influência negativa e algumas vezes positiva. Este trabalho de conscientização deve ser flexível e a médio e longo prazo.⁴⁰ O exame e o cuidado com esta nova forma de linguagem na prática de ensino são necessários para dialogar com a juventude.

Na área de Ciências Humanas e Sociais, o professor tem a liberdade de explorar a criatividade dos discentes em sala de aula, de maneira que eles possam construir conhecimentos com diferentes linguagens, como preconiza o documento:

É necessário, ainda, que a Área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas favoreça o protagonismo juvenil investindo para que os estudantes sejam capazes de mobilizar diferentes linguagens (textuais, imagéticas, artísticas, gestuais, digitais, tecnológicas, gráficas, cartográficas etc.), valorizar os trabalhos de campo (entrevistas, observações, consultas a acervos históricos etc.), recorrer a diferentes formas de registros e engajar-se em práticas cooperativas, para a formulação e resolução de problemas (BRASIL, 2018, p. 569).

A Base Nacional Comum Curricular defende a liberdade e o protagonismo no que diz respeito à autonomia e a tomada de decisão dos estudantes. A convivência deles com as diferenças e com a heterogeneidade de visões de mundo cria uma visão ampliada de mundo do discente, com ganhos éticos na tomada de decisões e da autonomia.

⁴⁰ Cf. BRASIL, 2023, p. 562.

A partir deste modelo educacional, os estudantes podem se tornar pessoas comprometidas com os valores éticos, como os da liberdade, da justiça social, da pluralidade, da solidariedade e da sustentabilidade.

A Competência 1 da BNCC na área das Ciências Humanas e Sociais expressa que os estudantes devem:

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local, regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica. (BRASIL, 2018, p. 570)

A competência 2 do documento incentiva os estudantes a participarem do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao seu projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade.

O café filosófico pode ser uma das ferramentas para este debate público. Este instrumento educacional foi um sucesso com as turmas de filosofia na escola em que ministrou as aulas de Filosofia. Os alunos aprofundam um determinado texto filosófico e escolhem um ou dois temas para debater em sala de aula com os colegas e com o professor. Nesta modalidade de ensino-aprendizagem, ressurgem as práticas dos primeiros filósofos, que usavam o debate, a retórica e a dialética para a formação dos jovens.

A BNCC e o RCA (Referencial Curricular Amazonense do Ensino Médio) são de suma importância para se conhecer as competências e as habilidades dentro da Filosofia e as diretrizes relacionadas ao uso das tecnologias no âmbito escolar. Na área de Ciências Humanas e Sociais Aplicadas, o RCA está estruturado com seis competências específicas e quarenta e seis habilidades, sendo quatorze criadas exclusivamente para o Amazonas.

As competências dizem respeito a um conjunto de habilidades harmonicamente desenvolvidas, enquanto as habilidades precisam ser desenvolvidas na busca das competências. Deste modo, competência tem a ver com um conjunto de conhecimentos (saberes) e habilidade significa saber fazer através de atitudes (saber ser). Este conjunto de conhecimentos quer dizer ações e operações utilizadas para estabelecer relações com e entre objetos, situações, fenômenos e pessoas que desejamos conhecer (Cf. AMAZONAS, 2019, p. 190).

O RCA apresenta a Filosofia como componente curricular que conduz o estudante à oportunidade de desenvolver um pensamento independente e crítico, isto é, um pensamento que permite ao aluno experimentar uma reflexão individual num ambiente coletivo. As

competências específicas que têm mais relevância no componente curricular da Filosofia são três (1, 3 e 6).

A primeira, competência 1, busca

Analisar processos políticos, econômicos, sociais, ambientais e culturais nos âmbitos local regional, nacional e mundial em diferentes tempos, a partir da pluralidade de procedimentos epistemológicos, científicos e tecnológicos, de modo a compreender e posicionar-se criticamente em relação a eles, considerando diferentes pontos de vista e tomando decisões baseadas em argumentos e fontes de natureza científica (AMAZONAS, 2019, p. 196).

O processo educacional a partir desta competência consiste num procedimento integral levando em conta a ciência, a tecnologia formando consciências críticas da realidade. A competência 1 diz respeito ao posicionamento crítico e às tomadas de decisões baseadas em argumentos, a partir de uma análise integral dos trâmites no âmbito regional e mundial. A Filosofia tem um papel primordial em sala de aula com os alunos, pois ela ajuda os estudantes na argumentação em diversos âmbitos do conhecimento.

A competência 3 prevê a avaliação e a análise crítica sobre a heterogeneidade dos povos e os impactos ambientais causados na natureza, caso não haja uma consciência ética desta convivência a nível local, regional e global, como reflete o texto:

As relações de diferentes grupos, povos, e sociedades com a natureza (produção, distribuição e consumo) e seus impactos econômicos e socioambientais, com vistas à proposição de alternativas que respeitem e promovam a consciência, a ética socioambiental e o consumo responsável em âmbito local, regional e global (AMAZONAS, 2023, p. 196).

A avaliação crítica desta competência nos diferentes aspectos da realidade no mundo, promovendo a consciência e a ética na sociedade, nos faz pensar sobre os problemas globais (seca, queimadas, ar poluído, enchentes, etc.) que vêm acontecendo como resposta a esta falta de consciência ética socioambiental quanto ao consumo responsável.

O filósofo é aquele que sabe se posicionar criticamente frente ao que se faz presente na realidade hodierna.

A competência 6 acata o exercício do filósofo como posicionamento crítico frente à sociedade. Logo, ele deve:

participar do debate público de forma crítica, respeitando diferentes posições e fazendo escolhas alinhadas ao exercício da cidadania e ao projeto de vida, com liberdade, autonomia, consciência crítica e responsabilidade (AMAZONAS, 2019, p. 197).

Esta competência faz menção ao debate como instrumento de criticidade e responsabilidade autônoma na vida do educando. O professor de filosofia que instiga o debate em sala de aula consegue atingir aspectos da vida dos alunos, trazendo o conhecimento que eles têm a partir de determinado tema em discussão.

Das habilidades do RCA, duas têm relevância para o pensamento filosófico em sala de aula, que são:

Analisar e avaliar os impactos das tecnologias na estruturação e nas dinâmicas das sociedades contemporâneas, bem como suas interferências nas decisões políticas, sociais, ambientais, econômicas e culturais (AMAZONAS, 2019, p. 199).

Esta habilidade tem importância para o pensamento filosófico, como apresenta o texto.

Analisar os fundamentos da ética em diferentes culturas, tempos e espaços, identificando processos que contribuem para a formação de sujeitos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo social, a convivência democrática e a solidariedade (AMAZONAS, 2019, p. 219).

Quando se fala da questão ética na educação, há uma compreensão da reta ação do sujeito, que envolve a consciência do educador-educando. A sociedade atual passa por uma crise existencial e dos fundamentos éticos em todos os patamares culturais.

A tecnologia perpassa a vida das pessoas em todos os setores da sociedade. Os aparatos tecnológicos são ferramentas que facilitam a educação nas escolas e nos demais setores da sociedade. O maior risco do uso das novas tecnologias converge para uma gama de conhecimentos desorganizados, os quais confundem os nossos estudantes nas pesquisas e estudos em sala de aula.

Para uso consciente e crítico dessas novas tecnologias, as escolas públicas e universidades necessitam de apoio para a criação de laboratórios de informática para os estudantes. Infelizmente, algumas escolas possuem computadores, mas não têm internet para o corpo discente. A falta de aparatos tecnológicos nas escolas dificulta o trabalho em sala de aula com os estudantes. Estes aparatos poderiam facilitar o trabalho docente e o aprendizado dos estudantes.

Alguns estudantes têm dificuldade de falar com franqueza e coragem. A prática da *parresia* em sala de aula provocou estes alunos a refletirem e encarnarem a figura de Sócrates na segurança de se expressar e questionar os colegas.

Os resultados alcançados na pesquisa a partir da *epimeléia heautoû* (cuidado de si) foram a busca do conhecimento e da virtude no “Laques”, levando em conta o cuidado socrático,

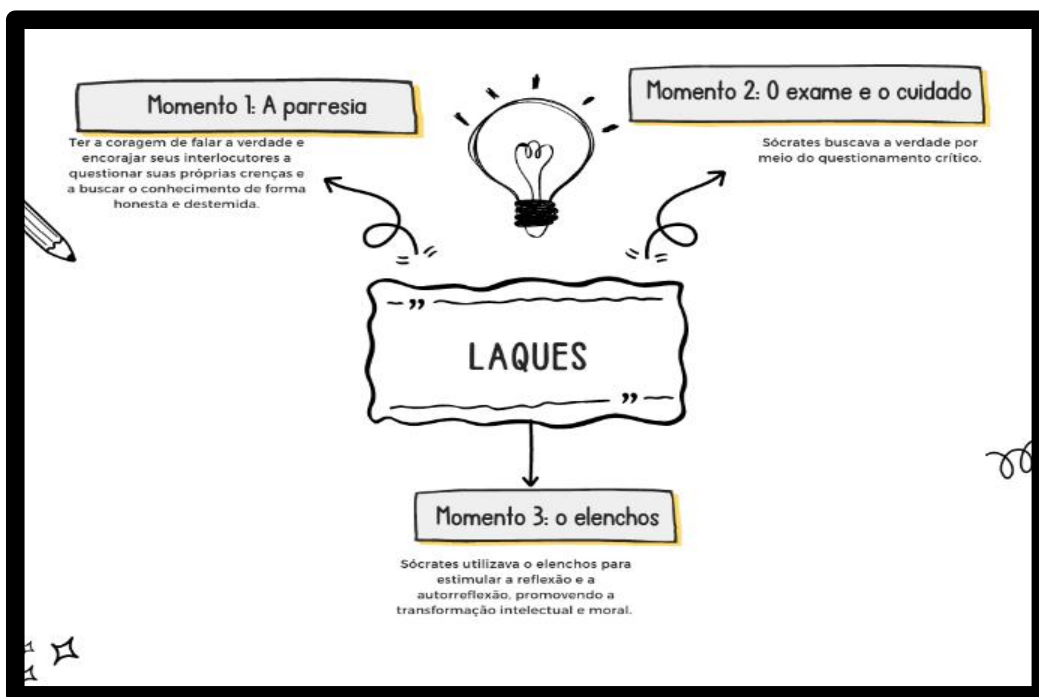
em que a nossa maior tarefa não é cuidar somente dos estudantes ou de seus sonhos, mas de nós mesmos, ou seja, de nossas almas (Cf. Platão, 2015, p. 55 [185e]).

Já o *elenchos* (refutação, teste, exame) ajudou no debate, no café filosófico e nos trabalhos, principalmente através do método dialético, que aparece no texto como característica de Sócrates, extraindo implicações lógicas através de perguntas.

Portanto, a *parresia* conduz ao exame, que é realizado principalmente através do *elenchos*. E o objetivo último do exame não é apenas definir alguma palavra, mas promover o cuidado de si entre os estudantes, mostrando que é reconhecendo a nossa ignorância que aperfeiçoamos as nossas almas.

A *epimeleia heautoû* é nossa motivação fundamental, que justifica todo o processo dialético e a *parresia* necessária para realizar este processo.

Figura 9 – Mapa conceitual do texto Laques de Platão



Andrade Filho, L.S., 2024

O “Laques” é, deste modo, um exemplo paradigmático da filosofia para todas as gerações do passado, do presente e do futuro, pois a aporia final do texto não é um fracasso dos personagens, mas um convite para professores e alunos continuarem imbuídos na reflexão e no autoconhecimento. O ato de pesquisar e aprender serve para todas as idades (Cf. Platão, 2015, p. 99 [201b]).

Creio que esta pesquisa tenha encontrado os resultados necessários para seguir neste caminho da busca de conhecimento em outras obras de Platão e como exemplo para formar cidadãos honestos e comprometidos com a sociedade.

3.8 Educação e Tecnologia

Estas duas palavras devem caminhar juntas na reflexão filosófica, até mesmo porque aprendemos técnicas em casa, quando nossos pais nos ajudam na infância a fazer desde as coisas mais simples até as mais complexas. Ao longo dos séculos, esta forma de aprendizagem mudou, em meio aos fatos históricos e ao avanço da tecnologia dentro da educação e da nossa vida cotidiana.

Oliveira (2018) nos alerta sobre o perigo da tecnologia como um caos instalado na humanidade e como um braço materializado do niilismo em relação a negação e poder.

Assim, o niilismo encarna a irrupção da destruição ética ao limite do colapso ambiental, incrustado à tecnologia. De outra mão, um estudioso prega a aceleração do niilismo, de modo a superá-lo, em vista da possibilidade de uma nova interrelação das espécies. Porém, a perspectiva nietzschiana do niilismo guarda o vazio, o nada, mesmo se considerada como travessia. (Oliveira, 2018, p. 281)

Para embasar o conceito da palavra “tecnologia”, é necessário buscar os significados deste termo como um processo que avançou ao longo dos anos desde a raiz do vocábulo. O significado deste termo pode ser analisado em duas partes principais, que são a parte prática, que envolve os processos, técnicas e ferramentas utilizadas para alcançar determinados objetivos, e a parte conceitual, que abrange o conhecimento teórico por trás desses processos e técnicas (Cf. Abbagnano, 2007, p. 942).

A intersecção entre a prática e a teoria é fundamental para compreender a natureza e o impacto da tecnologia em diversas áreas da sociedade. Os alunos nos dias de hoje têm, além dos instrumentos tradicionais para a apreensão do conhecimento, as novas ferramentas digitais que podem ser aplicadas ao processo educacional.

Há poucos anos, não existiam computadores, tablets e celulares nas escolas como instrumentos da sociedade digital e como ferramentas educacionais. A tecnologia faz parte da vida das pessoas na escola, no trabalho e no lazer, como invasora das mentes da humanidade. O exemplo mais presente na sociedade hodierna são a *Alexa*, a *Luzia*, a *Gemini*, o *Chat GPT* e a *Meta AI*, inteligências artificiais que dialogam com o ser humano dando respostas para os anseios de cada indivíduo que as utiliza.

O risco maior na educação é colocar a tecnologia (no sentido material: computadores, tablets, internet, celulares, etc.) como a ferramenta principal e primordial na sala de aula, esquecendo as técnicas que embasaram o ensino e o conhecimento (textos, quadro, pincel, etc.).

O próprio conceito desta palavra revela que a técnica, a habilidade e o método podem gerar um processo de construção do conhecimento.

A palavra *τέχνη* (*tecne*, técnica) consiste na técnica, arte, ofício e *λογία* (*logia*, estudo, razão) diz respeito ao estudo, à razão em determinado conhecimento que ajuda na elaboração das investigações científicas.

A tecnologia/técnica tem relação com os meios de comunicação, pois estes meios, sem a tecnologia, não poderiam avançar velozmente no mundo atual. Castells (2015, p. 57) aborda a influência abrangente e multifacetada da comunicação na sociedade contemporânea. Ele argumenta que os meios de comunicação desempenham um papel crucial na construção da opinião pública e na formação das percepções coletivas.

A disseminação de informações e a interconexão através dos meios de comunicação moldam não apenas a política, mas toda uma sociedade, numa relação de poder marcada pela dominação.

O poder é o processo mais fundamental na sociedade, já que a sociedade é definida em torno de valores e instituições e o que é valorizado e institucionalizado é definido pelas relações de poder.... As relações de poder são marcadas pela dominação, que é o poder entranhado nas instituições da sociedade. Instituições podem se envolver em relações de poder que dependem da dominação exercida sobre sujeitos (Castells, 2015, p. 57).

Além disso, a abordagem filosófica coloca em questão a técnica como instrumento das culturas, e a forma de fazer as coisas mediante o uso dessas tecnologias, sua problematização e as ações que lhes são consequentes. A incorporação das reflexões filosóficas sobre as mídias e a educação platônico-socrática permite que os alunos desenvolvam uma visão crítica da tecnologia e entendam o seu papel como agentes de transformação social.

O trabalho a curto prazo com os alunos consiste no uso dos recursos que temos na escola em que ministramos as aulas de filosofia. Por exemplo, podemos utilizar os celulares dos próprios alunos para a execução dos projetos interdisciplinares e propostos pela SEDUC através das plataformas tecnológicas.

No entanto, a Lei Nº 15.100/2025, que visa a preservação da saúde mental de nossos alunos, proíbe a utilização de dispositivos móveis em sala de aula. Podemos semear a médio e a longo prazo na vida de nossos estudantes a reflexão filosófica sobre a política atual e o descaso com a educação pública, demonstrando o estado de nossas escolas estaduais.

As leis educacionais preceituam a liberdade do docente no uso das tecnologias digitais nos diversos componentes curriculares. Por isso, é importante fazer uma breve memória das recentes alterações dessa legislação.

Assim, o uso das tecnologias digitais efetivamente promove o que Sócrates, enquanto educador, promovia ou realizava, a saber, a capacidade de dizer e ouvir a verdade com coragem, examinando por meio de questionamentos as incoerências entre a tese de seu interlocutor e seu sistema de crenças e proporcionando o cuidado com a alma com vistas ao aperfeiçoamento integral do ser humano.

A técnica para desvelar o conhecimento, naquela época, era o diálogo na oralidade como ferramenta de polimento do caráter humano. Nos dias atuais, esta técnica de polimento aparece nos aparatos tecnológicos que o ser humano manuseia, criando várias formas de opinião.

3.9 As tecnologias digitais no ensino de Filosofia

Na sala de aula, trabalhamos obras literárias/filosóficas digitais na educação básica a partir de nossas possibilidades, baixando estes arquivos em PDF e colocando nas plataformas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) fornece algumas orientações em relação a integração de obras literárias filosóficas digitais na Educação Básica, através de competências gerais e habilidades específicas, enfatizando o uso crítico de tecnologias e a leitura multimodal (diferentes modos de comunicação: textos escritos, gráficos, sons, gestos).

A habilidade que em geral as escolas instruem os professores a inserir em seu planejamento fala de selecionar, organizar e relacionar informações, dados e argumentos em fontes de diferentes naturezas e mídias, inclusive digitais, produzindo sínteses e análises sobre questões filosóficas com o uso de ferramentas e tecnologias apropriadas (EM13FIL303).

As características da plataforma que utilizamos são: a possibilidade de controle do tempo; objetivos e regras simples; motivação, engajamento e diversão; inclusão dos acertos e erros do aluno ao final da rodada, configurando-se em um feedback imediato; e ranking dos participantes e possibilidade de recompensas, a critério do planejamento docente.

As plataformas contribuem para qualificar o processo de ensino e de aprendizagem através da nova linguagem da tecnologia e de inovação nos recursos didáticos. As telas atraem mais os jovens em geral do que os livros didáticos que ainda fazem parte do material escolar.

Para que essas ferramentas sejam trazidas para dentro da sala de aula, é necessário ter infraestrutura física e digital, com medidas de segurança que considerem as questões éticas e a qualificação dos profissionais do magistério para usar também as bibliotecas digitais.

As abordagens e as estratégias de uso destas ferramentas são de suma importância para a compreensão, para a interpretação, para a gamificação, para os exercícios, para o acesso aos livros didáticos e recursos digitais, tais como: recursos audiovisuais, videoaulas, podcasts, redes

sociais, etc. O caráter inovador dessas plataformas está no acesso e na velocidade das informações nas aulas da escola.

A eficácia dessas plataformas, no que tange ao interesse pela leitura e à proficiência dos estudantes, baseia-se nos mecanismos pedagógicos, cognitivos e motivacionais específicos. O engajamento motivacional consiste na gamificação e na interatividade, em que os elementos lúdicos tornam a leitura uma atividade prazerosa.

Esta combinação estratégica de motivação lúdica, suportes cognitivos embutidos e acesso a ecossistemas diversificados de textos é o resultado da eficácia dessas plataformas. Contudo, o impacto positivo do uso delas depende da mediação do professor para aprofundar análises críticas e fazer a curadoria de conteúdos, evitando cópias e plágios. O equilíbrio entre leitura digital e leitura física também faz parte deste impacto positivo destas plataformas.

Os impactos gerados pelo uso dessas plataformas no ambiente escolar dependem da escola em que se trabalha. Alguns professores estão de acordo com o uso delas, outros não utilizam porque não têm conhecimento e formação sobre elas. Geralmente, as plataformas oferecem formas de interação nas diferentes áreas do conhecimento, principalmente na área de humanas, onde estudamos e ensinamos a filosofia. Os impactos entre professores, alunos gestores e membros da comunidade no uso dessas plataformas consistem na interação e aprendizagem mútua da comunidade escolar.

As demandas dos professores pelo uso desse tipo de ferramenta refletem desafios práticos, pedagógicos e estruturais. Essas exigências devem levar em conta a integração curricular efetiva dentro da BNCC. Os planos de aula devem ser com sequências didáticas. As escolas ou as secretarias de educação devem promover formação continuada, incentivando a troca de experiências entre os docentes.

Outra demanda para os professores no uso destas tecnologias está nas ferramentas de avaliação diagnóstica que identifiquem as lacunas dos alunos. O apoio à inclusão também é importante, porque ajuda os estudantes com deficiência (leitores de texto para dislexia, dicionários visuais de Libras e pictogramas e ajustes de contrastes e fontes para baixa visão). E, por último, o equilíbrio entre humano e tecnologia, vista como ferramenta que amplifique a mediação entre os recursos que incentivem a leitura profunda. No entanto, o uso desse tipo de ferramenta necessita de uma internet com boa qualidade.

As demandas dos estudantes por esse tipo de ferramenta partem de suas necessidades cognitivas, socioemocionais e culturais, além das expectativas geracionais sobre tecnologia. Muitos alunos não têm a noção do uso correto dessas plataformas e utilizam outras plataformas com jogos violentos. As pontes para o leitor do século XXI exigem plataformas que respeitem

sua agência intelectual, que vinculem leitura à ação criativa e equilibrem inovação e profundidade.

O tipo de influência que essas plataformas digitais podem exercer sobre hábitos de leitura nos estudantes está na forma de debates (café filosófico), comunicação entre os jovens, o desenvolvimento de atitudes, assim como curiosidades. Estas plataformas podem exercer sobre os alunos uma influência complexa e multifacetada, em que há aspectos positivos e aspectos negativos.

Na questão do hábito de leitura, pode ser positivo o acesso a conteúdos diversificados (e-books, artigos, blogs) que democratizam a informação, assim como a ferramentas de leitura dinâmica (audiobook, resumos visuais, etc.) que se adaptam a diferentes estilos de aprendizagem.

Em contrapartida, pode ser um aspecto negativo a tendência à leitura fragmentada nas redes sociais, reduzindo a capacidade de concentração em textos longos. Outro aspecto negativo é a superficialidade, devido ao excesso de informações rápidas, por exemplo, em *tweets* ou *reels*. Portanto, as plataformas digitais são ferramentas ricas e poderosas, porém, seu impacto depende diretamente do uso consciente e da mediação dos professores e dos pais dos estudantes. Sem orientação dos responsáveis, estas ferramentas podem reforçar vícios cognitivos e comportamentais.

No entanto, se o educador as utiliza como estratégias pedagógicas, fazendo a curadoria de conteúdos no ensino, elas se transformam em aliadas para formar cidadãos críticos, criativos e conectados com o mundo hodierno.

As características próprias das obras literárias filosóficas em formato digital são a acessibilidade mais rápida, as ferramentas de assistência, a revisão gramatical, os dicionários, os infográficos, os mapas mentais e a IA como suporte nas pesquisas.

A plataforma digital de leitura é um ambiente online especificamente para acessar, gerenciar e interagir com conteúdos textuais em formato digital. Esta plataforma vai além de um simples repositório de arquivos, como os PDFs ou e-books. Durante esta pesquisa utilizamos predominantemente as plataformas como simples repositórios, pois elas oferecem apenas o local para carregar os documentos.

Os benefícios desta plataforma digital de leitura para os professores e para os estudantes são a portabilidade dos livros em um único dispositivo. Os recursos multimídia (links, vídeos embutidos em livros didáticos) constituem outros benefícios, além das estatísticas de leitura e de tempo gasto nas páginas lidas.

Os desafios e os riscos no uso dessas plataformas são as possíveis distrações com as notificações e os hiperlinks. Outros riscos têm a ver com a variação na qualidade digitalizada,

pois alguns PDFs são mal formatados e digitalizados. O último risco é a dificuldade em lembrar onde estava no texto, o que é mais fácil com o livro físico.

As plataformas digitais de leitura abrem um leque de oportunidades transformadoras para a educação básica através da acessibilidade. As principais oportunidades são a democratização do acesso a acervos diversificados, a gamificação, a personalização da aprendizagem com plataformas com IA, as ferramentas de acompanhamento pedagógico, a formação de comunidades leitoras, etc.

Entre os desafios lançados pelas plataformas digitais para o seu uso na prática da leitura na educação básica destacam-se a falta de mediação docente, o equilíbrio com o livro físico e a acessibilidade técnica (falta de infraestrutura de internet).

Santaella (2013, p. 20) apresenta três tipos de leitores: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. Esta classificação auxilia na cognição perceptiva, principalmente com relação ao leitor imersivo, que fez parte da sua pesquisa. O primeiro leitor, na visão da autora, é aquele do livro impresso que surgiu na idade pré-industrial, em que o leitor tem a imagem expositiva e fixa nos livros impressos. A origem deste leitor vem do Renascimento, perdurando até o século XIX.

O segundo leitor, movente, tem origem na Revolução Industrial, e por isso é um leitor do mundo em movimento, cheio de linguagens e sinais dentro das cidades grandes. Conforme Santaella (2013), este leitor nasce com o apogeu da televisão e com a explosão do jornal, da fotografia e do cinema.

O último tipo de leitor, imersivo, é o leitor contemporâneo, imerso nas comunicações e redes de informações computadorizadas. Estes três tipos de leitores coexistem, complementam-se e se completam, de acordo com a autora. Ela apresenta um quarto tipo de leitor, que aparece com o avanço da internet, que é o leitor chamado ubíquo, isto é, um leitor que domina a recente evolução da internet, principalmente com as redes sociais, que são Facebook, LinkedIn, Twitter, Orkut, etc.

Essas tecnologias estão gestando novas subjetividades em contínua mutação, subjetividades autoprogramáveis, dotadas de meios para repensar de modo intermitente suas falhas e competências, seus limites e suas expectativas. (Santaella, 2013, p. 23)

Deste modo, a autora explora a reflexão sobre os dispositivos móveis, que são um sistema de comunicação multimodal, multimídia e portátil, um sistema de comunicação ubíqua. Este último tipo de leitor não veio substituir os demais tipos de leitores, mas complementar os

processos formais do ensino. Quem ganha com esta relação de complementaridade dos quatro tipos de leitor é o ser humano.

As experiências que fizemos foram produtivas ao explorar os vários tipos de linguagens com os alunos como leitores tradicionais e digitais. Os debates (café filosóficos, gameificação, pinturas, textos) ajudaram os alunos a compreender textos filosóficos de forma mais dinâmica em sala de aula.

As abordagens que praticamos durante o trabalho e as atividades com os estudantes foram a tradicional, a comportamental, a humanista, a cognitiva, a histórico-crítica a libertadora e a libertária. Estas abordagens foram analisadas a partir de uma perspectiva crítica transformadora. A primeira abordagem, tradicional, fez-se necessário pelo método expositivo da obra “Laques” em sala de aula, que utilizamos a fim de trabalhar este texto.

Gadotti (1995) considera este modelo educacional como uma escola burocrática que reproduz desigualdades e anula a autonomia do aluno. Este modelo de abordagem serve aos interesses das classes dominantes como aparelho ideológico do Estado.

A educação e a ciência tornam-se propriedade exclusiva monopólio exclusivo... A educação, a ciência, a técnica, a inteligência e a arte são gratuitas apenas para o capitalista. (Gadotti, 1995, p. 51)

Moacir Gadotti (1995), discípulo de Paulo Freire, enfatiza a desburocratização da escola, pois o professor é um “mediador” que problematiza realidades, e não um transmissor passivo. A EJA é um exemplo prático desta abordagem.

A escola é um espaço de relações. Neste sentido, cada escola é única, fruto de sua história particular, de seu projeto e de seus agentes. Como lugar de pessoas e de relações, é também um lugar de representações sociais. Como instituição social ela tem contribuído tanto para a manutenção quanto para a transformação social. Numa visão transformadora ela tem um papel essencialmente crítico e criativo. (Gadotti, 2007, p. 11)

A construção coletiva do conhecimento é importante para o diálogo mútuo dentro do espaço escolar. É neste espaço que se constroem as relações e se estimula a leitura, a pesquisa e o pensamento crítico. A escola vai além daquilo que em geral se pensa: que ela serve apenas para estudar. Ela é um espaço para se encontrar, conversar, deparar-se com o outro, discutir e fazer política.

É na escola que se prioriza e se aprende a fazer pesquisa (Cf. Gadotti, 2007, p. 12- 13). O resgate da visão humanista da educação frente à visão instrumental, na concepção de Gadotti (2007, p. 59), faz-se necessário porque as novas tecnologias têm um papel importante na vida dos jovens. Esta nova linguagem para expressar o conhecimento ajuda estes jovens a refletir de

maneira lúdica e crítica sobre o mundo virtual da internet, o que no passado muitos filósofos expressaram através da técnica de seu tempo.

Por este motivo, Sócrates é considerado o maior dialético da Grécia: porque ele instigava, provocava, enquanto o discípulo descobria e criava (Cf. Gadotti, 1995, p. 15).

As reflexões acerca da educação platônico-socrática e a discussão sobre a tecnologia trazem importantes contribuições para as práticas pedagógicas com os alunos em sala de aula. As mídias digitais fazem parte da vida dos alunos em casa e na escola como instrumentos que facilitam as práticas filosóficas de aprendizagem em sala de aula.

Em primeiro lugar, essas reflexões permitem uma problematização crítica da relação entre tecnologia e filosofia, questionando, por exemplo: quais os impactos das mídias digitais na formação da opinião pública e na construção de identidades sociais? Como trabalhar em sala de aula as dificuldades dos alunos no contexto do ensino de Filosofia na Educação Básica, focando nas habilidades do raciocínio, do discernimento, da comparação e da formação de juízos coerentes a partir dos textos filosóficos?

O “Laques” de Platão está disponível para acesso na Plataforma Gr8, com leitura acessível para os estudantes da escola em que trabalhava. Essa plataforma é usada por todos os alunos e por todos os educadores da escola. As funcionalidades dessa plataforma digital são de cunho administrativo e pedagógico.

A plataforma permite também avaliar a fluência dos estudantes em leitura, disponibilizando ferramentas para a leitura interativa durante as aulas. Ela só não permite monitorar o progresso dos estudantes e nem dá acesso a acervos e/ou bibliotecas digitais. A plataforma Gr8 não oferece também itinerários formativos para a formação de professores.

Ela disponibiliza recursos para o professor fazer o planejamento de suas aulas e até mesmo marcar atividades para os alunos a partir destes planejamentos. Portanto, ela auxilia o professor na organização de suas atividades de classe, de acordo com o seu planejamento mensal, semestral e anual, assim como de arranjos temporais de seus projetos de curso.

O projeto que elaborei para as turmas do Ensino Médio para a leitura do “Laques” em sala de aula tem origem a partir do estudo da obra de Platão. Este texto parece simples, mas tem muitas interpretações e nuances que podem ser aprofundadas e trabalhadas com os estudantes na sala de aula.

O número de alunos que trabalharam neste projeto foi de aproximadamente 800 estudantes. Não teve a participação de professores e colaboradores externos e internos envolvidos na execução do projeto.

Dentre as competências da BNCC que trabalhamos com a turma, destaca-se a competência 6, que se refere a tomar o debate público como método para fazer o conhecimento

vir à tona. Este debate não é qualquer um, mas de forma consciente e qualificada, exercendo-se a cidadania de forma autônoma, com responsabilidade e consciência crítica.

Destaca-se também a habilidade EM13CHS608AM⁴¹, uma aptidão da área das Ciências Humanas. Esta habilidade versa sobre a promoção e o apoio de ações em âmbito local, regional e nacional para formar indivíduos éticos que valorizem a liberdade, a cooperação, a autonomia, o empreendedorismo, e uma convivência democrática, solidária e fraterna.

A recepção e a execução das atividades pelos estudantes foram bastante produtivas, no sentido da busca de uma aprendizagem diferenciada a partir da obra de Platão e, ao mesmo tempo, de dar transparência ao conhecimento que está explícito e implícito em um livro, tentando-se trazer para a realidade e colocar em prática através de várias metodologias.

As atitudes dos estudantes diante do contato com o conteúdo do “Laques”, no primeiro momento, foram de espanto, porque é um clássico da Filosofia do qual eles nunca tinham ouvido falar. Mas, quando eles começaram a explorar o texto, os estudantes perceberam a afinidade com o passado, o presente e o futuro.

Os temas da família, da ética, da virtude da coragem, do bom professor e da educação como emancipação para todos trouxeram à tona o interesse pela leitura e pela preparação da apresentação dos trabalhos. As ferramentas tecnológicas ajudaram neste processo, dando suporte e complementando os materiais pedagógicos para as atividades em sala de aula.

A tecnologia, as ferramentas tecnológicas e as mídias digitais são ferramentas que ajudam os estudantes a terem acesso aos textos e a manuseá-los no processo de interpretação de forma mais efetiva e atrativa para o estudo. As ferramentas tecnológicas atuais não podem camuflar ou descartar as tecnologias do passado, mas devem reforçar os novos caminhos que facilitam a ação humana nos estudos dos textos, que são códigos e símbolos para serem interpretados e decodificados.

Deste modo, a tecnologia, as ferramentas tecnológicas e as mídias digitais contribuem para o desenvolvimento das capacidades cognitivas, criativas, críticas, estéticas, de socialização e de autoconhecimento.

⁴¹ A competência e habilidade apresentada neste texto foi tirada do planejamento de Filosofia para os alunos do Ensino Médio.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao analisar e refletir sobre Sócrates como educador, partimos de um clássico da filosofia, propondo uma prática em sala de aula com os trabalhos dos alunos e o uso das plataformas como instrumentos de apoio nas atividades. Percorremos um caminho pela educação da Grécia Antiga, levando em conta o contexto filosófico deste tempo. Este percurso foi à luz do pensamento de Foucault, levando em conta a questão ética da franqueza examinatória e a prática do cuidado.

O uso das tecnologias não substitui a fundamentação filosófica, mas complementa o trabalho pedagógico em sala de aula. As TICs são, na melhor das hipóteses, ferramentas para um fim maior. Elas não podem ensinar a duvidar, a criticar e a dialogar. O professor é o mediador que orienta para o uso correto delas. Dessa forma, a sinergia entre Filosofia e TICs, quando consciente e criticamente mediada, pode efetivamente culminar no ideal formativo da educação: não apenas instruir, mas formar cidadãos mais reflexivos, críticos e capazes de navegar com autonomia intelectual no complexo mundo contemporâneo.

Depois deste processo de investigação se espera a continuação da pesquisa, pois este não é um ponto final, mas um novo ponto de partida, infinitamente mais rico, crítico e responsável. O trabalho teve como referência o clássico “Laques”. Para um estudo posterior, pode-se recorrer a outras obras de Platão.

A *parresia* socrática nos ensina a refletir e pensar sobre as nossas atitudes e nosso compromisso com a verdade nas nossas escolas e em casa. O “Laques” foi analisado em sala de aula de forma textual, temática e interpretativa à luz do pensamento de Foucault. Foi analisada a estrutura formal, o vocabulário, a sintaxe, a coerência e os aspectos linguísticos do texto.

A análise temática foi feita através da interpretação dos temas. A análise interpretativa foi realizada através do aprofundamento dos contextos culturais do “Laques” de Platão. Fizemos uma interpretação crítica analisando o discurso na busca das subjetividades e perspectivas dos interlocutores. Deste modo, utilizamos as plataformas digitais como prática propositiva para a leitura do texto de Platão.

Seguimos um planejamento dentro das leis educacionais levando em conta as capacidades cognitivas, criativas, estéticas, de socialização e de autoconhecimento dos estudantes. Buscamos utilizar o método socrático *elenchos* como práxis filosófica, questionando e debatendo para se chegar à autorreflexão.

Os resultados mais relevantes da pesquisa foram os aspectos estruturais, metodológicos e temáticos deste texto de caráter aporético, com foco na educação e na virtude da coragem. As

implicações para a leitura deste texto são as perspectivas de leitura como uma investigação sobre a educação ética, em que a coragem é apenas um pretexto para discutir como transmitir virtudes quando não se possui definições estáveis. A partir do método socrático, revisamos a hierarquia dialética dos personagens, pela qual se mostra que os interlocutores representam graus de profundidade filosófica.

As implicações para a leitura do texto levando em conta o método socrático demonstram que o diálogo deve ser analisado como drama filosófico, em que as falhas dos personagens revelam limites do senso comum. A obra deve ser abordada também como exercício de pensamento, e não como fonte de resposta. O valor do texto está no processo de questionamento e não de definições propostas. Devemos evitar ler o “Laques” isoladamente. Suas aporias preparam questões desenvolvidas em outros diálogos intermediários de Platão, como o “Protágoras” e o diálogo maduro da “República”.

O estudo do “Laques” apresenta várias dificuldades estruturais, metodológicas e interpretativas e, devido a estas dificuldades, exige uma atenção crítica por parte do leitor. Por ser de natureza aporética, com a ausência de resposta pela falência das definições, o diálogo termina sem oferecer uma definição satisfatória de coragem.

A limitação epistemológica da obra expõe a dificuldade de traduzir experiências concretas em conceitos universais. Os desafios linguísticos e literários são as nuances do grego antigo nas palavras *andreia*, *sophrosyne* e *episteme*, que carregam sentidos intraduzíveis para línguas modernas.

Como contornar as dificuldades enfrentadas e as limitações do estudo? Em primeiro lugar, devemos abordar o texto como drama filosófico, dando atenção aos personagens e aos cenários do texto. Depois, o diálogo deve ser lido com outros textos de Platão. Em seguida, devemos assumir a aporia como resultado legítimo do diálogo e não como falha.

Depois, devemos contextualizar historicamente o diálogo, sem reduzir o texto a seu momento. Por último, é importante valorizar a dimensão ético-existencial, porque o “Laques” desafia o leitor a refletir sobre como viver corajosamente em meio à incerteza.

O texto nos convida também a pensar sobre o bom professor e sobre a questão de que não há idade para começar a estudar nem para aprender sempre mais sobre o novo.

Alguns caminhos de aprofundamento para pesquisas futuras do tema podem ser a exploração dos clássicos da filosofia de Platão, tomando a sala de aula como palco para o *show* da leitura. Podemos fazer abordagens interpretativas e hermenêuticas da obra, investigando se a aporia final é realmente um fracasso ou uma estratégia proposital de Platão para desestabilizar noções convencionais de virtude.

Podemos trabalhar o “Laques” em perspectivas interdisciplinares e na filosofia da educação, com uma pesquisa crítica socrática sobre o modelo da educação como *technê* à luz de teorias pedagógicas contemporâneas, como a de Paulo Freire, dentre outros. As tecnologias entram no uso das plataformas educacionais ao estudar os textos filosóficos nestes meios de comunicação.

A pesquisa agrega valor na área das Ciências Humanas através das questões-chave que a orientam: o que a persistência da aporia revela sobre os limites da linguagem para capturar a virtude? Como a coragem intelectual de Sócrates ao confrontar a ignorância se torna um paradigma ético implícito? Por que Platão escolheu generais, e não poetas ou políticos, para debater sobre a virtude da coragem dentro da educação dos filhos?

As respostas para estas perguntas transcendem o âmbito da filosofia antiga e oferecem contribuições críticas para a ética, educação, política e epistemologia. Assim, o estudo deste texto significa aprender que as perguntas mais simples exigem reflexões mais profundas, no exercício de desestabilização criativa de nossos estudantes.

O “Laques”, de Platão, é uma obra rica e complexa, na qual se apresenta uma reflexão sobre questões éticas e epistemológicas. Os métodos da ironia e da maiêutica são importantes e marcantes ao longo do diálogo, em que Platão desafia as concepções convencionais de coragem e de sabedoria e faz o leitor questionar e aprofundar sua compreensão desses conceitos fundamentais.

O texto aporético gira em torno da busca de um professor adequado para os filhos de Lisímaco e Melésias para a questão da coragem. “Laques” é uma fonte valiosa e constante de *insights* filosóficos para aqueles interessados na investigação da natureza da *areté* e do *logos*.

A educação socrática consiste na reflexão, no questionamento constante e no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Esse modelo educacional baseia-se em diálogos filosóficos, pelos quais o professor estimula os alunos a formular perguntas e a investigar as questões mais profundas da vida.

A principal característica deste modelo educacional é o uso da maiêutica, técnica na qual o professor atua como um parteiro do conhecimento, auxiliando os alunos a trazerem à luz suas próprias ideias e entendimentos. Em vez de simplesmente fornecer respostas prontas, o educador socrático orienta os educandos a descobrirem a verdade por meio da análise crítica e do questionamento.

Ora, a retórica, como arte de persuasão, encontra as respostas para os questionamentos que estavam no seio da alma. A busca da verdade brota da ideia parturiente que está no esconderijo da consciência, e o agradável e prazeroso para a alma consiste no labor intelectual e moral do homem.

A abordagem filosófica pode ajudar os alunos na construção de sua identidade e na formação de um senso crítico mais apurado, preparando-os para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade. Essas habilidades podem ser relevantes para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente, e ainda contribuem para a evolução da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A decisão pela busca de uma profissão depende da consciência de cada filho e/ou aluno ao longo do caminho dos estudos.

As reflexões filosóficas sobre as mídias e a educação socrático-platônica apresentam importantes contribuições para a construção de práticas filosóficas e pedagógicas com tecnologias digitais na escola pública, promovendo a formação cidadã, o respeito ético e a consciência social.

Assim, Sócrates, como educador atemporal, constrói, através do *elenchos*, mais do que um método de investigação: ele representa um modo de vida pautado pela busca incessante pela verdade e pelo autoconhecimento. Ao questionarmos nossas próprias crenças e nos abirmos ao diálogo com diferentes perspectivas, trilhamos o caminho para um mundo mais justo, tolerante e iluminado pelo saber. A franca e corajosa expressão da verdade necessita de um exame e um cuidado de si para a investigação incansável do filósofo.

REFERÊNCIAS

ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

ALVES, Carlos Roberto Teixeira (**O que é a Coragem?**); 1ª. Edição; Rio de Janeiro; 2025. Um Alfabeto Filosófico De Platão - Laques; eBook Kindle. Disponível em: <<https://a.co/d/1jcp2bO>>. Acessado em: 29 de jul. 2025.

AMAZONAS. **Referencial Curricular Amazonense** – Ensino Médio. Manaus: Secretaria de Estado de Educação do Amazonas, 2019. Disponível em: <<https://anec.org.br/wp-content/uploads/2021/05/RCA-Ensino-Medio.pdf>>. Acesso em: 27 jun. 2023.

BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. Representações da escrita: estereotipia e singularidade enunciativa. **Scripta**, v. 13, n. 24, p. 111-128, 2009.

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base: Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 11 out. 2023.

BACHELARD, Gaston. **A formação do espírito científico**: contribuições para uma psicanálise do conhecimento. Trad. Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro. Contranponto, 1996.

BICUDO, Maria Aparecida Viggiani (Org.). **Pesquisa Qualitativa**: segundo a visão fenomenológica. São Paulo: Cortez, 2011.

CASTELLS, Manuel. **O poder da comunicação**; tradução Vera Lúcia Mello Joscelyne. Paz e Terra, Rio de Janeiro, 2015.

CASTELO BRANCO, Anne Karynne Almeida. **Difusão Científica**: da universidade à escola. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

CROISSET, Alfred. Platon 2: Oeuvres complètes. Hippias majeur. **Charmide, Lachès, Lysis Paris**, 1921. Disponível em: < <https://archive.org/details/oeuvrescomplte01platuoft>> Acesso em: 29 jul. 2025.

DE SOUZA MINAYO, Maria Cecília; DESLANDES, Suely Ferreira; GOMES, Romeu. **Pesquisa social: teoria, método e criatividade**. Editora Vozes Limitada, 2011.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992 (ed. original: 1991).

DELEUZE, G. **Um retrato de Foucault**. In: DELEUZE, G. Conversações 1972-1990. Trad. Peter Pál Pelbart. São Paulo: Ed. 34, 1992, p. 127-147.

DEMO, Pedro. Educação Hoje: **Novas tecnologias, pressões e oportunidades**. São Paulo: Atlas, 2009.

DOBSON, John H. **Learn New Testament Greek**. 3rd ed., Carlisle: Pinquant, (No Title), 2005.

FOUCAULT, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª reimp. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.

_____. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.

_____. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª reimp. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GADOTTI, Moacir. **A escola e o professor: Paulo Freire e a paixão de ensinar**. Publicher Brasil, São Paulo, 2007.

GADOTTI, Moacir. **Concepção dialética da educação: um estudo introdutório**. 9 ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5 ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GUTHRIE, W. K. C. **Historia de la Filosofia Griega**. Tradução para o espanhol por A. V. Campos e A. M. González. Madrid: Gredos, 1990. 6 v.

_____, W. K. C. **SOFISTAS, Os**. Tradução: João Rezende Costa. Paulo, Paulus, 1995.

HAMELIN, Guy. **A natureza da virtude como saber em Platão**. Journal of Ancient Philosophy, v. 11, n. 1, p. 99-109, 2017. Disponível em: <[View of A natureza da virtude como saber em Platão](#)>. Acesso em: 28 jul. 2025.

JAEGER, W. **Paidéia: A Formação do Homem Grego**. Trad. Artur M. Parreira. Martins Fontes, São Paulo. 1995.

JÚNIOR, Leandro Teles Feitosa et al. **As dificuldades de aprendizagem de leitura e escrita no contexto escolar**. Conjecturas, v. 23, n. 2, p. 11-25, 2023.

KAHN, Charles H. PLATO'S METHODOLOGY IN THE "LACHES". **Revue internationale de philosophie**, p. 7-21, 1986. Disponível em: <<https://www.jstor.org/stable/23946603>>. Acesso em: 07 maio 2025.

LEVY, Pierre. **As tecnologias da Inteligência: o futuro do pensamento na era da informática**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 8. reimpr. São Paulo: Editora 34, 1993.

_____, Pierre. **Cibercultura**. Tradução Carlos Irineu da Costa. 3. reimpr. São Paulo: Editora 34, 2003.

LIDDELL, Henry George. **A greek-english lexicon**. at the Clarendon Press, 1925.

LIMA, Cláudia Araújo (Coord.) et al., **Violência faz mal à saúde**. Brasília: Ministério da Saúde, 2006. Disponível em:

<<https://ftp.medicina.ufmg.br/paraelas/Downloads/violenciafazmalasaude.pdf#page=29>>
Acesso em: 07 maio 2025.

LOPES, Daniel R.N. **Ensaio introdutório e notas. PLATÃO, Górgias**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2011.

MARINO, Leonardo Freire. A Cultura Digital na sala de aula: a reconfiguração dos processos de escolarização e as novas possibilidades do fazer docente. **Olhar de Professor**, v. 26, p. 1-20, 2023. Disponível em: <<https://revistas.uepg.br/index.php/olhardeprofessor/article/view/20535>> Acesso em: 28 jul. 2025.

MATOS JÚNIOR, Fábio Amorim de. **A contextualização dramática do Laques e sua relação com a Apologia de Platão** / Fábio Amorim de Matos Júnior. - - Campinas, SP : [s. n.], 2008. Disponível em: <<https://hdl.handle.net/20.500.12733/1606979>> Acesso em: 28 jul. 2025.

MOURA, Dante Henrique. **A formação de docentes para a educação profissional e tecnológica**. Revista Brasileira da Educação Profissional e Tecnológica, v. 1, n. 1, jun. 2008. Brasília: MEC, SETEC, 2008. p. 23-38. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/setec/arquivos/pdf3/rev_brasileira.pdf>. Acesso em: 30 jul. 2025.

NAILS, Debra (1950). **The people of Plato**. A prosopography of Plato and Other Socratics. Indianapolis: Hackett, 2002.

NÓVOA, Antônio. **Professores Imagens do futuro presente**. Lisboa: Educa, 2009.

PADOVANI, Umberto; CASTAGNOLA, Luís. **História da Filosofia**. 12 ed. São Paulo: Melhoramentos, 1978.

PAULUCIO, Jéssica Figueiredo. Paradidáticos na sala de aula [recurso eletrônico]: diálogos, experiência e leitura. **Vitória: Instituto Federal do Espírito Santo**, 2018.

PAVIANI, Jayme. **Notas sobre o conceito de virtude em Platão**. Veritas (Porto Alegre), v. 57, n. 3, p. 86-98, 2012. Disponível em: <<https://revistaseletronicas.pucrs.br/veritas/article/view/11135>> Acesso em: 28 jul. 2025.

PLATÃO, **Defesa de Sócrates / Platão. Ditos e feitos memoráveis de Sócrates; Apologia de Sócrates / Xenofonte. As nuvens / Aristófanes**; seleção de textos de José Américo Motta Pessanha; traduções de Jaime Bruna, Libero Rangel de Andrade, Gilda Maria Reale Strazynski. 4. ed. São Paulo: Nova Cultural, 1987.

_____, **A República**; trad. Carlos Alberto Nunes, - 3. ed. – Belém: EDUFPA, 2000.

_____, **A República**. 9ª edição. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 1972.

_____, **Diálogos. Apologia de Sócrates**; trad. Carlos Alberto Nunes, - 3. ed. – Belém: EDUFPA, 1980.

_____, **Fedro**. trad. de Pinharanda Gomes. Lisboa Guimarães Editores, 2000.

_____, **Primeiro Alcibíades**. In; Platão/Diálogos; Fedro; Cartas; Primeiro Alcibíades; Tradução direta do grego de Carlos Alberto Nunes; Coordenação de Benedito Nunes; 2ª. edição revisada; Belém do Pará: Editora da UFPA, 2007.

_____, **Laques, Eutífron**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.

_____, **Teeteto. Diálogos**, Vol. IX. Trad. Carlos Alberto Nunes. Universidade Federal do Pará. Belém, 1973.

_____, **Teeteto**. 4ª edição. Tradução de Adriana Manuela Nogueira e Marcelo Boeri. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2015.

_____, **As Leis**. 2025, p. 327, Disponível em: <https://www.academia.edu/31451345/Plat%C3%A3o_As_Leis>. Acesso em: 28 jul. 2025.

PRADO, Germano Nogueira (Coord.) et al., **Filosofia: confluências e perspectivas**: volume único. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2024.

OLIVEIRA, Jelson. **Negação e poder: do desafio do niilismo ao perigo da tecnologia**. Caxias do Sul: EDUCS, 2018.

OXFORD UNIVERSITY PRESS. Oxford English Dictionary (OED Online). 3ª ed. Oxford, 2024. Verbete: Quiz. Disponível em: <<https://www.oed.com/>>. Acesso em: 29 jul. 2025

PINTO, Álvaro Vieira. **O conceito de tecnologia** [Volume II]. Rio de Janeiro: Contraponto, 2005.

REALE, Giovanni. **História da filosofia**. v. 1. Trad. Ivo Storniolo. São Paulo: Paulus, 2003.

RIBEIRO, Carlos Eduardo. **Nietzsche, a genealogia, a história: Foucault, a genealogia, os corpos**. Cadernos Nietzsche, v. 39, p. 125-160, 2018.

SANTAELLA, Lúcia. Desafios da ubiquidade para a educação. **Revista Ensino Superior Unicamp**, v. 9, n. 1, p. 19-28, 2013.

SCHÄFER, Christian. **Léxico de Platão: conceitos fundamentais de Platão e da tradição platônica**. Ed. Loyola, 2012.

SERENO, Caio Gonçalves Bezerra; PISANI, Marília Mello; VELASCO, Patrícia Del Nero. Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível. **Páginas de Filosofia**, v. 2, n. 1, p. 139-174, 2010.

SÓCRATES. Direção: Roberto Rossellini. Produção: Renzo Rossellini. La Rai Radiotelevisione Italiana, 1971. Filme (2h). Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=pfn2BWNMGAI>> Acesso em: 12 jun. 2025.

TURKLE, Sherry. **The second self: Computers and the human spirit**. Mit Press, 2005.

_____, Sherry; EU, O. **Segundo. os computadores e o espírito humano**. Tradução: Manuela Madureira. 1989. TURKLE, Sherry; EU, O. **Segundo. os computadores e o espírito humano**. Tradução: Manuela Madureira. 1989.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico**. São Paulo: Libertad, 2002.

VLASTOS, Gregory. **Plato: a collection of critical essays**. Garden City, NY: Anchor Books, 1971.

WARBURTON, Nigel. **Uma breve história da filosofia**. Trad. Rogerio Bettoni. Porto Alegre, L&PM, 2012.

ZABALA, Antoni. **As sequências didáticas e as sequências de conteúdo**. In: Antoni Zabala / A prática educativa: como ensinar, 1998.

ANEXO

PRODUTO



UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA / PROF-FILO



LÁZARO SANTOS DE ANDRADE FILHO

A LEITURA DO “LAQUES” EM PLATAFORMAS DIGITAIS

MANAUS – AM

2025

UNIVERSIDADE FEDERAL DO AMAZONAS
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
MESTRADO PROFISSIONAL EM FILOSOFIA / PROF-FILO

LÁZARO SANTOS DE ANDRADE FILHO

A LEITURA DO “LAQUES” EM PLATAFORMAS DIGITAIS

Produto educacional resultado do processo de ensino resultado da dissertação apresentada ao Mestrado

Profissional em Filosofia/PROF-FILO do Programa de Pós-Graduação em Filosofia/PPGFILO da Universidade Federal do Amazonas/UFAM, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Filosofia.

Linha de pesquisa: Prática de Ensino de Filosofia.

Orientador: Professor Doutor Nelson Matos de Noronha

MANAUS – AM

2025

SUMÁRIO

Introdução	115
I. Orientações gerais	117
II. O percurso das leituras	120
III. As sequências didáticas	123
CONSIDERAÇÕES FINAIS	168
REFERÊNCIAS	172

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Nuvem de palavras do “Laques”	130
Figura 2 – Slides das aulas de filosofia	133
Figura 3 – Questionamentos nos slides	134
Figura 4 – Uso das novas tecnologias na aula de filosofia através do QR code	135
Figura 5 – Foto do texto “Laques” em grego e em português	136
Figura 6 – Quadrinhos com textos	142
Figura 7 – Café filosófico	143
Figura 8 – Criação de jogos na plataforma Wordwall	144
Figura 9 – Planejamentos	145
Figura 10 – Modelos de jogos na plataforma Wordwall	156
Figura 11 – Livros de filosofia na plataforma GR8	167

TABELAS

Tabela 1. Resultado de palavras	149
Tabela 2. A importância dos jogos para o ensino da filosofia	150

GRÁFICOS

Gráfico 1. Google formulário	150
Gráfico 2. Importância dos jogos na Plataforma Wordwall	151
Gráfico 3. Importância dos jogos em sala de aula	151
Gráfico 4. Modelos de jogos	152
Gráfico 5. Uso de jogos na aula de filosofia	152
Gráfico 6. Benefícios dos jogos para o aluno	153
Gráfico 7. Uso dos jogos na aprendizagem	153
Gráfico 8. Utilização e criação de jogos	154
Gráfico 9. Capacitação para criar jogos	154
Gráfico 10. Escola estruturada para uso das tecnologias e jogos	155
Gráfico 11. Importância dos jogos na plataforma Wordwall	155

Introdução

O “Laques” ganha novas dimensões quando acessado através de plataformas digitais, que transformam a experiência de leitura deste diálogo sobre a coragem (*andreia*). Esses recursos tecnológicos não apenas democratizam o acesso ao texto, mas enriquecem sua compreensão através de ferramentas como hiperlinks explicativos, traduções paralelas e conteúdos multimídia. Nosso propósito é investigar como esses ambientes virtuais podem potencializar o estudo filosófico, mantendo o aprofundamento conceitual que a obra requer, ao mesmo tempo que a tornam mais dinâmica e interativa. Os jogos nas plataformas digitais são um exemplo desta forma de interação.

O conteúdo deste estudo concentra-se na análise do “Laques”, explorando seus principais temas, tais como a definição da coragem, o método socrático de investigação e a relação entre virtude e conhecimento. O texto reflete sobre os desafios e vantagens de sua leitura em ambientes digitais. Serão examinadas as características do diálogo, sua estrutura argumentativa e o contexto histórico em que se insere, sempre em diálogo com ferramentas digitais que enriquecem sua compreensão. A finalidade, portanto, é dupla: tanto esclarecer os aspectos filosóficos centrais do texto quanto avaliar como as plataformas digitais podem transformar a maneira como lemos e interpretamos os clássicos. O público para o qual se dirige este estudo é para o corpo discente, mas também para o corpo docente (pesquisas do material).

Quanto à estrutura discursiva, esta apresentação seguirá uma linha expositivo-argumentativa, dividindo-se em três eixos principais: primeiro, uma contextualização do “Laques” e sua importância no corpus platônico; em seguida, uma análise temática do diálogo, com ênfase na discussão sobre a coragem e no método *elenchos* de Sócrates; e, por fim, uma reflexão sobre os impactos da leitura digital no estudo da filosofia, destacando recursos como anotações colaborativas, visualizações interativas do diálogo e conexões com comentários acadêmicos. Dessa forma, busca-se não apenas apresentar o “Laques”, mas também demonstrar como a tecnologia pode revitalizar o engajamento com textos filosóficos milenares.

A LEITURA DO “LAQUES” EM PLATAFORMAS DIGITAIS

Cronograma de atividades

Público-alvo: Ensino Médio (1º, 2º e 3º anos).

Duração: 1 semestre (16 semanas, com aulas semanais de 50 min).

Objetivo: Comparar as noções de coragem (*andreia*) e autoconhecimento em Platão com a construção histórica do sujeito em Foucault, estimulando o pensamento crítico sobre ética e identidade.

Módulo 1: Introdução à Filosofia Antiga e ao Diálogo Laques (6 semanas).

Semana 1-2: Contexto histórico e método socrático.

- **Aula expositiva:** Vida de Sócrates e de Platão, estrutura dos diálogos e a questão da coragem em “Laques”.
- **Atividade:** Dramatização de um diálogo socrático (os estudantes criam perguntas sobre "o que é coragem?").

Semana 3-4: Leitura dirigida do “Laques”.

- **Análise de trechos-chave** (ex.: a definição de coragem como "perseverança da alma").
- **Debate (café filosófico):** "A coragem é uma virtude inata ou aprendida?"

Semana 5-6: Comparações contemporâneas.

- **Pesquisa em grupos:** Exemplos de coragem no mundo atual (ativismo, esportes, vida cotidiana).
- **Produção:** Memes ou charges sobre "coragem no século XXI".

Módulo 2: Transição para Foucault e o Cuidado de Si (2 semanas).

Semana 7: Ponte entre Platão e Foucault.

- **Aula comparativa:** "Conhece-te a ti mesmo" (Platão) vs. "Cuidado de si" (Foucault).
- **Atividade:** Mapa mental das diferenças.

Semana 8: Introdução a Foucault.

- **Vídeo explicativo** sobre biografia e conceitos-chave (poder, subjetividade, genealogia).

- **Dinâmica:** "Quem sou eu?" – reflexão sobre como a sociedade nos define.

Módulo 3: A Hermenêutica do Sujeito (6 semanas).

Semana 9-10: Técnicas do eu na Antiguidade.

- **Aula expositiva:** *Epimeleia heautou e gnōthi seauton*.
- **Atividade:** Os estudantes criam um "diário filosófico" (registros de autocuidado por uma semana).

Semana 11-12: Cristianismo e Modernidade

- **Debate (café filosófico):** "Autoconhecimento hoje: liberdade ou controle?" (redes sociais, terapia, escola).
- **Análise de imagens:** Propagandas antigas e modernas sobre "melhorar a si mesmo".

Semana 13-14: Genealogia da Subjetividade

- **Seminário em grupos:**
- **Grupo 1:** Foucault e a educação (como a escola forma sujeitos?).
- **Grupo 2:** Coragem em Foucault (ligação com *parresia*).

Módulo 4: Síntese e Avaliação Final (2 semanas)

Semana 15: Atividade integradora

- Os alunos criam uma "cápsula do tempo" com:
- Uma carta para si mesmos (autoconhecimento).
- Um manifesto sobre "coragem hoje" (link entre Platão e Foucault).

Semana 16: Avaliação e encerramento

- Apresentação do café filosófico e debate final: "Podemos ser donos de nós mesmos?".
- Opção de avaliação escrita: Ensaio sobre "Laques".

Adaptações:

- **Recursos digitais:** Usar plataformas como Gr8 para debates e Wordwall para os jogos e questionamentos.
- **Interdisciplinaridade:**
- **História:** Contexto da Grécia Antiga e Modernidade.
- **Português:** Produção textual argumentativa.

Resultado esperado: Relacionar filosofia antiga e contemporânea, refletindo sobre como conceitos como coragem e identidade são construídos social e historicamente.

I. Orientações gerais

1.1 Os textos escolhidos para a leitura e a produção textual.

Os textos escolhidos para a leitura e a produção textual em sala de aula e realização das atividades foram: o “Laques” de Platão e a “Hermenêutica do Sujeito” de Michel Foucault.⁴² A escolha destes textos teve como finalidade tomar como ponto de partida para a reflexão dos estudantes com a orientação do professor.

1.1.1 O Laques

O “Laques” apresenta um gênero do diálogo socrático com caráter ético-pedagógico, enquadrando-se na fase inicial dos escritos de Platão. Nele, Sócrates investiga a natureza da virtude, especialmente a coragem, por meio do método dialético (perguntas e respostas). O tema principal do diálogo parte da definição da coragem (*andreia*), discutida no contexto da educação dos jovens. O diálogo começa com a pergunta sobre se o treinamento militar (como o ensino do combate em armadura) é útil para a formação do caráter, mas logo evolui para uma reflexão mais profunda sobre o que é a coragem e como ela se relaciona com as outras virtudes. Os personagens principais do texto são: Sócrates, Laques, Nícias, Lisímaco, Melésias e os filhos deles.

O “Laques” é um diálogo aporético da juventude que destaca a honestidade e o método de Sócrates em debate com seus interlocutores. O tema central é a definição da coragem (*andreia*), mas surgem questões paralelas, como a educação dos jovens, a ética e a hoplomaquia (luta armada). O problema discutido é como definir a coragem para instruir os filhos de Lisímaco e Melésias, em um contexto ateniense marcado pela guerra.

Sócrates questiona as visões convencionais dos generais Nícias e Laques, defendendo que a coragem é uma forma de sabedoria, não mera bravura militar. A obra vai além da

⁴² O “Laques” está disponível na internet numa versão em português para o acesso dos estudantes e professores no endereço: <https://ibuma.com.br/wp-content/uploads/2024/11/Platao-Laques.pdf>. O texto de Michel Foucault, “A Hermenêutica do Sujeito” também se encontra na internet disponível em: <http://www.uel.br/projetos/foucaultianos/pages/arquivos/Obras/A%20HERMENEUTICA%20DO%20SUJEITO.pdf>

definição da virtude, explorando o método dialético, a relação entre conhecimento e virtude, e a importância da educação ética.

Platão critica a autoridade tradicional e o empirismo, mostrando que experiência prática não equivale a conhecimento verdadeiro. Outras ideias relevantes incluem:

- A virtude como ciência (*episteme*), não apenas hábito;
- A dialética como caminho para a verdade, com a aporia final incentivando a reflexão contínua (papel da filosofia);
- Sócrates como guia filosófico, que inspira a busca pelo saber sem impor respostas.

O diálogo desafia os valores atenienses, como a glorificação da guerra, e propõe a filosofia como base para uma vida ética.

A relevância deste texto para a proposta pedagógica consiste na abordagem da educação como formação moral, não apenas técnica, mas no questionamento se habilidades específicas como o combate garantem a virtude. O “Laques” destaca também a importância do autoconhecimento, mostrando que a coragem exige sabedoria e reflexão ilustrando o método socrático como ferramenta educacional e incentivando o diálogo crítico. Outra relevância do diálogo platônico diz respeito investigação filosófica da virtude que não pode ser ensinada de forma simplista, mas com minúcias da pesquisa. Assim, o “Laques” é uma obra aporética porque não chega a uma definição final da coragem, mas evidencia a necessidade de uma educação que vá além do treinamento prático, integrando reflexão ética e busca pelo verdadeiro conhecimento. Sua abordagem dialógica permanece um modelo valioso para trabalhar com professores e alunos nas aulas de filosofia.

1.1.2 A Hermenêutica do Sujeito.

A adoção das obras de Michel Foucault para o desenvolvimento de atividades de leitura, interpretação e debates sobre o Laques de Platão em plataformas digitais pode ser extremamente produtiva por várias razões, articulando a filosofia antiga com perspectivas contemporâneas críticas. Foucault dialogou com a filosofia grega, especialmente em seus últimos trabalhos sobre a "cultura de si". Ele contrasta a noção socrático-platônica de coragem com a sua ideia de "cuidado de si" e resistência ao poder enriquece a interpretação do texto clássico. Foucault é um filósofo conhecido por seus métodos genealógicos e arqueológicos onde investiga alguns conceitos e, dentre eles, o conceito de coragem. Estes conceitos foram construídos historicamente e utilizados em relações de poder. Ao aplicar essa lente ao diálogo platônico, os estudantes podem questionar como a noção de coragem foi moldada na Grécia Antiga e

como ela se relaciona com discursos modernos sobre virtude, disciplina e controle à luz foucaultiana.

Foucault oferece ferramentas para ler Platão de modo não apenas exegético, mas crítico, relacionando-o com questões de poder, subjetividade e tecnologia que são temas urgentes em ambientes digitais. Essa abordagem torna o texto antigo relevante para discussões contemporâneas, além de incentivar uma postura questionadora por parte de nossos estudantes.

Na *Hermenêutica do Sujeito*, Michel Foucault examina a formação histórica da subjetividade ética, concentrando-se nas tradições filosóficas da Antiguidade, como o estoicismo, o epicurismo e o cristianismo antigo. O núcleo de sua investigação reside na questão de como o indivíduo se tornou um objeto de reflexão e transformação, analisando especialmente as práticas do "cuidado de si" (*epimeléia heautôu*) e do "conhece-te a ti mesmo" (*gnōthi seauton*). Foucault contesta a visão tradicional que privilegia o autoconhecimento como princípio fundamental, defendendo que, na cultura greco-romana, o cuidado de si era a base sobre a qual se construía a relação ética consigo mesmo. Para sustentar essa perspectiva, ele recorre a fontes filosóficas antigas, demonstrando como exercícios de meditação, correspondências morais e diálogos formativos moldavam uma "tecnologia do eu" voltada para a autodisciplina e o governo da própria existência.

Ao longo da obra, Foucault também aborda temas correlatos, como a dinâmica entre poder e subjetivação, as diferenças entre a ética pagã e a moral cristã, e a importância da *parresia* (a coragem da verdade) na constituição de um sujeito autêntico. Ele destaca que, enquanto a Antiguidade valorizava o cultivo de si como um meio de autonomia, o cristianismo posterior transformou o sujeito em um campo de interpretação sob autoridade divina. Sua análise apoia-se em uma abordagem genealógica, revelando descontinuidades nas formas de entender e praticar a subjetividade ao longo do tempo. Assim, Foucault não apenas desestabiliza concepções filosóficas tradicionais sobre o eu, mas também problematiza as noções modernas de individualidade, mostrando que o sujeito é sempre resultado de práticas históricas de poder e saber.

1.1.2.1 A Parresia

Na perspectiva foucaultiana, a *parresia* é uma prática discursiva que envolve a coragem de dizer a verdade, assumindo riscos pessoais em nome de um compromisso ético com a autenticidade. Nas atividades em sala de aula, os alunos fizeram a leitura, a interpretação e os debates a partir do “Laques” à luz da obra de Foucault. Este filósofo contemporâneo analisa a *parresia* principalmente em suas últimas obras, destacando seu papel na Grécia Antiga como

um ato de franqueza vinculado à formação do sujeito ético. Para Foucault, a *parresia* não é simplesmente liberdade de expressão, mas uma prática de liberdade que exige coragem, risco e transformação de si e do mundo. Ela se opõe à retórica vazia e à lisonja, posicionando-se como um gesto político e ético de resistência. Podemos perceber na escola a mudança de mentalidade de nossos estudantes na questão desta prática de liberdade e no gesto político de expressar algumas mudanças na comunidade onde eles moram.

1.2 Obras de Referência

As obras de referências são relevantes para a pesquisa e para a execução das atividades propostas porque elas reforçam a interpretação, explicam os significados das palavras e apresentam os dados históricos dos personagens do texto em estudo. As obras de referências utilizadas nos trabalhos em sala de aula são: “Sócrates: Os Pensadores”⁴³, “Platão: Os Pensadores”⁴⁴ e os “Dicionários de filosofia”⁴⁵.

II. O percurso das leituras

Fizemos o percurso das leituras através do “Laques, indo além da simples definição dos conceitos nesta obra. Essa abordagem dialoga com a hermenêutica do sujeito de Foucault, que estuda as práticas antigas de formação do eu, como o cuidado de si (*epimeléia heautôu*). A investigação socrática no diálogo não se limita a uma discussão teórica, mas convida os interlocutores a uma reflexão transformadora sobre si mesmos. Dessa forma, o texto demonstra como a filosofia antiga unia conhecimento e ação, mostrando que a busca pela verdade é também um processo de autotransformação ética.

2.1 Sócrates, o homem do Cuidado

⁴³ Esta obra está disponível no site: <https://taperto.wordpress.com/wp-content/uploads/2012/06/sc3b3crates-colec3a7c3a3o-os-pensadores-1987.pdf>.

⁴⁴ Este texto pode ser encontrado em: <https://geha.paginas.ufsc.br/files/2016/03/Plat%C3%A3o-cole%C3%A7%C3%A3o-os-pensadores-1973.pdf>.

⁴⁵ Os dicionários de filosofia podem ser acessados em: https://raycydio.yolasite.com/resources/dicionario_de_filosofia_japiassu.pdf. Outro endereço para o dicionário do Nicolas Abbagnano está disponível em: https://hugoribeiro.com.br/area-restrita/Abbagnano-Dicionario_Filosofia.pdf.

Sócrates é o homem do cuidado de si através da sua preocupação com a sabedoria da alma pois ele interpelava os jovens na rua e lhes dizia: “É preciso que cuideis de vós mesmos” (Foucault, 2010, p. 11).

Para orientar os estudantes na execução da análise interpretativa, demos prioridade à noção de “hermenêutica do sujeito” (Foucault, 2006), a qual representa uma abordagem inovadora e profunda na compreensão da formação histórica da categoria “subjetividade”. Em seus últimos estudos, Foucault investigou a constituição histórica do sujeito e a busca pela liberdade e pela ética na filosofia antiga (greco-romana).

2.2 O Exame na perspectiva de Foucault

Foucault (2011, p. 123 e 124) chama a relação dos personagens no “Laques” de “jogo socrático” como jogo parresiástico dos interlocutores com perguntas e respostas, isto é, o pacto parresiástico de Sócrates. Este pacto consiste na prestação de contas de si mesmo (Cf. Foucault, 2011, p. 125).

Este prestar contas refere-se ao aqui e agora da maneira em que se vive. Significa estilo de vida e maneira de viver como a vida se dá no cotidiano (Cf. Foucault, 2011, p. 126). Esta é a resposta das perguntas sobre a aceitação da *parresia* e ao que se refere o domínio de aplicação dela no diálogo.

2.3 O “exame de si” em consonância com a “Conhece-te a ti mesmo”

A conexão entre Sócrates e o cuidado de si em Foucault revela que a filosofia antiga não se limitava à especulação teórica, mas era uma atividade voltada para a vida concreta. Sócrates, ao questionar seus interlocutores, não buscava apenas respostas, mas incentivava uma existência examinada, alinhada ao princípio do autocuidado.

Foucault, por sua vez, enfatiza que essa tradição foi posteriormente obscurecida pela primazia moderna do conhecimento objetivo, que deslocou a subjetividade para segundo plano. Ao recuperar o “cuidado de si”, o filósofo francês não apenas resgata uma ética da liberdade, mas também reafirma a atualidade do imperativo socrático: conhecer-se é o primeiro passo para governar-se, e governar-se é condição para viver de forma ética e autêntica. Assim, ambas as noções convergem na defesa de uma subjetividade ativa, que se constrói por meio de práticas reflexivas e transformadoras. Desse modo, Foucault demonstra que o autoconhecimento socrático não é um fim em si mesmo, mas um estágio inicial para uma prática mais abrangente de autocultivo.

2.4 O Elenchos (ελεγχος) socrático como práxis filosófica

O método do elenchos, utilizado por Sócrates nos diálogos de Platão, vai além de um simples debate refutativo é uma prática filosófica que leva o interlocutor a reconhecer suas contradições e a admitir sua própria ignorância. Ao desconstruir ideias pré-concebidas, Sócrates não busca humilhar, mas sim provocar uma crise reflexiva, um momento de dúvida produtiva que serve como base para uma investigação mais profunda. Essa abordagem dialética não se limita à busca por definições precisas, mas funciona como um exercício de autotransformação, em que o questionamento contínuo leva ao amadurecimento intelectual e ético. Desse modo, o elenchos não é apenas um instrumento lógico, mas uma ferramenta de libertação, preparando o indivíduo para uma jornada genuína em direção ao saber.

O poder do elenchos como prática filosófica está em sua capacidade de ensinar por meio da descoberta, e não da imposição. Em vez de oferecer respostas definitivas, Sócrates guia seus interlocutores a pensarem criticamente, assumindo a responsabilidade por suas próprias reflexões. Essa metodologia rompe com a educação tradicional, substituindo a autoridade dogmática por um processo colaborativo de construção do conhecimento. O diálogo socrático demonstra, assim, que a filosofia não é um conjunto de teorias prontas, mas uma atividade viva, que se realiza no exame constante das ideias e de si mesmo. Dessa forma, o elenchos permanece relevante como um convite permanente ao questionamento, à autocrítica e ao diálogo honesto, que são pilares de um pensamento verdadeiramente livre e autêntico.

2.5 O Elenchos no “Laques”

No “Laques”, o elenchos socrático é essencial para examinar a coragem (*andreia*). Através de perguntas, Sócrates não só revela as contradições nas definições de Laques e Nícias, mas também mostra que a coragem vai além do campo militar, relacionando-se ao autoconhecimento e à vida ética. O método expõe a ignorância dos interlocutores, incentivando uma reflexão mais profunda sobre o assunto.

Além de refutar ideias equivocadas, o elenchos destaca o caráter prático da filosofia socrática. A coragem não é um conhecimento técnico, mas exige um exame interior. O diálogo termina sem uma conclusão definitiva, mas essa aporia estimula o leitor a continuar a investigação, mostrando que a filosofia socrática visa menos a respostas prontas e mais ao desenvolvimento de um pensamento crítico e ético.

III. As sequências didáticas

Por que ler o “Laques” nos dias hoje? Nós vivemos num mundo de polarizações e discursos vazios e este diálogo platônico nos ensina a questionar certezas e a buscar definições sólidas para nossas virtudes assim também como dilemas éticos da contemporaneidade. Neste tópico iremos apresentar as práticas propositivas realizadas nas turmas de Ensino Médio a partir da obra “Laques” que foi escrita há mais de dois mil e quinhentos anos atrás, onde o professor e o aluno buscam a sabedoria filosófica tanto nos clássicos dos textos redigidos como também através de um clique nas plataformas digitais.

Este acesso através do clique propõe uma metodologia ativa de engajamento com o texto através da leitura digital. O diálogo expandido promove a participação dos estudantes através dos debates, café filosóficos das falas de Lisímaco, Melésias, Laques, Nícias e Sócrates. Este texto continua atual explorando questões essenciais da ética, da moral, da educação, da política e da história da Grécia Antiga. As plataformas digitais não são apenas suporte, mas elas são ferramentas que fazem reviver a maiêutica socrática através das perguntas transformadoras e consciências críticas dos estudantes.

3.1 Os desafios da produção textual a partir da interpretação e da leitura de textos filosóficos em sala de aula

Conhecemos as dificuldades que os estudantes do nível médio têm para a interpretação e entendimento dos textos filosóficos, devido à escassez de recursos didáticos e de oportunidades, o que é agravado com as condições institucionais desfavoráveis e a falta de abordagens que valorizem a bagagem cultural dos estudantes. O professor de filosofia deve oferecer condições para que a leitura seja executada em sala de aula.

O primeiro passo na leitura do clássico é a seleção de partes importantes do diálogo entre os personagens, considerando os conceitos e os temas levantados no texto. Na leitura do texto, vale privilegiar a metodologia analítica, estruturando o raciocínio em partes e concatenando as ideias principais. A partir do “Laques”, fizemos este trabalho analítico em sala de aula nas turmas do Ensino Médio.

Durante o desenvolvimento das atividades, foram aplicados questionários. De certa maneira, criamos ali um ambiente no qual o ensino se tornou também um campo de pesquisa, cuja experiência tem sido valiosa para o desenvolvimento dessas reflexões sobre o ensino e a aprendizagem da filosofia em sala de aula, tendo como base minhas interações com os

estudantes, as perspectivas e as manifestações que eles aportaram para o meu próprio conhecimento.

Na visão de Brandão (2009), a estereotipia dos alunos exprime não apenas uma forma de clichê, mas significa um mecanismo discursivo complexo. Isto implica dizer que os alunos precisam se relacionar com a práxis em que aplicam a teoria na análise textual. De acordo com a autora, ainda é importante destacar o aspecto crítico, isto é, como reconhecer estereótipos que revelam relações de poder. Se, por exemplo, um jovem que vem de comunidade carente traz uma visão de mundo diferente na sua escrita com argumentos prontos.

Considerando o estereótipo como um elemento constitutivo de toda práxis discursiva, assimilado a um “lugar comum” no sentido próprio da expressão, isto é, como um terreno de saberes partilhados entre elocutórios, a noção de estereótipo permite uma abordagem interessante no plano da didática, pois como relativo estabilizador de sentidos e formas, pode fornecer índices de legibilidade dos discursos, facilitando a apropriação de diferentes variedades do conteúdo e da expressão. Segundo essa perspectiva, “não se dará à estereotipia o sentido pejorativo que tem de hábito, na medida em que ela é concebida como um meio de ensino de códigos de leitura e de escritura, códigos indispensáveis a toda aprendizagem” (Brandão, 2009. p. 119).

O risco na produção textual dos alunos está na reprodução de estereótipos sem consciência em redações ou argumentos, enfraquecendo sua autoria e crítica, o que se agrava pela emergência na atualidade das várias inteligências artificiais que constroem textos.

O desafio pedagógico na aula de filosofia é romper com a estereotipia, formando leitores/redatores de discursos críticos, capazes de questionar, de perceber e de produzir sentidos novos e responsáveis. As práticas que realizamos em sala de aula com os alunos de filosofia, com a encenação de textos da Filosofia Antiga, ajudaram na quebra desta estereotipia.

3.2 O *elenchos* (ελεγχος) socrático como práxis filosófica

Em nossa investigação, buscamos um modelo de procedimento que pode ser bastante proveitoso para romper com o hábito da estereotipia na produção textual dos estudantes do ensino médio. O termo *elenchos* se refere a um argumento de refutação, isto é, significa submeter à verificação/escuta refutativa. Este argumento refutativo é colocado em prática por Sócrates quando ele examina os conceitos e crenças de seus interlocutores (Cf. Liddell, 1925, p. 531).

Por meio do *elenchos*, Sócrates buscava estimular a reflexão crítica e a busca pela verdade, levando os indivíduos a repensar suas ideias e chegar a uma compreensão mais aprofundada sobre temas como justiça, virtude, coragem, entre outros. Esse procedimento foi

caracterizado por sua abordagem dialógica e pela busca por conhecimento por meio de cuidadoso questionamento.

O *elenchos* é fundamental para o método socrático porque valoriza o exame minucioso das crenças e a busca pela sabedoria por meio do diálogo e da autorreflexão. Desta forma, o que podemos tirar da prática educadora de Sócrates para responder às inquietações de um professor de escola pública em Manaus? Podemos obter lições da franqueza examinatória desta prática socrática para os professores da nossa região.

3.3 Os *Elenchoi* (ἐλεγχοί) no “Laques”

O termo *elenchoi* (plural de *elenchos*) designa o método socrático de interrogação e refutação, como se mostra no “Laques” de Platão. Nos diálogos platônicos, Sócrates aplica essa técnica através de perguntas precisas, revelando falhas ou contradições nas ideias de seu interlocutor. A finalidade do *elenchos* vai além da simples refutação, pois busca conduzir o indivíduo a uma reflexão mais profunda sobre suas convicções e conceitos.

No diálogo sobre a coragem entre Laques e Nícias, o *elenchos* tem um papel crucial. Ele submete as definições apresentadas a um exame lógico rigoroso, expondo suas possíveis inconsistências. Esse processo de questionamento é fundamental para a análise filosófica das virtudes e para a construção de uma compreensão mais sólida dos princípios éticos.

Através dos *elenchoi*, Platão oferece aos leitores uma visão crítica sobre a natureza da coragem e da sabedoria, convidando-os a questionar e refletir sobre suas próprias convicções morais. O diálogo “Laques” exemplifica como o *elenchos* é empregado por Sócrates para desafiar as opiniões dos interlocutores e promover a reflexão sobre temas éticos fundamentais dentro da filosofia.

Platão argumenta, na “Apologia”, na medida em que o poder desses supostos “sábios” se funda na doxa, na reputação que possuem junto ao público, o *elenchos* socrático se configura como uma ameaça potencial a esse poder fundado na aparência de um saber que eles próprios não possuem (Cf. Lopes, 2011, p. 55).

No “Laques”, aparecem quatro exemplos dos *elenchoi*. O primeiro *elenchos* tem como movimento a seguinte estrutura:⁴⁶

⁴⁶ O esquema proposto toma como referência a dissertação de mestrado de FÁBIO AMORIM DE MATOS JÚNIOR, intitulada A CONTEXTUALIZAÇÃO DRAMÁTICA DO LAQUES E SUA RELAÇÃO COM A APOLOGIA DE PLATÃO, defendida junto à UNICAMP, em 2008.

- “Coragem é a perseverança da alma”; - “Coragem é uma coisa bela e boa”; - “A perseverança da alma unida à razão é bela e boa” (Cf. Platão, 2015, p. 73 [192c]); - “A perseverança na ignorância é funesta e pernicioso”; - “Alguma coisa boa não é funesta e pernicioso”; - “Portanto, a coragem não persevera na ignorância”; - “Logo, a coragem é perseverar na sabedoria” (Cf. Platão, 2015, p. 75 [192d]).

- “Um homem que persevera em gastar com parcimônia o seu dinheiro, sabendo que ele vai receber mais, não é corajoso” (Cf. PLATÃO, 2015, p. 75 [192e]); - “Um médico que nega tratar o seu paciente, sabendo esta doença pode maltratar o paciente, não é corajoso”; - “Um soldado que se dispõe a lutar com um inimigo, sabendo que o inimigo está em desvantagem em vários caminhos, é menos corajoso que o seu inimigo, que continua lutando no posto de combate” (Cf. Platão, 2015, p. 75 [193a]).

- “Um cavaleiro que conhece (*episteme*) a arte da cavalaria se mostra perseverante, seria menos corajoso do que o que carece do conhecimento desta arte” (Cf. Platão, 2015, p. 75 [193b]). “A pessoa que tem experiência e luta com uma funda, cuja persistência decorra de sua perícia (*tecné*), é menos corajoso que a pessoa que persevera sem esta matéria (Cf. Platão, 2015, p. 75 [193b]). “Um indivíduo que se joga num poço sem ser forte na profissão de mergulhador é mais corajoso que o perito nesta matéria” (Cf. PLATÃO, 2015, p. 76 [193c]).

“Todas aquelas pessoas que perseveram sem ser especialistas em nada, correm o risco e perseveram mais, sendo ignorantes em relação àqueles que são peritos (*tecné*” (Cf. Platão, 2015, p. 77 [193c]). “Portanto, coragem é uma persistência vergonhosa e insensata” (Cf. Platão, 2015, p. 77 [193d]).

O *elenchos* tem como objetivo pôr à prova o pretensão saber dos interlocutores de Sócrates e denunciar para o público a fanfarronice dos “medalhões” da época, como Laques e Nícias.

A intenção de Sócrates não era transmitir a falsidade da definição de coragem, mas demonstrar a perseverança da alma. Sócrates considera as premissas sobre o *elenchos*, mas se recusa a aceitar estas premissas como válidas. Contudo, o mais importante é a perseverança em tentar definir a coragem.

Deste modo, ele deixa claro, no que diz respeito ao *elenchos*, a possibilidade de alcançar, pelo uso desse método, uma definição válida da noção de coragem.

A que nos manda persistir. Caso queiras, prossigamos em nossa investigação com persistência, para que a coragem não se ria de nós, por não a procurarmos com coragem, pois pode muito bem acontecer que coragem não seja de fato, persistência (Platão, 2015, p. 79 [194a]).

Os próximos *elenchoi* (segundo e terceiro) realçam pontos de vista e características importantes de Sócrates. O segundo *elenchos* é empregado por Laques contra a definição de Nícias, realçando que a coragem significa o conhecimento do medo e da ousadia.

- “Coragem é conhecimento (*episteme*) do medo e das coisas ousadas, na guerra e em outra situação” (Cf. Platão, 2015, p. 81 [194e – 195a]); - “Os médicos conhecem os perigos das doenças. Os médicos não são corajosos” (Cf. Platão, 2015, p. 81 [195b]); - “Os lavradores conhecem os perigos inerentes aos trabalhos de campo e os outros

artesãos conhecem o medo e as coisas ousadas dos seus ofícios (*técnicas*)” (Platão, 2015, p. 83 [195b]); - “Os lavradores e os artesãos não são corajosos” (Platão, 2015, p. 83 [195c]); - “(Somente?) os adivinhos conhecem as coisas temerosas. O adivinho não é corajoso” (Platão, 2015, p. 83 [195e]).

O terceiro *elenchos* é empregado por Sócrates contra as mesmas definições.

- “Coragem é conhecimento do que é de temer”. Portanto, se alguém não adquire este conhecimento (de acordo com Nícias, poucas pessoas fazem), logo, eles não são corajosos” (Platão, 2015, p. 85 [196d]); - Assim, ou as feras selvagens não são corajosas ou elas são corajosas, pois conhecem coisas que raros homens chegam a compreender” (Platão, 2015, p. 87 [196e]); - “As feras selvagens não são tão sábias, pois elas conhecem coisas que raros homens chegam a compreender” (esta premissa é sugerida por Sócrates ao apresentar os animais corajosos). “Algumas feras selvagens são corajosas” (esta premissa é sugerida por Laques [197a]).

Nestes dois *elenchoi*, Nícias evita as consequências adversas ao restringir o alcance das premissas. Na primeira premissa, ele nega que o médico possua um conhecimento sobre o que é preferível temer, pois, em determinados casos, pode ser melhor temer a saúde do que a doença. Este argumento se estende para os casos do lavrador, do artesão e do vidente. Nícias argumenta que os conhecimentos que estes profissionais possuem se referem aos seus ofícios e não ao que é de temer ou de não temer.

Assim, ao negar que tenha qualificado algum animal como corajoso, Nícias escapa das armadilhas dos *elenchoi* lançadas por Sócrates e Laques, ao passo que Sócrates, ao insistir na relevância de se examinar com precisão o sentido das palavras, desata o sofisma elaborado por Nícias a partir da arte de Pródigo. Deste modo, Sócrates não acredita que estes *elenchoi* estabelecem a verdade nem a falsidade das definições propostas de coragem, mas eles estabelecem consistência ou inconsistência daquilo que Nícias acredita.

O quarto *elenchos*, ou *elenchos* final do “Laques”, prossegue conforme o movimento do texto abaixo:

“Coragem é uma parte da virtude” (Cf. Platão, 2015, p. 89 [198a]); - “As coisas terríveis são os futuros males” “As mesmas coisas é a mesma ciência que as conhece no presente, no passado e no futuro” (Cf. Platão, 2015, p. 93 [199a]);

Assim,

“coragem não é apenas conhecimento do medo e do que é de confiar das, mas ela é conhecimento do passado, do presente e do futuro das coisas boas e más” (Cf. Platão, 2015, p. 93 [199b-c]).

Destarte,

“se alguém conhece todos os bens e todos os males (passado, presente e futuro), esta pessoa não está desprovida de nada. Então, a coragem não é parte da virtude, mas ela é toda a virtude. Logo, nós não descobrimos o que seja a coragem” (Cf. Platão, 2015, p. 93-95 [199d-e]).

No último *elenchos*, portanto, Sócrates retoma a premissa a partir da qual se desenvolveu o argumento de Nícias, cujo exame permitiu desvelar a ligação deste com as doutrinas de Damão e Pródigo. Tais doutrinas, no entanto, não se sustentam ao serem analisadas sob o crivo da universalidade, concebida como requisito indispensável da ciência, o que leva os interlocutores a admitirem que caíram em um círculo vicioso do qual ainda não foram capazes de sair, confessando, assim, que continuam a ignorar em que consiste a coragem.

3.4 A recepção do “Laques” na sala de aula

As atividades em sala de aula foram muito proveitosas. Vale ressaltar, para fins de contextualização, que as salas de aula são heterogêneas, isto é, existem turmas com alunos que apresentam diferentes características, como níveis de conhecimentos, ritmos de aprendizagens, motivações diferenciadas, entre outros.

No dia da atividade, fazia muito sol e, em algumas turmas, utilizamos o método peripatético de Aristóteles com os seus discípulos, ou seja, leitura e debate embaixo das árvores, o que abrandou o calor e motivou a participação da turma. O número de moças e rapazes é considerado equilibrado nas salas, pois o quantitativo dos alunos de cada sexo nas turmas é definido equitativamente.

Todos os dias (de segunda a sexta-feira), realizamos as atividades com três, quatro ou cinco turmas. Não era uma semana de provas, mas aproveitamos o ensejo e avaliamos os alunos com os trabalhos que eles realizaram de leitura, debates e apresentações. Ali estava o pesquisador, mas também o professor.

Durante a semana, os alunos têm apenas uma aula de filosofia, porém, é possível atender todas as turmas nas aulas de 45 minutos. Dentre as perguntas que os alunos fizeram em relação a atividades, destacam-se:

- “Por que a leitura deste texto grande, o ‘Laques’ de Platão?”
- “Quem é Laques?”
- “O que é coragem?”
- “Como podemos educar os nossos filhos na sociedade atual?”
- “Quem foi Sócrates?”, entre outras.

O planejamento foi bem elaborado, no entanto, existiam as dificuldades (internet, impressão dos textos, livros etc.) que impediram muitas vezes o professor pesquisador de executar satisfatoriamente alguns aspectos do plano de trabalho, porque nem sempre os recursos didáticos estavam à disposição nossa e dos alunos.

Nem todos os alunos tinham acesso aos recursos didáticos, mas, para esta pesquisa, foi possível contornar a situação com alternativas na aplicação da atividade: os alunos que não tinham internet para acessar o texto na plataforma Gr8 receberam o texto impresso providenciado pelo professor.

Como professor-pesquisador, observei que esta atividade de leitura e de apresentação de trabalhos foi bastante produtiva e relevante para o conhecimento filosófico dos estudantes. A maioria dos alunos jamais havia tido contato com um clássico da filosofia para executar este tipo de atividade em sala de aula ou no pátio da escola.

Observei que as turmas se interessaram em apresentar o texto por meio de várias formas de linguagem (cafés filosóficos, desenhos, jogos na internet, redações etc.). Examinei também que muitos estudantes compartilharam suas experiências, confrontando o texto com a própria vida nas seguintes perspectivas: ética, moral, política, virtude, etc.

Na questão da ética, eles comentaram em relação às escolhas dos filhos e à educação dos pais. Em relação à moral, os alunos discutiram sobre os costumes e a cultura da época, relacionando com a cultura atual.

Durante a leitura do texto do “Laques”, manifestaram-se alguns estereótipos sociais e intelectuais por parte dos estudantes no aprofundamento deste clássico da Filosofia. Mas observamos também que se apresentaram expressões das individualidades e da consciência crítica deles, ao estudar esta obra de Platão.

O primeiro estereótipo foi a categorização superficial baseada na primeira leitura do texto, em que os alunos muitas vezes são rotulados como “desinteressados”. Porém, a maioria destes estudantes responde com criatividade às atividades propostas de filosofia.

A consciência crítica destes estudantes se dá no aprofundamento da leitura, fazendo-se um exame rigoroso das palavras e da análise estruturada do texto. Este é um processo de desconstrução dos estereótipos e pré-conceitos, em que começa um caminho de reflexão crítica sobre a realidade em confronto com os textos da Filosofia.

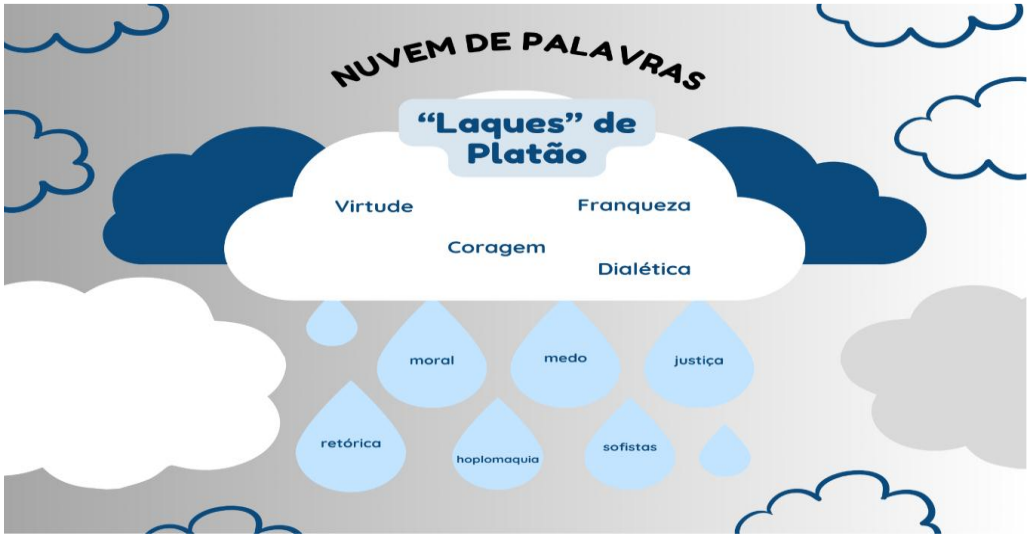
Para alguns alunos, o “Laques” pode parecer um texto árduo, difícil de entender. Contudo, estas barreiras rumo ao conhecimento profundo podem ser derrubadas, não obstante os limites de seu próprio entendimento. Abraçar a leitura do “Laques” significou nesta pesquisa

questionar os estereótipos das turmas e conquistar a própria individualidade reflexiva autêntica e transformadora.

Este texto aporético é um convite permanente para continuar a labuta do pensamento.

Abaixo, apresentamos algumas palavras que mais apareceram no estudo do “Laques” e nos trabalhos em sala de aula com as turmas de Ensino Médio:

Figura 1 – Nuvem de palavras do “Laques” de Platão



Fonte: Montagem do autor, 2025.

No que diz respeito à política, eles enfatizaram os cargos que as pessoas exercem na sociedade e que envolvem uma questão política. Para o tema da virtude, verifiquei o interesse deles pela questão da coragem, pois os alunos tentaram dar uma definição partindo da realidade deles e da vida deles. Assim, constatei que os nossos alunos têm grande potencial de aprendizado e necessitam apenas de alguma provocação e motivação para a partilha de experiências em sala de aula.

Averigui também que a dificuldade de interpretação de textos e de leitura dos alunos em sala de aula se dá devido ao pouco costume de praticar essa atividade. Um dos problemas em sala de aula tem a ver com o celular e o uso de jogos (*Freefire* e outros) por parte dos alunos. Os estudantes não se concentram mais nas aulas de filosofia ou de outro componente curricular, pois o vício por jogos, incluindo os de ação e violência, tomou conta da rotina dos jovens.

Os jogos, como ferramentas de ensino na filosofia ou noutro componente curricular, com características próprias, dinâmicas e voltadas à época atual, resultam em uma aprendizagem mais compatível com a linguagem da juventude atual.

Os contatos dos estudantes com as plataformas digitais de leitura, especialmente na hora de ler e interpretar, envolvem aspectos positivos, desafios e transformações nas práticas

pedagógicas. Os estudantes tiveram o acesso imediato ao texto e a dicionários para usar como suporte.

O engajamento e interatividade em sala de aula através dos novos recursos digitais (vídeos, áudios, animações, etc) contribuíram com as apresentações dos trabalhos. Equilibramos o uso das plataformas sem abandonar os textos impressos. Trabalhamos também a cidadania digital através da ética na curadoria do material, na privacidade e no combate às *fake news*.

3.4 O diálogo “Laques” no espaço digital

Propomos uma sequência didática que tinha por objetivo trabalhar o ensinamento socrático exposto no diálogo “Laques”, de Platão, tendo como ferramentas as tecnologias de aprendizagem hoje disponíveis nas escolas. Nossa proposta está ancorada na pesquisa publicada por Caio Gonçalves Bezerra Sereno, Marília Mello Pisani e Patrícia Del Nero Velasco, intitulada “Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível” (Sereno *et alii*, 2010).

As estratégias da sequência didática estão apresentadas abaixo, sendo:

- **Aula expositiva:** apresentação do texto “Laques”, de Platão, em sala de aula e leitura analítica e interpretativa com os alunos (45 minutos).
- **Atividade em grupo:** incentivar os alunos à pesquisa das palavras desconhecidas nos dicionários e nas enciclopédias e ao registro delas no caderno para a criação de um texto pequeno (6 meses).
- **Aula de debate (café filosófico):** promover um debate na sala de aula para discutir os temas tratados no texto de Platão sobre a educação socrática (45 minutos).
- **Pesquisa e apresentação:** os alunos deverão pesquisar e analisar casos de uso irresponsável das tecnologias digitais e apresentar soluções éticas e conscientes para evitar esse tipo de comportamento (6 meses).
- **Feira filosófica:** exposição dos textos e quadrinhos escritos a partir do texto “Laques” (45 minutos).
- **Material nas plataformas digitais:** inserir o material preparado pelos alunos nas plataformas tecnológicas, tais como: Gr8 e Word Wall.

O público jovem de hoje está imerso na tecnologia através dos aparatos e ferramentas tecnológicas e mídias sociais. A Filosofia analisa e avalia o uso destas, assim como o impacto na vida das pessoas. Todas as tomadas de decisões no âmbito da política, da sociedade, do meio ambiente, da economia e da cultura necessitam dos meios de comunicação de massa, e as

tecnologias que envolvem as redes sociais têm papel fundamental na criação de novos horizontes.

Ao refletir sobre a ética no espaço, no tempo e nas diversas culturas, a Filosofia conduz o aluno a pensar e, ao mesmo tempo, a escolher o caminho certo, valorizando a liberdade, a religião, a autonomia e a convivência democrática com um espírito solidário para com o ser humano.

As aulas

A sequência proposta se divide em quatro aulas, que são:

1ª Aula – Temática: “Quem são Platão e Sócrates?”;

2ª Aula – Temática: “Educação socrática”;

3ª Aula – Temática: “A virtude da coragem”; e

4ª Aula – Temática: “Laques de Platão”

Estes temas partem do estudo da obra “Laques”, de Platão.

1ª Aula – Temática: Quem são Platão e Sócrates?

Para este tema, calculam-se duas aulas. Neste primeiro momento, é importante iniciar a atividade fazendo uma comparação entre Platão e seu mestre Sócrates, abordando um pouco da história dos dois filósofos. A primeira aula consiste numa abordagem histórica da filosofia platônica, com uma apresentação de slides que expõe a parte teórica e uma proposta avaliativa com um *quiz*⁴⁷, que é utilizado de modo alternado com as explicações.

Sócrates nasceu no ano de 470 a.C. e morreu no ano de 399 a. C., e foi um pensador grego fundamental para o ocidente. Não escreveu nada em sua trajetória, mas sabemos alguma coisa da sua vida através dos escritos de outras pessoas. Por outro lado, Platão (428/427-348/347 a.C.), Xenofonte (430-354 a.C.) e Aristófanes (446-386 a.C.) escreveram várias obras que mencionam o mestre sábio do Oráculo de Delfos. É na “Apologia”, diálogo escrito por Platão, que Sócrates conclui que não sabe nada (Cf. Prado, 2024, p. 21).

⁴⁷ Esta palavra consiste num questionário rápido como um teste informal ou jogo de perguntas e respostas voltado para um tema específico ou componente curricular específico trabalhado nas escolas como uma metodologia de aprendizagem (Cf. OXFORD UNIVERSITY PRESS. Oxford English Dictionary (OED Online). 3ª ed. Oxford, 2024. Verbete: Quiz. Disponível em: <<https://www.oed.com/>>. Acesso em: 29 jul. 2025).

Problematização Dialógica:

Figura 2 – Slides das aulas de filosofia.



Andrade Filho, L.S., 2023. Aulas de filosofia semanais

Neste plano, a dinâmica envolvendo a teoria e a prática se desenvolve pela exposição em slides. O problema dialogado com os alunos será a partir do questionamento “você gosta de reality show?”. Logo em seguida, apresentam-se os programas de confinamento no Brasil e a frase socrática: “Conhece-te a ti mesmo!”. Depois, explica-se para os alunos a história de Sócrates e de Platão na forma de mapa mental, como mostra a ilustração acima.

Sensibilização:

Nesta etapa, os alunos irão responder duas questões sobre Sócrates e Platão enquanto o professor toca a flauta como indução à meditação do pensamento. Dar-se-á um tempo de 5 a 10 minutos para esta etapa.

Figura 3 – Questionamentos nos slides



Andrade Filho, L.S., 2023

Conceituação:

Neste momento, os alunos farão uma pesquisa sobre os conceitos encontrados na obra “Laques” utilizando o dicionário filosófico de Nicolas Abbagnano. Cada aluno poderá utilizar o celular para a pesquisa dos termos filosóficos encontrados na aula expositiva.

Investigação textual:

Esta etapa tem muita importância no campo da filosofia, pois ajuda os alunos a entrarem nos textos dos filósofos e os confrontarem com a vida. Essa investigação foi elaborada a partir da leitura do “Laques” por meio de novas tecnologias, que apresentam os textos de Platão em um site ao se escanear um QRcode através do celular, como mostra a figura abaixo.

Figura 4 – Uso das novas tecnologias na aula de filosofia através do QR code.



Andrade Filho, L.S., 2023

Avaliação:

Na última etapa avaliativa, fizemos uma sondagem entre os alunos, em sala de aula, para determinar quais aprenderam o pensamento socrático através do discípulo Platão. Foi solicitado que os alunos escrevessem sobre os temas éticos e políticos apreendidos do diálogo platônico, explicando os sentidos dos termos e propondo relações com a realidade dos estudantes.

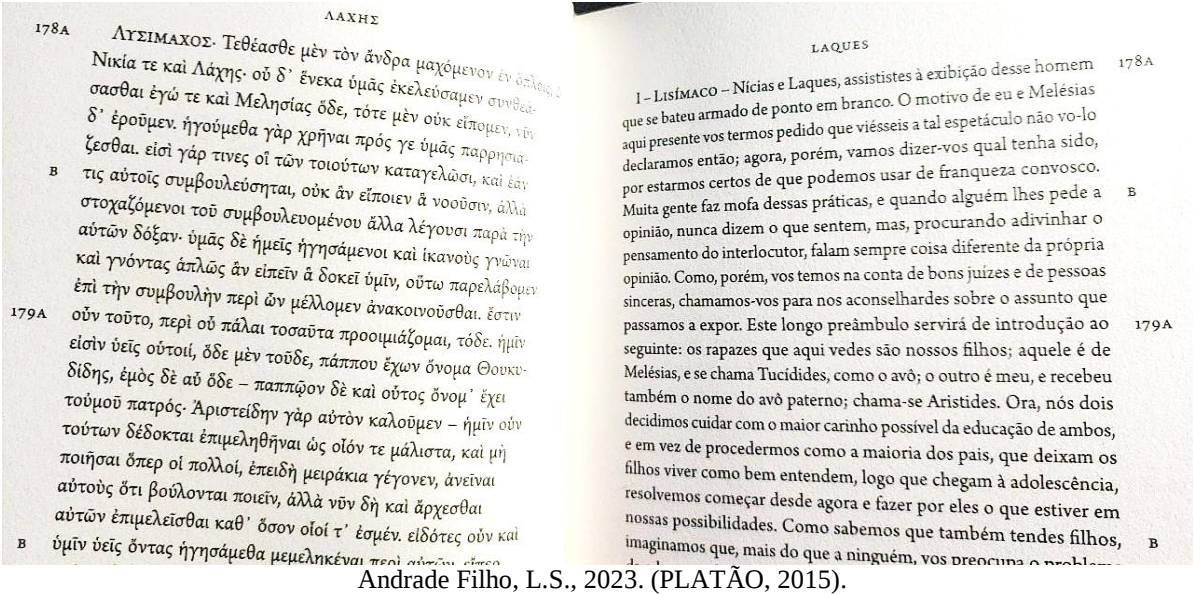
2ª Aula – Temática: Educação socrática

Para esta temática, calcula-se 2 aulas, em que há, na primeira, uma leitura do texto “Laques” de Platão em sala de aula, anotando-se as palavras desconhecidas do texto e fazendo-se uma pesquisa dos vocábulos desconhecidos. A segunda aula consiste em consultas nas enciclopédias e nos dicionários disponibilizados em PDF na plataforma Gr8. O professor traz à tona as palavras anotadas na aula anterior e pede para os alunos redigirem um texto no estilo de um relatório, contendo 10 a 15 linhas, com estas palavras, sem fugir do texto proposto pelo professor.

Problematização Dialógica:

A problematização destas duas aulas será desenvolvida mediante a leitura e a pesquisa em sala de aula, a partir do diálogo “Laques”, de Platão.⁴⁸ No primeiro momento os alunos farão uma leitura no celular ou no Datashow junto com o professor para situar os temas e os problemas para serem pesquisados e debatidos.

Figura 5 – Foto do texto “Laques”⁴⁹ Platão em grego e em português. em grego e em português.



Andrade Filho, L.S., 2023. (PLATÃO, 2015).

O “Laques”, de Platão se passa em Atenas, provavelmente depois da Batalha de Mantinea (418 a.C.), onde o general Laques, que dá nome ao diálogo platônico, morre. O diálogo desta obra inicia com a preocupação de dois pais, Lisímaco e Melésias, que, preocupados com a educação de seus filhos, procuram conselho com dois generais experientes em batalha, Laques e Nícias, para aprender o combate com armadura completa (hoplomaquia). Sócrates entra em cena ao apresentar a questão fundamental e o objetivo final da educação: o cultivo da virtude da alma. A hoplomaquia só é benéfica se contribuir para este objetivo, especialmente para a virtude da coragem.

Sensibilização:

⁴⁸ Platão, 427-347 a.C. Λάχης = Laques. Εὐθύφρων = Eutífron / Platão; tradução Carlos Alberto Nunes; editor convidado Plínio Martins Filho; organização Benedito Nunes & Victor Sales Pinheiro; texto grego John Burnet. – 3. ed. ver. e bilingue. – Belém: ed.ufpa, 2015.
⁴⁹ Ibidem.

Para a leitura com os alunos, o som da flauta é bem aceito durante o contato com texto filosófico. A música⁵⁰ é um recurso de ensino utilizado pelos gregos e por Platão, e pode ajudar na meditação sobre o texto.

Conceituação:

Este momento, segundo o estudo de Caio Gonçalves Bezerra Sereno, Marília Mello Pisani e Patrícia Del Nero Velasco, intitulado “Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível” (Sereno *et alii*, 2010, p. 158), implica a formação de conceitos, que é uma atividade crucial para que uma aula de filosofia seja bem-sucedida.

Na obra “O que é filosofia?”, Deleuze e Guattari (1992) propõem a fabricação de conceitos dentro da filosofia como uma arte. Esta obra faz a distinção entre a filosofia da ciência e a da arte. Enquanto a filosofia cria conceitos (entidades imanentes, problemas da vida, etc.), a arte e a ciência lidam com funções e perceptos/afetos. Diante da problemática formulada com os estudantes, partimos para a busca de possíveis soluções. Essa busca consiste na elaboração de conceitos.

A aquisição dessas noções se desenvolve mediante a reelaboração de antigos conceitos da filosofia para responder às perguntas levantadas pelos alunos.

Conceituação. Este momento é imprescindível para uma boa aula de Filosofia, dado o caráter essencial desta de “formação de conceitos”: serão apresentados os conceitos que trazem possíveis soluções para a problemática e, mediante a aquisição desses conceitos elaborados pelos filósofos, serão feitas recriações conceituais que atendam às necessidades da problemática (Sereno et al., 2010, p. 158).

Investigação textual:

Para este momento, cria-se um debate em sala de aula sobre os temas da abordagem relacionado à educação encontrado no texto “Laques” de Platão, apresentando os personagens e o contexto em que foi escrito este texto.

Trilha para o desenvolvimento da investigação semestralmente (individual e grupal)

- Qual é o papel exercido por Lísimaco e Melésias no diálogo?

⁵⁰ As duas músicas utilizadas nesta etapa foram músicas instrumentais na flauta do grupo Raízes Cabocla.

- Qual é o papel exercido por Nícias e Laques no diálogo?
- Qual é o papel de Sócrates no diálogo?
- Por que, apesar do fracasso da pesquisa empreendida no diálogo, todos os interlocutores de Sócrates ainda mantiveram a confiança nele para exercer o encargo de educar os outros?

Avaliação:

Neste momento, pede-se para os alunos escreverem um texto contendo de 10 a 15 linhas sobre os temas pesquisados em sala de aula ou mesmo sobre o entendimento do texto “Laques”, de Platão.

3ª Aula – Temática: A virtude da coragem

Para a abordagem deste tema, calcula-se que serão necessárias duas aulas de 50 minutos.

A primeira aula diz respeito ao aprofundamento do texto de Platão sobre a importância da virtude da coragem na educação dos jovens para o exercício da sua cidadania, organizando-se a apresentação de um debate e/ou café filosófico sobre os temas abordados.

As vantagens da primeira aula consistem em provocar entre os estudantes a discussão dos temas apresentados. As divagações são um desafio e uma oportunidade para estimular o estudante a tentar encontrar no “Laques” um pensamento para a sua vida ou para o seu contexto sociocultural. A escolha de um clássico da filosofia pode desafiar os estudantes a vencerem sua insegurança concernente a falar em público sobre “coisas difíceis”.

A segunda aula implica na exposição de trabalhos textuais e artísticos dos alunos na feira filosófica a partir do “Laques”.

Problematização Dialógica:

Estas duas aulas serão desenvolvidas a partir da práxis dialógica dos alunos no café filosófico, com a utilização do laboratório de informática para a produção de jogos a partir da plataforma Wordwall.

Sensibilização:

A sensibilização deste momento será a partilha dos alimentos no debate e/ou café filosófico antes da discussão dos temas em questão. Cada aluno partilha alguma coisa e se prepara para o debate a partir do “Laques”.

Conceituação:

No debate filosófico, os alunos podem pesquisar algumas concepções a partir de um conceito e apresentar novas concepções partindo do mesmo. No “Laques”, o conceito de coragem leva a refletir sobre a relação com outros conceitos, tais como a educação, a virtude, a bravura militar, a firmeza da alma, a prudência, o conhecimento, a excelência ética (Cf. Alves, 2025, pp. 8-11). A coragem é uma das quatro virtudes cardeais elencadas por Platão e uma das virtudes éticas (Abbagnano, 2007, p. 2010). Logo, o termo coragem tem uma concepção antropológica, pois está relacionado com a existência do ser humano.

Investigação textual:

Trilha para o desenvolvimento da investigação semestralmente (individual e grupal)

- Como se pode atestar as práticas da Parresia, do Exame e do Cuidado de Si no Diálogo?
- Quais foram as definições de Coragem examinadas no Diálogo?
- Quem as defendeu?
- Por que nenhuma delas foi aprovada?

Cada aluno irá fazer um aprofundamento pessoal do “Laques” de Platão em casa, para se preparar bem para o debate e para a entrevista com os professores.

Avaliação:

O professor irá avaliar os trabalhos de acordo com o desempenho e a preparação da turma nas apresentações em sala de aula. Os alunos também terão oportunidade de avaliar os trabalhos dos colegas na feira filosófica. É importante levar em conta os questionamentos e a argumentação dos temas tratados no debate.

4ª Aula – Temática: o “Laques” de Platão

Para esta temática, calcula-se 3 sessões de 50 minutos.

A primeira sessão tem como foco o aprofundamento do texto “Laques” de Platão na plataforma Gr8⁵¹. O trabalho com o texto deve acontecer de forma interdisciplinar (Filosofia, Artes e Língua Portuguesa).

Na segunda sessão, será feita a apresentação dos trabalhos numa feira filosófica, onde os trabalhos estarão expostos para a avaliação docente e discente.

As vantagens desta pesquisa estão na leitura, na interpretação e na produção dos alunos a partir de um clássico da filosofia.

Sensibilização:

Tocar músicas amazônicas (*Goteira do Andes* e *Canto da Floresta* – Raízes Cabocla) com a flauta durante a leitura do texto e a apreciação dos trabalhos expostos na feira filosófica.

Problematização Dialógica:

Gerar um debate (café filosófico) sobre a apresentação das três aulas com os alunos, provocando algumas perguntas sobre a exposição dos trabalhos.

Conceituação:

No debate filosófico, os alunos podem pesquisar algumas concepções a partir de um conceito e, em seguida, apresentar novas concepções dessa ideia.

Investigação textual:

⁵¹ Esta plataforma está disponível no site: <https://docente.gr8.com.br/>. Cada professor e cada estudante tem o seu login e senha para entrar na plataforma.

Cada aluno irá fazer um trabalho redigido ou artístico (quadrinhos, charge) como aprofundamento pessoal do texto “Laques” de Platão, em casa, apresentando em seguida na feira filosófica.

Trilha com “questões orientadoras”

- Qual é o contexto histórico do diálogo empreendido pelos personagens do "Laques"?
- Qual é o motivo da inquietação dos personagens sobre a juventude ateniense?
- Por que a educação aparece como um tema tão importante a ponto de exigir um debate entre os ilustres personagens da cidade?
- Qual é a relação entre educação, coragem, ciência e virtude estabelecida ao longo do diálogo?

Avaliação:

O professor e os alunos irão avaliar os trabalhos dos colegas expostos na feira filosófica. A produção final será um vídeo com as fotos e filmagens dos trabalhos em sala de aula.

Na terceira sessão, será abordado o “Laques”, de Platão, na plataforma Gr8, tendo o professor já postado na plataforma o texto completo, para os alunos prepararem um trabalho interdisciplinar num período de 3 meses (Língua Portuguesa, Artes e Filosofia).

Sensibilização:

No dia das apresentações dos trabalhos, os alunos fizeram uma feira filosófica, expondo os trabalhos em um varal em sala de aula e executando músicas durante a mostra.

Problematização Dialógica:

Os alunos preparam um café filosófico gerando um debate sobre o “Laques”, de Platão.

Conceituação:

Durante o debate, vários conceitos foram discutidos em sala de aula como forma de enriquecimento dos trabalhos.

Investigação textual:

Cada aluno fez uma redação e/ou história em quadrinhos como aprofundamento pessoal do “Laques”, culminando na exposição no café filosófico e na feira filosófica. Os temas que surgiram nestes trabalhos foram a coragem, a ética, a educação, a hoplomaquia, a virtude, etc.

Figura 6 – Quadrinhos com textos.



Andrade Filho, L.S., 2024.

Avaliação:

O professor e os alunos fizeram a avaliação dos trabalhos dos colegas expostos na feira filosófica e no café filosófico.

Figura 7 – Café filosófico.

Andrade Filho, L.S., 2024.

Avaliação das atividades

A avaliação consiste numa sondagem de aprendizagem a partir de conteúdos e/ou assuntos que podem ser examinados sob formas diversificadas, tais como: feira filosófica, jogos, trabalhos de redações, desenhos, avaliações, cafés filosóficos, etc.

As telas (computadores, celulares, tablets, etc.) fazem parte do dia-a-dia das crianças, jovens, adolescentes e adultos como uma rotina nas diversas atividades.

Os computadores são mais do que telas nas quais a personalidade das pessoas é projetada. As telas dos computadores e dos celulares já se tornaram uma parte de como uma nova geração está crescendo. Para adultos e crianças que programam, jogam jogos de computador, que usam o computador para manipular palavras, informações e imagens visuais, os computadores entram no desenvolvimento da personalidade, da identidade e até mesmo da sexualidade deles (Turkle, 2005, p. 21, tradução nossa).⁵²

As crianças de 2 e 3 anos já sabem acessar vídeos e jogos infantis nos celulares para aprender com as telas. Estes jogos podem desenvolver habilidades de solução de problemas que podem aparecer ao longo da vida deles.

Neste processo avaliativo, os alunos, acessando a plataforma *Wordwall* e divididos em equipes de quatro integrantes, criaram jogos a partir do “Laques”, de Platão, como forma de extração dos conhecimentos deste texto de forma lúdica na linguagem juvenil atual.

⁵² *Computers are more than screens onto which personality is projected. They have already become a part of how a new generation is growing up. For adults and for children who program, play computer games, who use the computer for manipulating words, information, and visual images, computers enter into the development of personality, of identity, and even of sexuality. (Turkle, 2005, p. 21).*

A gameificação⁵³ nas escolas está se tornando frequente como forma de atrair os estudantes para um novo caminho de ensino-aprendizagem em todos os componentes curriculares.

Figura 8 – Criação de jogos na plataforma Wordwall.



Andrade Filho, L.S., 2024.

Antes da avaliação, o professor levou os alunos para o laboratório de informática e os ensinou a criar os jogos na plataforma *Wordwall* a partir do “Laques”, de Platão.

Eles formaram grupos de 4 pessoas para a execução da tarefa (criação dos jogos).

Avaliar é imprescindível, porque o ato de educar está diretamente vinculado à ação-reflexão-ação.

Para chegar a este estágio avaliativo, os alunos passaram por um processo de adentrar no “Laques”, de Platão, explorar o conhecimento, através da reflexão, e apresentar esta reflexão nos jogos criados.

A interatividade dos alunos com as telas e com os jogos no computador faz com que os alunos aprendam mais os conteúdos.

Os jogos de vídeo são micromundos computadorizados interativos. (...) Os jogos requerem capacidade complexas e diferenciadas. Alguns começam a constituir uma socialização na cultura de computador: interagimos com um programa, aprendemos a aprender o que ele é capaz de fazer e nos habituamos a assimilar grandes quantidades de informação acerca de estruturas e estratégias interagindo com um dinâmico gráfico no ecrã. E quando dominamos a técnica de um jogo, pensamos em generalizar as estratégias a outros jogos. Aprende-se a aprender⁵⁴. (Turkle, 2005, p. 67, tradução nossa).

⁵³ Gameificação (adaptação/tradução em português) ou gamification. A palavra vem da língua inglesa e tem ampla difusão em obras norte americanas. No Brasil existem autores que tratam o termo em ambas as formas.

⁵⁴ *Video games are a window onto a new kind of intimacy with machines that is characteristic of the nascent computer culture. (...) The games demand skills that are complex and differentiated. Some of them begin to constitute a socialization into the computer culture: you interact with a program, you learn how to learn what it can do, you get used to assimilating large amounts of information about structure and strategy by interacting with*

Quando se fala de processo avaliativo através dos jogos, qual seria a vantagem da gameificação em contextos educacionais do Ensino Médio? Na época de Platão, os discípulos de Sócrates foram avaliados pela interação dialógica com o mestre. Nos dias atuais, especificamente nesta atividade, os alunos são avaliados pelo professor a partir do conhecimento filosófico inserido nas plataformas de jogos, nas quais os estudantes têm facilidade de criar produtos que servem como apoio pedagógico na docência de filosofia.

3.5 Os planejamentos (arranjos temporais) das atividades

Realizamos aproximadamente 100 sessões/aulas ao longo de um semestre nas 16 turmas de filosofia. As atividades foram organizadas por unidades temáticas, como apresentamos no tópico anterior do capítulo. Os comandos do professor para os alunos foram de acompanhamento no acesso do “Laques”, fosse do texto físico ou do digital nas plataformas. As modalidades de avaliação foram oral, escrita e artística, e ajudaram no desenvolvimento individual e coletivo das turmas do Ensino Médio.

O planejamento, como caminho metodológico, refere-se a uma forma de organização de atividades para facilitar os trabalhos realizados no cotidiano da vida humana. No campo da educação, as escolas públicas fazem o planejamento de forma cronológica para ajudar na prática de ensino-aprendizagem.

Ao aprofundar o conceito de planejamento, Vasconcellos (2002, p. 78) parte da concepção dicionarizada, ou seja, ele pesquisa nos dicionários este conceito para se chegar a uma definição de planejamento.

Discutir conceitos (de planejamento, de projeto, por exemplo) pode parecer ‘perda de tempo’, sendo que o mais importante seria discutir o como fazer. Ocorre que, com frequência, as ideias mais interessantes sobre a prática acabam advindo justamente da clareza conceitual. Quanto mais se aprofunda o conceito, maior o grau de liberdade, de autonomia do sujeito-professor. Pela negativa: quanto menor a fundamentação, maior a necessidade de receita, de modelo (Vasconcellos, 2002, p. 78).

O conceito de planejamento tem a ver com projeto e organização de alguma atividade a ser realizada em sala de aula ou em outro ambiente.

Planejar não é, pois, apenas algo que se faz antes de agir, mas é também agir em função daquilo que se pensou... Planejamento é o processo, contínuo e dinâmico, de reflexão, tomada de decisão, colocação em prática e acompanhamento. (Vasconcellos, 2002, p. 79-80).

a dynamic screen display. And when one game is mastered, there is thinking about how to generalize strategies to other games. There is learning how to learn. (TURKLE, 2005, p. 67).

Refletir e organizar as nossas ações faz parte da prática docente. Na escola em que trabalho, existem dois tipos de planejamento: trimestral e anual. Há também uma ficha chamada de HTP (horas de trabalho planejada) que registra as avaliações, os conteúdos, as reuniões e as formações de cada professor.

Diante desse contexto, é importante afirmar que o professor, como agente e sujeito na sociedade, é um ser reflexivo e crítico da realidade social e, por isso, tem um importante papel na transformação do contexto social, principalmente, quando propõe projetos científicos e tecnológicos.

Entre os recursos das TIC disponíveis para o uso nas atividades de ensino/aprendizagem, destacam-se a plataforma Gr8 e a plataforma Wordwall. Essas ferramentas têm a função educacional de orientar os alunos quanto aos conteúdos, de gerenciar jogos voltados para o conhecimento filosófico, de responder questões voltadas para o ensino da filosofia etc.

O uso destes recursos enseja práticas pedagógicas que favorecem a inclusão dos estudantes na sociedade como portadores de uma nova linguagem de transmissão do conhecimento de forma consciente e responsável. As funções das plataformas digitais são de facilitar o aprendizado dos estudantes favorecendo o desenvolvimento das competências e habilidades da leitura, do debate, do pensamento crítico, da expressão oral, escrita e artística. Assim, favorecem a cooperação, a tolerância, a solidariedade e o pertencimento dos alunos perante a nova forma de ensino.

Figura 9: Planejamentos

PLANEJAMENTO TRIMESTRAL DA DISCIPLINA DE FILOSOFIA – 2024			
Aulas Previstas: 42 aulas			
1º TRIMESTRE			
Eixo Temático: Filosofia Antiga e Medieval			
SEMANA	OBJETO DO CONHECIMENTO	EXPECTATIVA DA APRENDIZAGEM	PROCEDIMENTO METODOLÓGICOS
07 A 09/02	- Atividades de sondagem;	- Ler e compreender os textos filosóficos em sala de aula;	- Leitura, interpretação, redação, quadrinhos, café filosófico (texto Laques de Platão)
15 A 16/02	Introdução a Filosofia	- Perceber os diferentes tipos e possibilidades de conhecimentos;	- Aula no laboratório de informática;
19 E 23/02	Pré-socráticos	- Conhecer os aspectos mais importantes da vida e do pensamento de Sócrates.	- Plataforma GR8;
26 A 29/02	Pré-socráticos	- Conhecer a biografia e a bibliografia de Platão.	- Plataforma Explicae;
04 A 08/03	Pré-socráticos	- Entender o contexto que influenciou a filosofia de Platão;	- Plataforma Acerta + ENEM;
11 A 15/03	Filosofia Clássica	- Compreender a Teoria das ideias de Platão.	- Textos filosóficos mais atividades;
18 A 22/03	Filosofia Clássica	- Conhecer as informações mais importantes da vida e obra de Aristóteles.	- Pesquisas em livros e em Dicionários filosóficos em PDF;
25 A 28/03	Helenismo	- Diferenciar as teorias do conhecimento de Platão e Aristóteles;	- Trabalhos de pesquisa, Mapa Mental e Fóruns no portal GR8 e na plataforma Explicae;
01 A 05/04	Helenismo	- Compreender como se dá o conhecimento em Aristóteles;	- Atividades em AVA, em livros digitais, ou outras, conforme Diretrizes Pedagógicas da SEDUC.
08 A 12/04	Helenismo	- Compreender a filosofia no período medieval - patrística;	
15 A 19/04	Filosofia Medieval	- Compreender a filosofia de Agostinho de Hipona;	
22 A 26/04	Filosofia Medieval	- Comparar os principais aspectos dessa filosofia com o período medieval;	
29 A 02/05		- Desenvolver o pensamento de Agostinho de Hipona;	
06 A 10/05	Filosofia Medieval	- Demonstrar os principais aspectos da filosofia escolástica.	
13 A 15/05	Filosofia Medieval	- Problematicar os conceitos de escolástica;	
		- Compreender a filosofia no período medieval - ESCOLÁSTICA;	
		- Demonstrar a teoria do conhecimento em TOMÁS DE AQUINO.	
AVAM			
Verificação Corrente 29 a 02/05			
ORGANIZAÇÃO DAS AVALIAÇÕES TRIMESTRAIS			
07/02 A 03/05	AVALIAÇÃO PARCIAL TRIMESTRAL		ARTE DE LER, INTERPRETAR, DESENHAR E REDIGIR
29 A 02/05	VERIFICAÇÃO CORRENTE		AVALIAÇÃO INSTITUCIONAL OBJETIVA
09/05	VERIFICAÇÃO FINAL		AVALIAÇÃO 60% OBJETIVA E 40% DISCURSIVA

Diante desse contexto, é importante afirmar que o professor, como agente, como sujeito na sociedade é um ser reflexivo, um ser crítico da realidade social e, por isso, tem um importante papel na transformação do contexto social, principalmente, quando propõe projetos científicos tecnológicos.

Entre os recursos das TIC disponíveis para o uso nas atividades de ensino/aprendizagem, destacam-se a plataforma Gr8 e a plataforma *Wordwall*. Essas ferramentas têm a função educacional de orientar os alunos quanto aos conteúdos, de gerenciar jogos voltados para o conhecimento filosófico, de responder questões voltadas para o ensino da filosofia etc.

O seu uso enseja práticas pedagógicas que favorecem a inclusão dos estudantes na sociedade como portadores de uma nova linguagem de transmissão do conhecimento de forma consciente e responsável.

As funções das Plataformas Digitais são de facilitar o aprendizado dos estudantes favorecendo o desenvolvimento das competências e habilidades da leitura, do debate, do pensamento crítico, da expressão oral, escrita e artística. Assim, essas funções favorecem a cooperação, a tolerância, a solidariedade e o pertencimento dos alunos perante a nova forma de ensino.

A participação dos alunos no processo de investigação

A participação dos alunos no processo de investigação tem sido essencial para dar acesso a grupos mais vulneráveis nos estudos que utilizam métodos de investigação mais tradicionais.

A colaboração dos alunos do Ensino Médio no delineamento do desenho do estudo, métodos e instrumentos de coleta de dados é uma vantagem, pois contribui para tornar esses dados mais adequados, acessíveis e relevantes para os participantes e a investigação. As metodologias ativas são importantes também para a investigação dos atores presentes na pesquisa.

Sendo assim, a pesquisa se caracterizou por uma abordagem qualitativa, “com o investigador tipicamente envolvido em uma experiência sustentada e intensiva com os participantes” (Creswell, 2010, p. 211), cujo problema visa responder: “Quais as contribuições das leituras e debates filosóficos com o uso de tecnologias digitais visando aquilo que os jovens pensam e o futuro que eles almejam que o mundo seja? O que essas novas tecnologias possuem que desperta nos estudantes tanto interesse? Como o professor pode tirar vantagem dessas tecnologias para despertar nos estudantes o interesse pelos componentes curriculares (a filosofia por exemplo)? ”

Ora, a experiência da leitura do “Laques” com o uso de plataformas digitais nos permitiu inferir que a retórica, como arte de persuasão, encontra as respostas para os questionamentos que estavam no seio da alma. A busca socrática da verdade brota da parturiente ideia que está no esconderijo da consciência e o agradável e prazeroso para a alma consiste no labor intelectual e moral do homem.

“Portanto, a retórica, como parece, é artífice da persuasão que infunde crença, mas não ensina nada a respeito do justo e do injusto” (Lopes, 2011, p. 199, [455a]). Sócrates, por sua vez, desafia a ideia de que a retórica pode ser utilizada de forma ética e justa.

O filósofo argumenta que a verdadeira retórica deve ser fundamentada no conhecimento e na busca pela verdade, em vez de apenas manipular as emoções e opiniões das pessoas.

O segundo aspecto, *a busca da verdade*, enfatiza a importância da educação e do autoexame na busca pela verdade e pela sabedoria. Sócrates destaca que é essencial para os indivíduos questionarem e examinarem suas próprias crenças e opiniões, a fim de alcançarem uma compreensão mais profunda da realidade.

A sabedoria do homem é para si mesmo, mas também para o bem do outrem ou o bem dos outros. No entanto, o homem que não é sábio, é considerado inútil para si e para os outros.

O pensamento antropológico de Sócrates tem relevância tanto para o conhecimento como para a sabedoria como meios de promover o bem para o próprio indivíduo e para a sociedade como um todo.

O pensamento socrático, portanto, sugere que a sabedoria não beneficia apenas o indivíduo que a possui, mas também contribui para o bem-estar da comunidade.

O último aspecto, *a diferença entre o que é agradável e o que é verdadeiramente bom para alma*, explora a distinção entre a busca do que é agradável e a busca do que é intrinsecamente bom para a alma.

Porventura sou eu que conduzo a esse ponto, nobre homem, ou aquele que afirma peremptoriamente que quem se deleita, por qualquer modo que seja, é feliz, sem discernir quais são os bons e os maus prazeres? Mas dize-me novamente: afirmas que agradável e bom são o mesmo, ou que há coisas agradáveis que não são boas? (Lopes, p. 339, [Platão/Górgias, 495a, 495b]).

Ele argumenta que é mais valioso buscar o que é verdadeiramente benéfico para o desenvolvimento moral e intelectual, em vez de simplesmente ceder a impulsos de prazer imediato.

CARACTERIZAÇÃO DO ESTUDO REALIZADO

Para avaliar os impactos das atividades aplicadas nesta proposta fizemos um estudo com dois tipos de abordagem: a extensiva e a compreensiva. A abordagem extensiva recorre a técnicas quantitativas, baseando-se na representatividade e na capacidade inferencial dos dados e é característica das pesquisas do tipo *survey*.

Já a abordagem compreensiva utiliza técnicas qualitativas, trabalhando o conteúdo de Filosofia do texto Laques de Platão, enfatizando as percepções do sujeito sobre o vivido a partir da compreensão deste texto em estudo.

Pesquisa compreensiva

Neste estudo foram utilizadas as seguintes técnicas: grupos focais; entrevistas individuais com os alunos do Ensino Médio de uma escola do Estado do Amazonas.

Pesquisa extensiva

Foram aplicados questionários estruturados aos alunos do Ensino Médio, com alunos de 16 turmas (Tabela 1 e 2), sendo que apenas 20 alunos irão participar da pesquisa na elaboração dos jogos.

TABELA 1. Resultado de palavras do “Laques”

Turmas	Personagens do Laques	Escritor do diálogo	Glossário do texto	Total de alunos
1º anos	Laques/Laquete, Nícias, Lisímaco, Melésias, Sócrates.	Platão, filósofo da antiguidade	Virtude, moral, coragem, medo, justiça	59
2º anos	Lisímaco, Melésias, Nícias, Laquete, Sócrates e os filhos deles	Platão	Virtude, silogismo, dialética, hoplomaquia, franqueza, pusilânime	40
3º anos	Lisímaco, Nícias, Melésias, Laquete, Sócrates e os filhos dos dois	Platão	Alhures, Equitação, Carmênides, sofista, retórica, preâmbulo	15

Na tabela 1, os alunos dos 1º anos responderam de forma variada sobre o personagem da obra “Laques”, de Platão. Alguns alunos responderam de forma incompleta sobre os personagens do texto.

Os alunos dos 2º anos ampliaram mais as respostas sobre os personagens do Laques e também no glossário do texto.

Os alunos dos 3º anos não ampliaram a leitura do texto em relação as demais turmas. Na parte do glossário, eles encontraram palavras distintas das demais turmas, mas em relação aos personagens não conseguiram identificar todos na obra de Platão.

TABELAS 2. A importância dos jogos para o ensino da Filosofia

Turmas	Quantidade de alunos	Alunos que responderam a pesquisa
1º anos	341	26
2º anos	228	18
3º anos	195	41

Observa-se que os alunos que responderam esta pesquisa não chegam nem na metade dos entrevistados, como mostra a Tabela 2.

Existem diversos fatores na ausência da participação nesta pesquisa. Uma das dificuldades está na questão da falta de internet. Outro fator é a questão da mudança dos E-mails que tinham um domínio e foi modificado pela SEDUC para outro domínio. No entanto, é possível fazer inferência nas respostas que os discentes fizeram, conforme demonstra os gráficos abaixo:

GRÁFICO 1. Google formulário

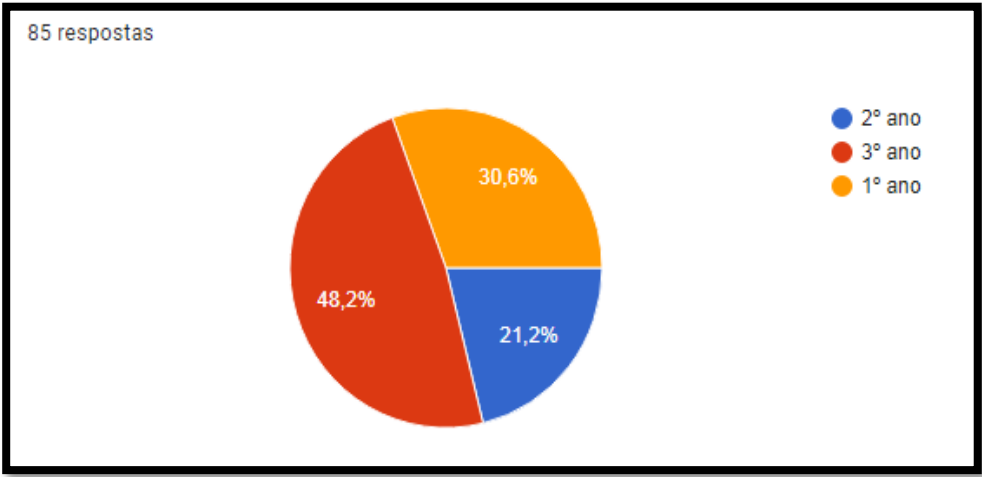
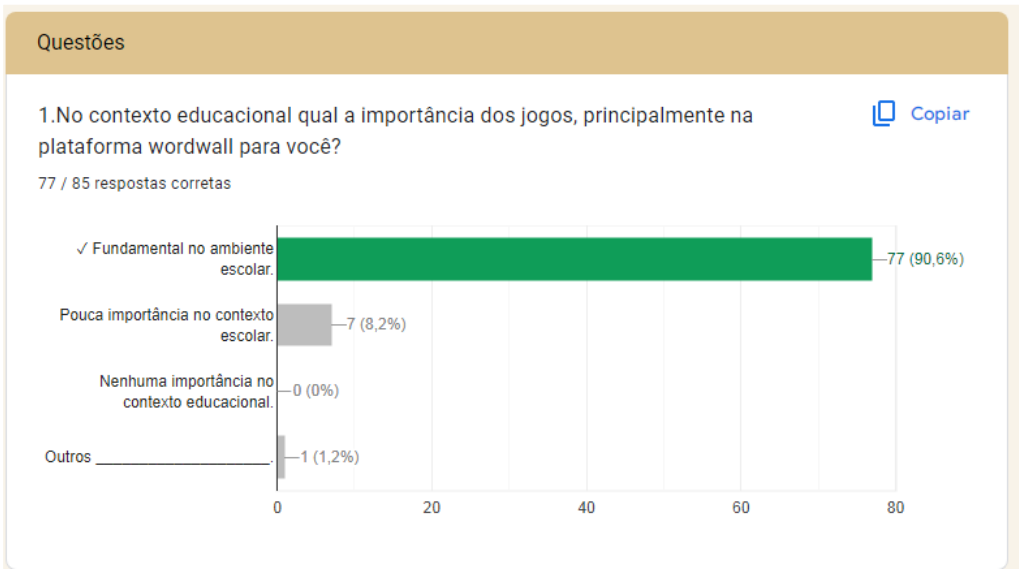
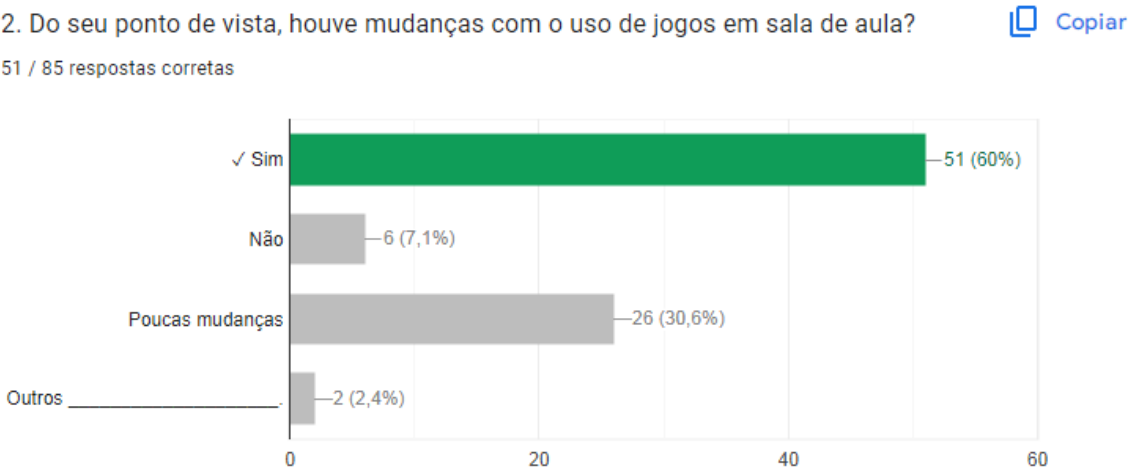


GRÁFICO 2. Importância dos jogos na plataforma Wordwall



A maioria das turmas do Ensino Médio responderam que os jogos são fundamentais no ambiente escolar para aprimorar o ensino nos componentes curriculares, como mostra o gráfico acima. E sete alunos responderam que o uso de jogos tem pouca importância no contexto escolar.

GRÁFICO 3. Importância dos jogos em sala de aula

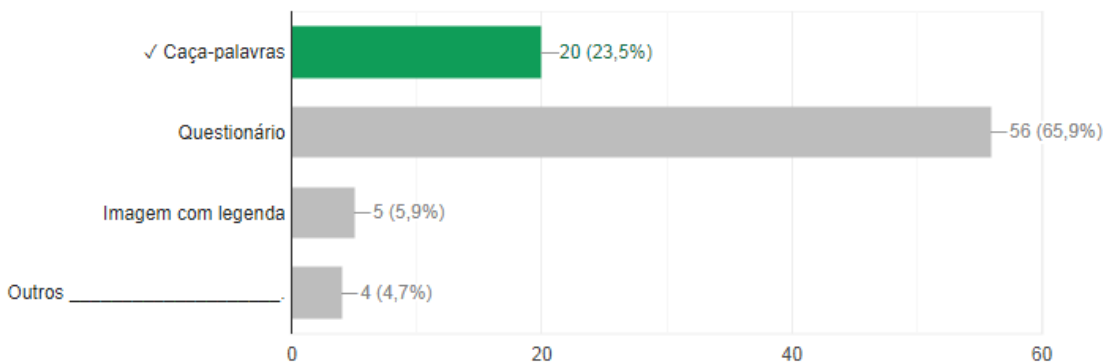


A maior parte dos alunos responderam de forma afirmativa a mudança em sala de aula no uso das tecnologias, principalmente, através da gamificação no componente curricular da Filosofia. Veja o gráfico supracitado.

Além disso, os jogos motivam e ajudam no raciocínio lógico na hora de concatenar as ideias correspondente ao assunto estudado. Da competição através dos jogos, emerge a disputa para saber quem é o melhor em determinado conteúdo tratado em sala de aula.

GRÁFICO 4. Modelos de jogos

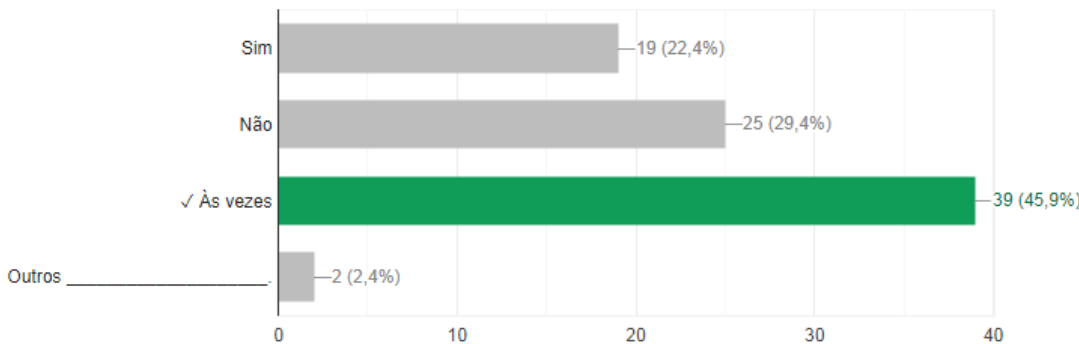
3. Quais os jogos você considera essenciais em sala de aula? [Copiar](#)
20 / 85 respostas corretas



O jogo de Caça-palavras teve menos preferência que o jogo de Questionário na opinião dos discentes. Ao comparar estes dois modelos de jogos, observa-se que os alunos entendem que o jogo de Caça-Palavras traz conhecimentos para determinados assuntos da Filosofia e do texto Laques de Platão, mas não aprofunda as questões como a forma de Questionário que perpassa séculos e séculos no ensino-aprendizagem.

GRÁFICO 5. Uso de jogos na aula de filosofia

4. Você faz uso jogos em sala de aula na filosofia? [Copiar](#)
39 / 85 respostas corretas



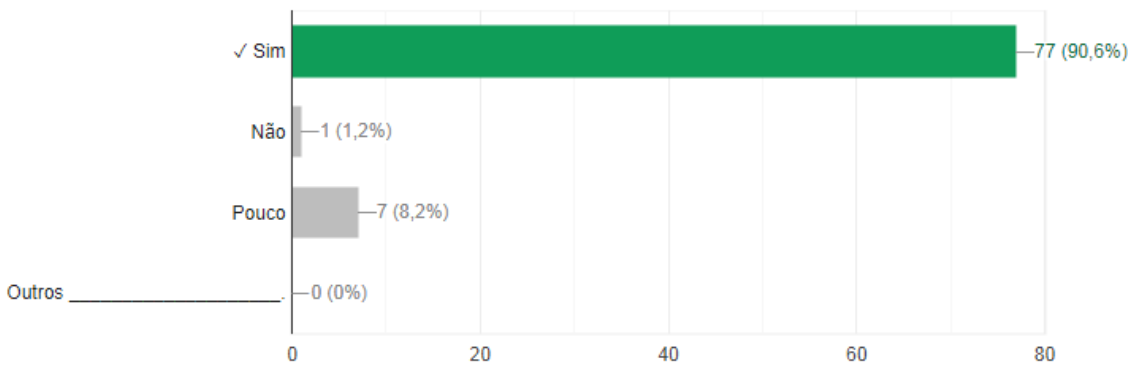
Os alunos, em sua maioria, responderam que os jogos são usados de vez em quando em sala de aula, pois, esta metodologia é apenas uma parte daquilo que pode ser abordado ao longo da execução do planejamento.

GRÁFICO 6. Benefícios dos jogos para o aluno

5. Do seu ponto de vista como discente o uso dos jogos, trazem benefícios para você?

Copiar

77 / 85 respostas corretas



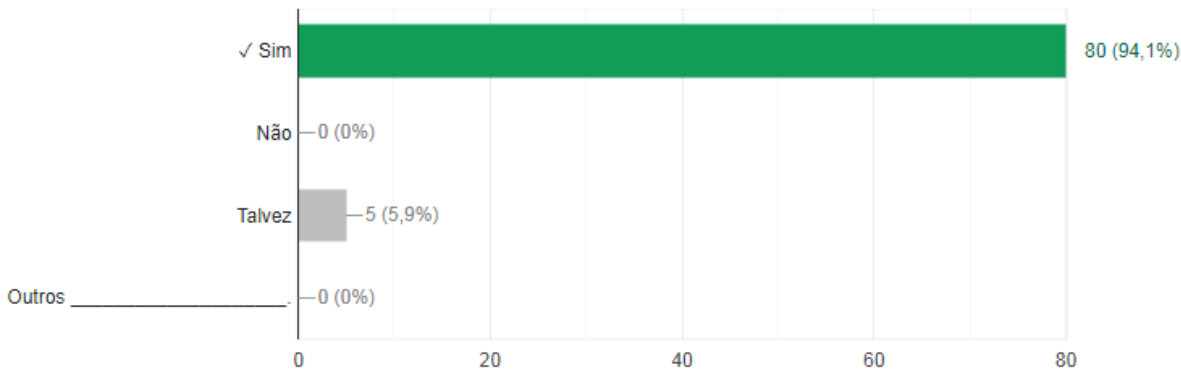
Na opinião dos alunos, a linguagem que eles mais utilizam no dia a dia de suas vidas, os jogos trazem benefícios para eles, como mostra o gráfico acima. Apenas 1 aluno respondeu que o jogo não ajuda e 7 alunos apresentou que os jogos trazem pouco benefício para a vida deles.

GRÁFICO 7. Uso dos jogos na aprendizagem

6. Na sua opinião, o uso dos jogos, facilita a aprendizagem?

Copiar

80 / 85 respostas corretas



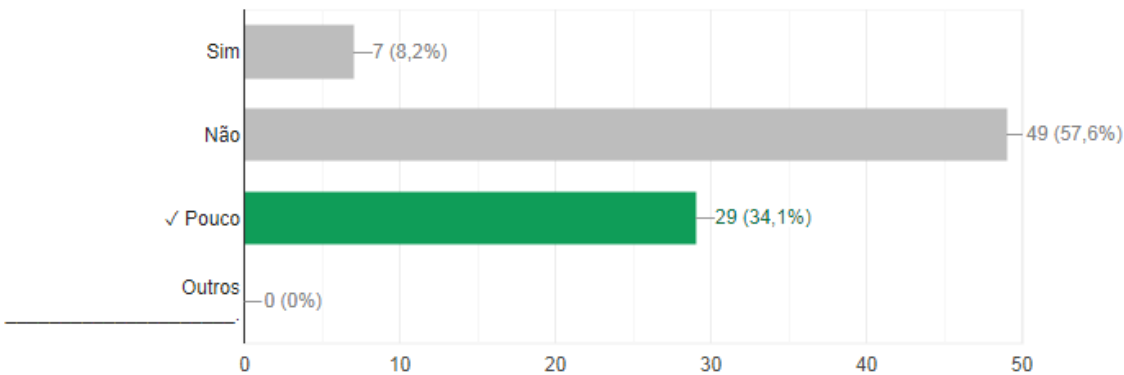
Segundo os alunos, os jogos podem facilitar na aprendizagem da filosofia. A linguagem juvenil nas mídias sociais e nos aparatos tecnológicos, como celulares, computadores, TV, carregam estes jogos nas mais variadas formas de atração para este público. 5 alunos responderam que talvez esta linguagem lúdica facilita na aprendizagem.

GRÁFICO 8. Utilização e criação dos jogos

7. Você teve dificuldades em aprender a criar e utilizar os jogos?

Copiar

29 / 85 respostas corretas



A geração de hoje já traz este conhecimento sobre as mídias e jogos. O inatismo digital prevalece nas cabeças das crianças, dos jovens e, por isso elas/eles têm a facilidade de criar e manusear esta forma de linguagem.

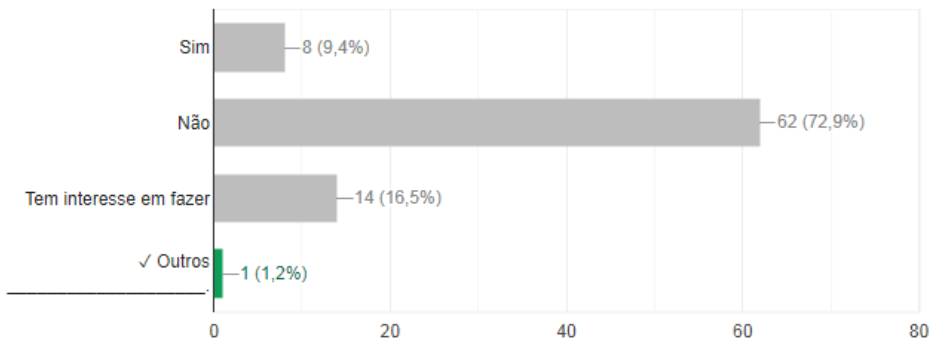
A maior parte dos alunos disseram que não têm dificuldade para criar um jogo ou mesmo manuseá-lo. Apenas 7 alunos disseram que têm dificuldades na criação de jogo filosófico.

GRÁFICO 9. Capacitação para criar e utilizar os jogos

8. Você teve algum curso de capacitação para poder criar e utilizar os jogos?

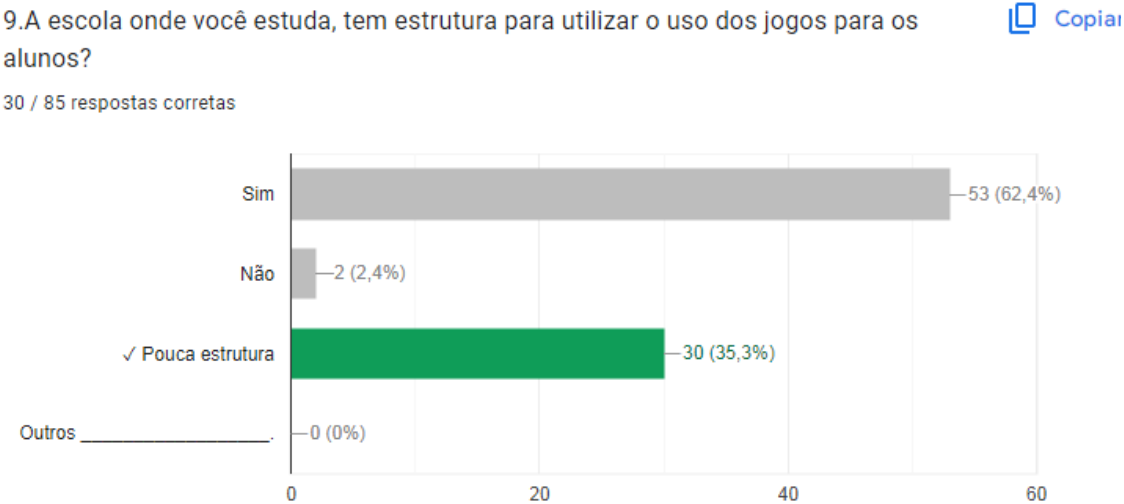
Copiar

1 / 85 respostas corretas



Neste gráfico, observa-se que a maioria (62 alunos) dos jovens não precisam de cursos e capacitação para entrar neste mundo dos jogos filosóficos. Apenas 8 alunos fizeram capacitação para a criação de jogos e os outros 14 alunos têm interesse em aprender a manipular esta ferramenta digital.

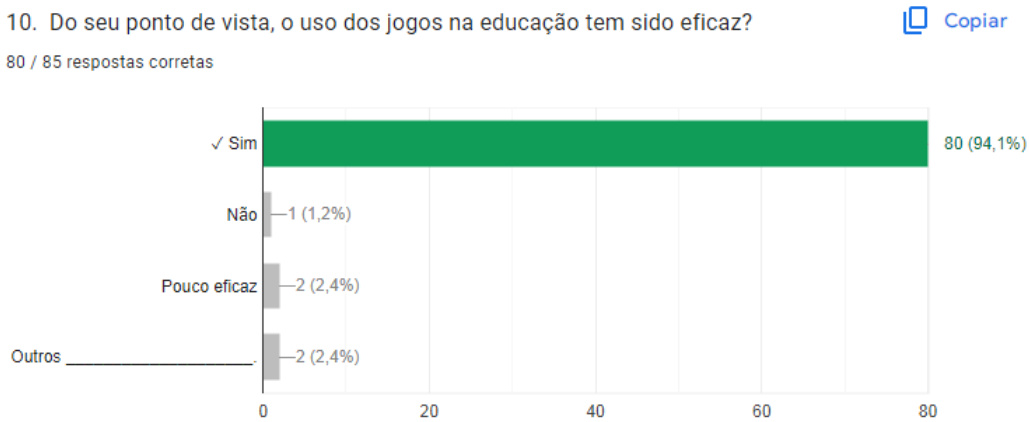
GRÁFICO 10. Escola estruturada para uso das tecnologias e jogos



Trinta alunos concordam que a escola tem pouca estrutura para este tipo de atividade em sala de aula. Cinquenta e três alunos responderam que a escola possui estrutura porque ela tem um laboratório de informática com alguns computadores. E dois alunos falaram que a escola não tem estrutura para a realização de jogos.

No entanto, a internet não funciona como deveria funcionar nas escolas para exercer qualquer atividade que envolva tecnologia e jogos. Na maioria das vezes os estudantes têm que fazer algumas atividades pelo próprio celular usando a própria rede de dados móveis.

GRÁFICO 11. Importância dos jogos na plataforma Wordwall.



Oitenta alunos responderam que o uso de jogos é eficaz em sala de aula. 1 alunos respondeu que não tem eficácia este recurso. E 2 alunos responderam que tem pouco eficácia o uso de jogos em sala de aula. A gameificação na educação, segundo os discentes, é muito eficiente na educação. Podemos observar a partir desta pesquisa a eficiência na filosofia ou em outros componentes curriculares quando os alunos criam diversos jogos e atividades a partir de

um texto filosófico de maneira mais lúdica que atrai as pessoas e cria interesse em vários assuntos.

Assim, os jogos, como linguagem juvenil, podem revolucionar a cabeça das pessoas levando em conta os diversos aspectos sociais e econômicos da sociedade.

JOGOS A PARTIR DO TEXTO LAQUES DE PLATÃO

Os jogos que os alunos criaram em equipe foram a partir do texto “Laques”, de Platão, na plataforma Wordwall. Estes jogos têm um ranking onde o jogador tem que responder as perguntas em menos tempo, pode gravar o nome que ficará na internet em ordem de classificação.

Eles transportaram a aprendizagem deles tirada de um clássico da filosofia e colocaram na forma de linguagem que eles têm mais afinidade, isto é, os jogos nesta plataforma educacional. Os jogos podem abrir no computador ou mesmo no celular a partir do link ou do QR Code.

Figura 10 – Modelos de jogos na plataforma Wordwall.



O jogo de caça-palavras ou “caça-filosófico” consiste em encontrar as palavras que estão no Laques. O vencedor será aquele que encontrar em menos tempo as palavras filosóficas deste jogo associando com as perguntas ao lado.

0:53

✓ 0

Quem foi Nicias?

A

Foi um general e político de Atenas durante a guerra do Peloponeso

B

Foi um filósofo romano

C

Foi um arquiteto grego

D

Foi um pintor Greco-romano

☰

◀ 5 de 5 ▶

🔊 🔍

0:21

Hoplomaquia

Sócrates

Lisímaco e Melésias

Platão

Nícias

Laques

General, rico, generoso e admirado por sua prudência e conhecimento militar.

arte do manejo das armas e do combate.

Mestre e seu discípulo.

Filósofo, matemático e autor de vários diálogos filosóficos.

General honrado, militar, não político.

lamentação não ter tido destaque na vida política e desejam um bom futuro pros filhos.

Ele propõe a conversa sobre a definição de coragem.

uma virtude. (Firmeza diante das dificuldades, adquirindo a capacidade de ultrapassar seus limites situação de perigo, enfrentando o medo.)

☰

Enviar respostas

🔊 🔍

Filosofia e associação

Compartilhar

Andrade Filho, L.S., 2024

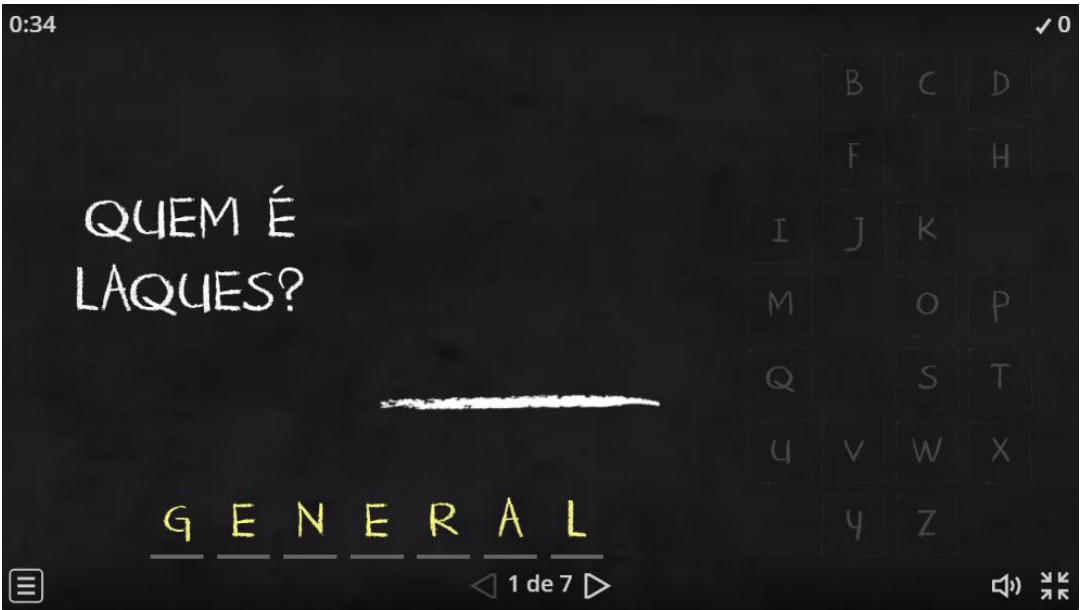
O jogo de questionário e associação leva o jogador a responder as perguntas e associar as frases aos personagens do texto.

Vence o jogo aquele que responder em menos tempo o questionário ou a associação das palavras.



Andrade Filho, L.S., 2024

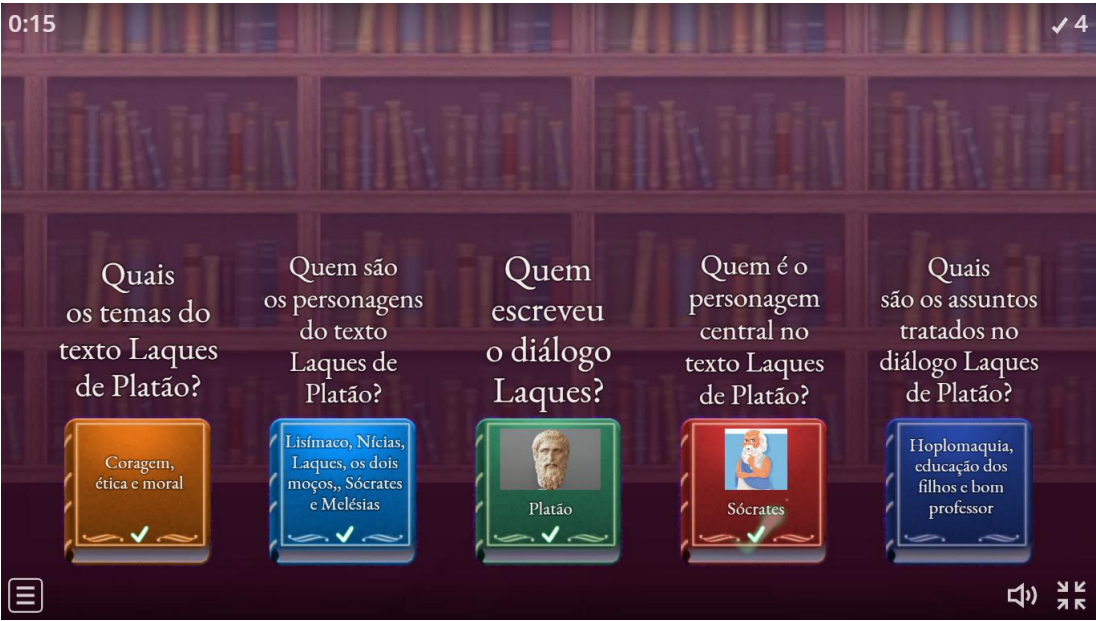
O jogo de roleta gira as perguntas e escolhe as respostas filosóficas de acordo com o texto que os alunos leram na obra de Platão. Esta atividade consiste em encontrar a resposta a partir das perguntas formuladas do texto em sala de aula.



Andrade Filho, L.S., 2024.

O jogo da força, o aluno ou o professor deve adivinhar a palavra que está na obra Laques de Platão. Neste jogo, o aluno escolhe uma letra para adivinhar a resposta correta.

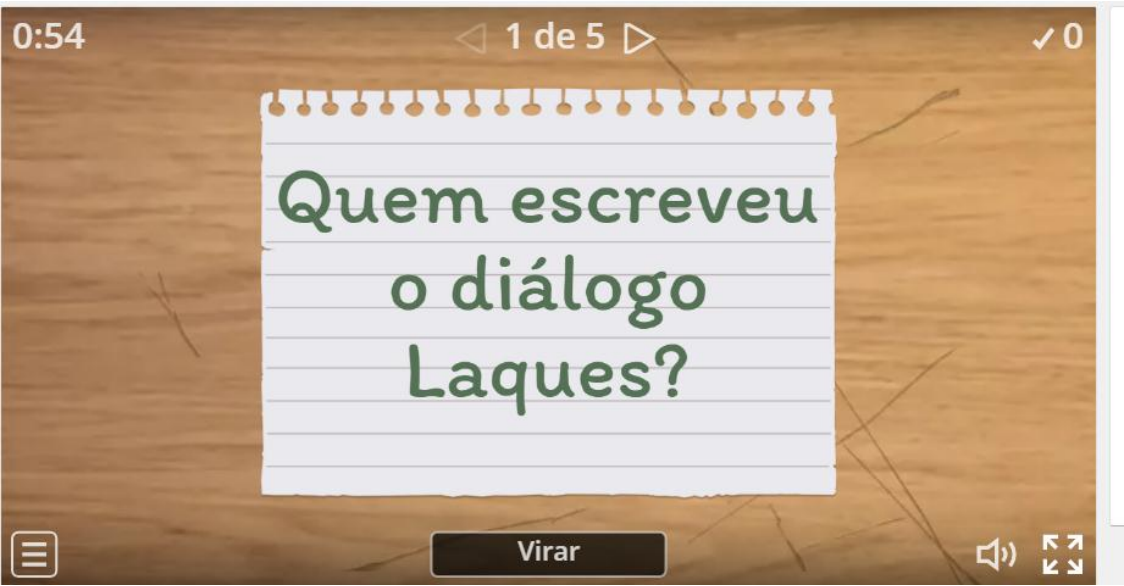
Não é muito fácil porque cada letra que você erra corre o risco de ser enforcado no final do jogo e perder a partida se não adivinhar a palavra correta a partir da pergunta do jogo.



Andrade Filho, L.S., 2024.

Este jogo funciona com associação das perguntas e classificando com as respostas dos livros que estão com as respostas corretas.

O jogo tem o objetivo de classificar os conteúdos de Laques como se fosse uma avaliação de ligar as respostas com as perguntas e respostas corretas.



Andrade Filho, L.S., 2024.

O jogo Flashcards explora as cartas com as perguntas onde o jogador deve escolher a opção de certo ou errado.

A criatividade dos alunos na criação destes jogos é importante para o ensino-aprendizagem porque eles desenvolvem várias habilidades no que diz respeito às novas tecnologias.

0:18 ✓ 0

Quais os assuntos tratados no texto de Laques?

A
Hoplomaquia,
edução dos filhos
e bom professor

B
Violência,
paz e guerra

C
Briga em família,
deslealdade
e violência

D
Escola,
universidade
e família

E
Tristeza, medo
e violência

F
Democracia,
anarquia e
comunismo

◀ 5 de 5 ▶ 

Andrade Filho, L.S., 2024.

O jogo de questionário apresenta várias perguntas que podem ser exploradas em vários componentes curriculares, inclusive na Filosofia. Além do diálogo Laques de Platão e outros textos filosóficos, é possível abordar temas e assuntos em sala de aula.

0:28 ✓ 2

Quais são os assuntos tratados no diálogo Laques de Platão?

A
a falta de conhecimentos gerais

B
antiguidade

C
discussão sobre a amizade

D
justiça

E
vida pós a morte

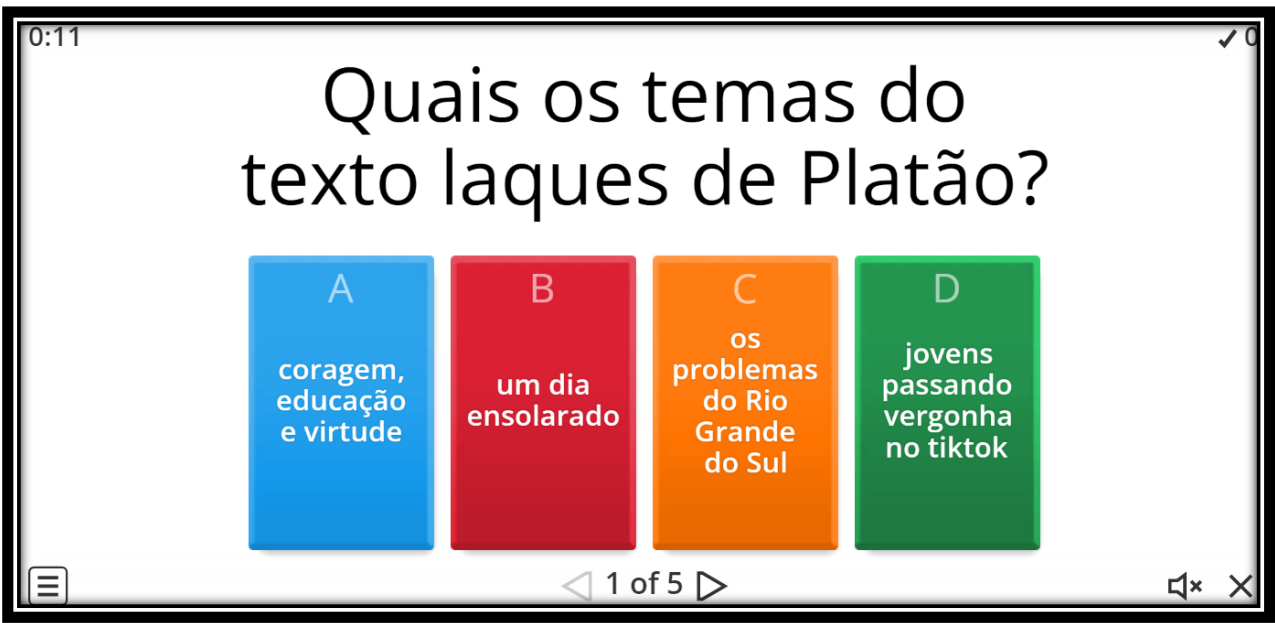
F
a falta de diálogo

Andrade Filho, L.S., 2024.

Este jogo consiste em escolher uma das caixas e responder a questão que está naquele número da caixa que apresenta várias alternativas de resposta.

Neste jogo, os alunos exploraram o texto de “Laques” buscando os assuntos e os personagens no texto filosófico.



Andrade Filho, L.S., 2024.

Esta equipe dos alunos do Ensino Médio criou um jogo que você entra com o seu nome para responder às questões sobre o Laques de Platão neste quiz na Plataforma *Wordwall*.

As tecnologias digitais no ensino de Filosofia

Na sala de aula, trabalhamos obras literárias/filosóficas digitais na educação básica a partir de nossas possibilidades baixando estes arquivos em PDF e colocando nas plataformas. A Base Nacional Comum Curricular (BNCC) fornece algumas orientações em relação a integração de obras literárias filosóficas digitais na Educação Básica através de competências gerais e habilidades específicas, enfatizando o uso crítico de tecnologias e a leitura multimodal (diferentes modos de comunicação: textos escritos, gráficos, sons, gestos).

A habilidade que as escolas passam para colocar no planejamento fala de selecionar, organizar e relacionar informações, dados e argumentos em fontes de diferentes naturezas e mídias, inclusive digitais, produzindo sínteses e análises sobre questões filosóficas... como uso de ferramentas e tecnologias apropriadas (EM13FIL303).

As plataformas digitais disponíveis para a prática de leitura em dispositivos digitais são: A *Wordwall*, a Gr8, a Acerta+Enem e Konectar.me.

No ensino da filosofia, tem algumas possibilidades para ajudar os alunos a buscar o conhecimento. Nesta pesquisa apresento duas plataformas que são importantes no ensino de vários componentes curriculares, principalmente o ensino de filosofia, que são: a Gr8 e a *Wordwall*.

A primeira plataforma, Gr8, é nova na área da educação, criada pelo empresário (a) Wesley Rodrigues da Silva, com participação em dois CNPJ perante a RFB nos seguintes Estados: GO. Dessas empresas, duas estão ativas. A empresa mais antiga é a GR8 INFORMATICA E TECNOLOGIA LTDA, aberta em 04/02/1998 e atualmente ATIVA.

Já a mais recente é a GR8 INFORMATICA E SISTEMAS LTDA, aberta em 29/05/2013 e atualmente ATIVA. O capital social das empresas soma cerca de R\$ 73.000,00. Atualmente Wesley tem um Sócio em outras empresas cadastradas no CNPJ (Gr8, Disponível em <https://transparencia.cc/dados/socios/104521/wesley-rodrigues-da-silva/>. Acesso em 08 maio 2024).

As escolas militares pagam mensalmente esta plataforma para a execução e utilização por parte dos pais, docentes e discentes. O uso da plataforma é para toda a parte educacional: planejamento, lançamento de notas, avaliações, postagens de comunicados, postagens de aulas, postagens de livros, frequência dos alunos, postagens de conteúdos etc. A plataforma tem um tutorial na internet que pode ser acessado pelo link: <https://ajuda.gr8escolar.com.br/knowledge-base/tela-inicial-portal-do-docente/>.

A segunda plataforma digital é o *Wordwall*, que os alunos podem trabalhar e jogar online. Esta plataforma permite o preparo de atividades de jogos para uso em sala de aula. Os jogos nesta plataforma podem ser no formato de questionários, jogos de palavras, game shows e recursos didáticos interativos que podem ser criados de forma simples, permitindo seu compartilhamento e aplicação online através de link e E-mail.

A plataforma pode ser acessada pelo endereço eletrônico <https://wordwall.net/pt>, mas, é possível fazer a busca na site Google através da entrada “jogos wordwall” e pode entrar na página inicial dos jogos. A Wordwall permite ao professor criar e compartilhar com sua turma diversos jogos com características da gamificação em sala de aula, permitindo a escolha de um objeto de um assunto de filosofia e a criação de perguntas, de forma criativa e interessante.

As características da plataforma são: a possibilidade de controle do tempo, objetivos e regras simples, motivação, engajamento, diversão, inclusão dos acertos e erros do aluno ao final da rodada, configurando-se em um feedback imediato, ranking dos participantes e possibilidade de recompensas, a critério do planejamento docente ao elaborar uma aula utilizando este recurso.

As plataformas contribuem para qualificar o processo de ensino e de aprendizagem através da nova linguagem da tecnologia e de inovação nos recursos didáticos. As telas atraem mais os jovens em geral do que os livros didáticos que ainda fazem parte do material escolar.

Para que essas ferramentas sejam trazidas para dentro da sala de aula, é necessário ter infraestrutura física e digital com medidas de segurança levando em conta as questões éticas e a qualificação dos profissionais do magistério para usar também as bibliotecas digitais.

As abordagens e as estratégias no uso destas ferramentas são de suma importância para a compreensão, para a interpretação, para a gamificação, para os exercícios, para o acesso aos livros didáticos e recursos digitais, tais como: recursos audiovisuais, videoaulas, podcasts, redes sociais, etc. O caráter inovador dessas plataformas está no acesso e velocidade das informações nas aulas da escola.

A eficácia dessas plataformas no que tange o interesse pela leitura e à proficiência dos estudantes nesse domínio baseia-se nos mecanismos pedagógicos, cognitivos e motivacionais específicos. O engajamento motivacional consiste na gamificação e interatividade onde os elementos lúdicos tornam a leitura em atividade prazerosa.

Esta combinação estratégica de motivação lúdica, suportes cognitivos embutidos e acesso a ecossistemas diversificados de textos é o resultado da eficácia dessas plataformas. Contudo, o impacto positivo do uso delas depende da mediação do professor para aprofundar análises críticas, curadoria de conteúdos evitando cópias, plágios. O equilíbrio entre leitura digital e leitura física também faz parte deste impacto positivo destas plataformas.

Os impactos gerados pelo uso dessas plataformas no ambiente escolar dependem da escola que você trabalha. Alguns professores estão de acordo com uso delas, outros não utilizam porque não tem conhecimento e formação sobre elas.

Geralmente, as plataformas oferecem formas de interação nas diferentes áreas do conhecimento, principalmente na área de humanas onde estudamos e ensinamos a filosofia. Os impactos entre professores, alunos gestores e membros da comunidade no uso dessas plataformas consistem na interação e aprendizagem mútua da comunidade escolar.

As demandas dos professores pelo uso desse tipo de ferramenta refletem desafios práticos, pedagógicos e estruturais. Essas exigências devem levar em conta a integração curricular efetiva dentro da BNCC. Os planos de aula devem ser com sequências didáticas. As escolas ou as secretarias de educação devem promover formação continuada trocando experiência entre os docentes.

Outra demanda para os professores no uso destas tecnologias está nas ferramentas de avaliação diagnóstica identificando as lacunas dos alunos. O apoio à inclusão também é importante porque ajuda os estudantes com deficiência (leitores de texto para dislexia,

dicionários visuais de libras e pictogramas e ajustes de contrastes e fonte para baixa visão. E por último, o equilíbrio entre humano e tecnologia que são ferramentas que amplifiquem a mediação entre os recursos que incentivem a leitura profunda. No entanto, o uso desse tipo de ferramenta necessita de uma internet com boa qualidade.

As demandas dos estudantes por esse tipo de ferramenta são suas necessidades cognitivas, socioemocionais e culturais, além de expectativas geracionais sobre tecnologia. Muitos alunos não têm a noção do uso correto dessas plataformas e utilizam outras plataformas com jogos de violência.

As pontes para o leitor do século XXI exigem plataformas que respeitem sua agência intelectual, que vinculem leitura à ação criativa e equilibrem inovação e profundidade.

O tipo de influência que essas plataformas digitais podem exercer sobre hábitos de leitura nos estudantes está na forma de debates (café filosófico), comunicação entre os jovens, o desenvolvimento de atitudes, assim também como curiosidades. Estas plataformas podem exercer uma influência complexa e multifacetada sobre os alunos levando em conta aspectos positivos e aspectos negativos.

Na questão do hábito de leitura, pode ser positivo os acessos conteúdos diversificados (e-books, artigos, blogs) que democratizam a informação, assim também como ferramentas de leitura dinâmica (audiobook, resumos visuais, etc) que se adaptam a diferentes estilos de aprendizagem.

Em contrapartida, pode ser negativo a tendência à leitura fragmentada nas redes sociais reduzindo a capacidade de concentração em textos longos. Outro aspecto negativo é superficialidade devido ao excesso de informações rápidas, por exemplo no *tweets* ou *reels*.

Portanto, as plataformas digitais são ferramentas ricas e poderosas, porém, seu impacto depende diretamente do uso consciente e da mediação dos professores e dos pais dos estudantes. Sem orientação dos responsáveis, estas ferramentas podem reforçar vícios cognitivos e comportamentais.

Mas, se o educador as utiliza como estratégias pedagógicas fazendo a curadoria de conteúdos no ensino, elas transformam-se em aliadas para formar cidadãos críticos, criativos e conectados com mundo hodierno.

As características próprias das obras literárias, filosóficas em formato digital são a acessibilidade mais rápida, as ferramentas de assistência, a revisão gramatical, os dicionários, os infográficos, os mapas mentais e a IA como suporte nas pesquisas.

A plataforma digital de leitura é um ambiente online especificamente para acessar, gerenciar e interagir com conteúdo textuais em formato digital. Esta plataforma vai além de um simples repositório de arquivos, como os PDFs ou e-books. Durante esta pesquisa utilizamos

mais as plataformas como simples repositórios, pois elas oferecem apenas o local para carregar os documentos nelas.

Os benefícios desta plataforma digital de leitura para os professores e para os estudantes são a portabilidade dos livros em um único dispositivo. Os recursos multimídia (links, vídeos embutidos em livros didáticos) constituem outros benefícios, além das estatísticas de leitura nas páginas lidas e tempo gasto.

Os desafios e os riscos no uso dessas plataformas são as possíveis distrações nas notificações e hiperlinks. Outros riscos têm a ver com a variação na qualidade digitalizada onde alguns PDFs são mal formatados. O último risco é a dificuldade em lembrar onde estava no texto versos o livro físico.

As plataformas digitais de leitura abrem um leque de oportunidades transformadoras para a educação básica através da acessibilidade. As principais oportunidades são: a democratização do acesso a acervos diversificados, a gamificação, a personalização da aprendizagem com plataformas com IA, as ferramentas de acompanhamento pedagógico, a formação de comunidades leitoras etc.

Entre os desafios lançados pelas plataformas digitais para o seu uso na prática da leitura na educação básica, destacam-se a falta de mediação docente, o equilíbrio com o livro físico e a acessibilidade técnica (falta de infraestrutura de internet).

As escolas nas quais trabalhamos atuam na introdução das plataformas digitais de leitura em seu projetos políticos-pedagógicos através das formações das redes estadual e municipal a cada mês em cada componente curricular. Geralmente, a SEDUC envia um formador para explicar sobre as plataformas que têm materiais específicos para cada área do conhecimento.

Na escola em que trabalhamos como professor, utilizamos as plataformas digitais de leitura, tais como: *Wordwall*, a *Gr8*, a *Acerta+Enem* e *Konectar.me*. Os meus alunos têm acesso a estas plataformas no laboratório de informática e nos celulares deles. Não existem normas para regular o uso dessas plataformas em sala de aula porque elas são apenas simples repositórios de PDFs.

Os conteúdos de leitura disponibilizados nessas plataformas digitais, além da Filosofia, têm textos de outros componentes curriculares na área de linguagem, de ciências da natureza, de exatas e etc. Estes conteúdos são vários temas diversificados como a Ética, a Política e outros conteúdos filosóficos. A maior parte do conteúdo com a aprovação do Novo Ensino Médio não está de acordo com a BNCC e o Referencial Curricular Amazonense, mas trata principalmente de conteúdos voltados para o mercado de trabalho, que são: cultura digital, matemática financeira etc.

As atitudes próprias do leitor digital em relação ao leitor tradicional de textos impressos diferem com características próprias. O leitor digital adota uma postura dinâmica, utilitária e multifocal. Já o leitor tradicional prioriza profundidade, continuidade e imersão.

Particularmente e partindo da minha experiência, prefiro a leitura tradicional com texto impresso porque posso rabiscar ao lado usando a caneta e o lápis.

É claro que as novas plataformas digitais apresentam estes recursos de marcadores, mas não é a mesma coisa do livro físico. Em sala de aula fizemos um trabalho híbrido, pois ambos têm vantagens porque o digital oferece agilidade, portabilidade e interconexão e o tradicional favorece a reflexão sustentada e pautada no livro físico.

Santaella (2013, p. 20) apresenta três tipos de leitores: o leitor contemplativo, o leitor movente e o leitor imersivo. Esta classificação auxilia na cognição perceptiva, principalmente com relação ao leitor imersivo que fez parte da sua pesquisa. O primeiro leitor, na visão da autora, é aquele do livro impresso que surgiu na idade pré-industrial onde o leitor, tem a imagem expositiva e fixa nos livros impressos. A origem deste leitor vem do Renascimento perdurando até o século XIX.

O segundo leitor, movente, tem origem na revolução industrial e, por isso é um leitor do mundo em movimento cheio de linguagens e sinais dentro das cidades grandes. Conforme Santaella (2013), este leitor nasce com o apogeu da televisão e com a explosão do jornal, da fotografia, do cinema.

O último tipo de leitor, imersivo, é o leitor contemporâneo imerso nas comunicações e redes de informações computadorizadas. Estes três tipos de leitores coexistem, complementam-se e se completam, de acordo com autora. Ela apresenta um quarto tipo leitor que aparece com o avanço da internet, que é o leitor chamado ubíquo, isto é, um leitor que domina a recente evolução da internet, principalmente com as redes sociais que são: Facebook, LinkedIn, Twitter, Orkut.

Essas tecnologias estão gestando novas subjetividades em contínua mutação, subjetividades autoprogramáveis, dotadas de meios para repensar de modo intermitente suas falhas e competências, seus limites e suas expectativas (Santaella, 2013, p. 23).

Deste modo, a autora explora a reflexão sobre os dispositivos móveis que são um sistema de comunicação multimodal, multimídia e portátil, um sistema de comunicação ubíqua. Este último tipo de leitor não veio substituir os demais tipos de leitores, mas complementar os processos formais do ensino e quem ganha é o ser humano com esta relação complementaridade dos quatro tipos de leitores.

As experiências que fizemos foram produtivas ao explorar os vários tipos linguagens com os alunos como leitores tradicionais e digitais. Os debates (café filosóficos, gameficação, pinturas, textos) ajudaram os alunos a compreender textos filosóficos de forma mais dinâmica em sala de aula.

As abordagens que fizemos durante o trabalho e atividades com os estudantes foram a tradicional, a comportamental, a humanista, a cognitiva, a histórico-crítica a libertadora e a libertária. Estas abordagens foram analisadas a partir de uma perspectiva crítica transformadora. A primeira abordagem, tradicional, fez necessário o método expositivo da obra “Laques” em sala de aula para poder trabalhar este texto.

Gadotti (1995) considera este modelo educacional como uma escola burocrática que reproduz desigualdades e anula a autonomia do aluno. Este modelo de abordagem serve aos interesses das classes dominantes como aparelho ideológico do Estado.

A educação e a ciência tornam-se propriedade exclusiva monopólio exclusivo... A educação, a ciência, a técnica, a inteligência e a arte são gratuitas apenas para o capitalista (Gadotti, 1995, p. 51).

Abaixo, na figura 11, apresentamos os livros de Filosofia na plataforma Gr8 que podem ser pesquisados para a realização de trabalhos.

Figura 11 - Livros de filosofia na plataforma Gr8.



CMPM III - E.E. WALDOCKE FRICKE DE LYRA
Usuário: LAZARO
Último Acesso: 22/05/24 08:58

Ano Letivo: 2024



Portal do Docente

Início

Cadastros

Planejamento

Faltas

Lançamentos

Relatórios

Ambiente Virtual

Manutenção

Sair

Supporte

PASTA: Livros de Filosofia

+ NOVO ARQUIVO

Ajuda

Voltar

Título	Anexo			
> A crítica da razão indolente, BOAVENTURA	https://drive.google.com/file/d/1uj55K_NuAR...	Exibir	Editar	
> A Filosofia Crítica de Kant, GILLES	https://drive.google.com/file/d/1zNHqc_W6SR...	Exibir	Editar	
> A Função do Dogma na Investigação Científica, THOMAS S. KUHN	https://drive.google.com/file/d/1jVDkjbCTBD...	Exibir	Editar	
> A Hermenêutica do Sujeito, FOUCAUT	https://drive.google.com/file/d/1DZ0qDJXQEI...	Exibir	Editar	
> A Ideia da Fenomenologia, EDMUND HUSSERL	https://drive.google.com/file/d/1EuFn-9wIU-...	Exibir	Editar	
> A Ingenuidade da Ciência, EDMUND HUSSERL	https://drive.google.com/file/d/10u9yFCBSob...	Exibir	Editar	

Fonte: Compilação do autor, 2024⁵⁵.

⁵⁵ Montagem a partir de imagem coletada no site Gr8, via docente.gr8.com.br.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Assim, ao analisar e refletir sobre o Sócrates educador, partimos de um clássico da filosofia propondo prática propositiva em sala de aula com os trabalhos dos alunos e o uso das plataformas como instrumentos de apoio nas atividades. Fizemos um caminho na educação da Grécia Antiga levando em conta o contexto filosófico deste tempo. Este percurso foi à luz do pensamento de Foucault levando em conta a questão ética da franqueza examinatória e prática do cuidado.

A *parresia* socrática nos ensina a refletir e pensar sobre as nossas atitudes e compromisso com a verdade nas nossas escolas e em casa. O “Laques” em sala de aula foi analisado de forma textual, temática e interpretativa à luz do pensamento de Foucault. Foi verificado a estrutura formal do texto, o vocabulário, a sintaxe, a coerência e os aspectos linguísticos.

A análise temática foi feita através da interpretação dos temas. A análise interpretativa foi realizada através do aprofundamento dos contextos culturais do “Laques” de Platão. Fizemos uma interpretação crítica analisando o discurso na busca das subjetividades e perspectivas dos interlocutores. Deste modo, utilizamos as plataformas digitais como prática propositiva para a leitura do texto de Platão.

Seguimos um planejamento dentro das leis educacionais levando em conta as capacidades dos estudantes cognitivas, criativas, estéticas de socialização e de autoconhecimento. Buscamos utilizar o método socrático *elenchos* como práxis filosóficas questionando e debatendo para se chegar à autorreflexão.

Os resultados mais relevantes da pesquisa foram os aspectos estruturais, metodológicos e temáticos deste texto de caráter aporético com foco na educação e na virtude da coragem. As implicações para a leitura deste texto são as perspectivas de leitura como uma investigação sobre a educação ética, onde a coragem é apenas um pretexto para discutir como transmitir virtudes quando não se possui definições estáveis. A partir do método socrático revisamos a hierarquia dialética dos personagens pela qual se mostra que os interlocutores representam graus de profundidade filosófica.

As implicações para a leitura do texto levando em conta o método socrático demonstram que o diálogo deve ser analisado como drama filosófico, onde as falhas dos personagens revelam limites do senso comum. A obra deve ser abordada também como exercício de pensamento e não como fonte de resposta. O valor do texto está no processo de questionamento e não de definições propostas. Devemos evitar de ler o “Laques” isoladamente. Suas aporias

preparam questões desenvolvidas em outros diálogos intermediários de Platão, como o “Protágoras” e diálogo maduro da “República”.

O estudo do “Laques” apresenta várias dificuldades estruturais, metodológicas e interpretativas e, por isso, devido a estas dificuldades o diálogo exige uma atenção crítica por parte do leitor. Por ser de natureza aporética, com a ausência de resposta pela falência das definições o diálogo termina sem oferecer uma definição satisfatória de coragem.

A limitação epistemológica da obra expõe a dificuldade de traduzir experiências concretas em conceitos universais. Os desafios linguísticos e literários são as nuances do grego antigo nas palavras *andreia*, *sophrosyne* e *episteme* que carregam sentidos intraduzíveis para línguas modernas.

Como contornar as dificuldades enfrentadas e as limitações do estudo? Em primeiro lugar, devemos abordar o texto como drama filosófico atento aos personagens e cenários do texto. Depois, o diálogo deve ser lido com outros textos de Platão. Em seguida, devemos assumir a aporia como resultado legítimo do diálogo e não como falha.

Depois, devemos contextualizar historicamente o diálogo sem reduzir o texto a seu momento. E por último, é importante valorizar a dimensão ético-existencial porque o “Laques” desafia o leitor a refletir sobre como viver corajosamente em meio à incerteza.

O texto nos convida também a pensar sobre o bom professor e sobre a questão de que a educação não tem idade para começar a estudar e aprender sempre mais sobre o novo.

Alguns caminhos de aprofundamento para pesquisas futuras do tema podem ser a exploração dos clássicos da filosofia de Platão levando em conta que a sala de aula como palco para o *show* da leitura. Podemos fazer abordagens interpretativas e hermenêuticas da obra investigando se a aporia final é realmente um fracasso ou uma estratégia proposital de Platão para desestabilizar noções convencionais de virtude.

Podemos trabalhar o “Laques” nas perspectivas interdisciplinares na filosofia da educação com uma pesquisa crítica socrática ao modelo da educação como *technê* à luz de teorias pedagógicas contemporâneas como Paulo Freire e outros.

A pesquisa agrega valor na área das Ciências Humanas através das questões-chave que orientam as pesquisas: O que a persistência da aporia revela sobre os limites da linguagem para capturar a virtude? Como a coragem intelectual de Sócrates (em confrontar a ignorância) se torna um paradigma ético implícito? Por que Platão escolheu generais (e não poetas ou políticos) para debater sobre a virtude da coragem dentro da educação dos filhos?

As respostas para estas perguntas transcendem o âmbito da filosofia antiga e oferecem contribuições críticas para a ética, educação, política e epistemologia. Assim, o estudo deste

texto significa aprender que as perguntas mais simples exigem reflexões mais profundas no exercício de desestabilização criativa de nossos estudantes.

O “Laques”, de Platão, é uma obra rica e complexa na qual se apresenta uma reflexão sobre questões éticas e epistemológicas. Os métodos da ironia e da maiêutica são importantes e marcantes ao longo do diálogo, onde Platão desafia as concepções convencionais de coragem e de sabedoria, e faz o leitor questionar e aprofundar sua compreensão desses conceitos fundamentais.

O texto aporético gira em torno da busca de um professor adequado para os filhos de Lisímaco e Melésias para a questão da coragem. “Laques” é uma fonte valiosa e constante de *insights* filosóficos para aqueles interessados na investigação da natureza da *areté* e do *logos*.

A educação socrática consiste na reflexão, no questionamento constante e no desenvolvimento do pensamento crítico dos estudantes. Esse modelo educacional baseia-se em diálogos filosóficos, nos quais o professor estimula os alunos a formularem perguntas e a investigarem as questões mais profundas da vida.

A principal característica deste modelo educacional é o uso da maiêutica, técnica na qual o professor atua como um parteiro do conhecimento, auxiliando os alunos a trazerem à luz suas próprias ideias e entendimentos. Em vez de simplesmente fornecer respostas prontas, o educador socrático orienta os educandos a descobrirem a verdade por meio da análise crítica e do questionamento.

Ora, a retórica, como arte de persuasão, encontra as respostas para os questionamentos que estavam no seio da alma. A busca da verdade brota da parturiente ideia que está no esconderijo da consciência e o agradável e prazeroso para a alma consiste no labor intelectual e moral do homem.

A abordagem filosófica pode ajudar os alunos na construção de sua identidade e na formação de um senso crítico mais apurado, preparando-os para o mundo do trabalho e para a vida em sociedade. Essas habilidades podem ser relevantes para um mercado de trabalho cada vez mais competitivo e exigente, e ainda contribuem para a evolução da construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A decisão nos estudos e no trabalho na busca de uma profissão depende da consciência de cada filho e/ou aluno ao longo do caminho dos estudos.

As reflexões filosóficas sobre as mídias e a educação socrática-platônica apresentam importantes contribuições para a construção de práticas filosóficas e pedagógicas com tecnologias digitais na escola pública promovendo a formação cidadã, o respeito ético e a consciência social.

Assim, Sócrates, como educador atemporal, constrói através do *elenchos* mais do que um método de investigação, representa um modo de vida pautado pela busca incessante pela verdade e pelo autoconhecimento. Ao questionarmos nossas próprias crenças e nos abirmos ao diálogo com diferentes perspectivas, trilhamos o caminho para um mundo mais justo, tolerante e iluminado pelo saber. A franca e corajosa expressão da verdade necessita de um exame e cuidado de si para a investigação incansável do filósofo.

Referências

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de filosofia**. Tradução: Ivone Castilho Benetti, 5ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- ALVES, Carlos Roberto Teixeira (**O que é a Coragem?**); 1ª. Edição; Rio de Janeiro; 2025. Um Alfabeto Filosófico De Platão - Laques; eBook Kindle. Disponível em: <<https://a.co/d/1jcp2bO>>. Acessado em: 29 de jul. 2025.
- BRANDÃO, Helena Hathsue Nagamine. **Representações da escrita: estereotipia e singularidade enunciativa**. Scripta, v. 13, n. 24, p. 111-128, 2009.
- BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria da Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular**: educação é a base: Ensino Médio. Brasília: Secretaria de Educação Básica, 2018. Disponível em: <http://basenacionalcomum.mec.gov.br/images/BNCC_EI_EF_110518-versaofinal_site.pdf> Acesso em: 17 jun. 2025, (p. 9, 10 e 571-578).
- COLOMBO, Angélica Antonechen. Gameificação nas aulas de Filosofia. **XVI Simpósio Brasileiro de Jogos e Entretenimento Digital (SBGames)**, p. 998, 2017.
- CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto**. tradução Luciana de Oliveira da Rocha. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.
- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** Trad. Bento Prado Jr. e Alberto Alonso Muñoz. São Paulo: Editora 34, 1992 (ed. original: 1991).
- FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito: curso dado no Collège de France (1981-1982)**. Tradução de Márcio Alves da Fonseca e Salma Tannus Muchail. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- _____, Michel. **O governo de si e dos outros: curso no Collège de France (1982-1983)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª reimp. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010.
- _____, Michel. **A coragem da verdade: o governo de si e dos outros II: curso no Collège de France (1983-1984)**. Tradução de Eduardo Brandão. 2ª reimp. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2011.
- LOPES, Daniel R.N. **Ensaio introdutório e notas. PLATÃO, Górgias**. São Paulo: Perspectiva: Fapesp, 2011.
- PLATÃO, **Laques, Eutífron**. Trad. Carlos Alberto Nunes. Belém: UFPA, 2015.
- PRADO, Germano Nogueira (Coord.) et al., **Filosofia: confluências e perspectivas**: volume único. 1. ed. São Paulo: Editora do Brasil, 2024.
- SERENO, Caio Gonçalves Bezerra; PISANI, Marília Mello; VELASCO, Patrícia Del Nero. **Filosofia e sala de aula: propostas de um diálogo possível**. Páginas de Filosofia, v. 2, n. 1, p. 139-174, 2010. Disponível em <https://www.academia.edu/8477414/FILOSOFIA_E_SALA_DE_AULA_PROPOSTAS_DE_UM_DIALOGO_POSSIVEL>. Acesso em 30 de julho de 2025.

TURKLE, Sherry. **The second self: Computers and the human spirit.** Mit Press, 2005.

VASCONCELLOS, Celso dos S. **Planejamento: projeto de ensino-aprendizagem e projeto político-pedagógico.** São Paulo: Libertad, 2002.

25/04/2024 12:07

SEMUFAM - 2017551 - Ats



Ministério da Educação
Universidade Federal do Amazonas
Coordenação do Programa de Pós-Graduação em Filosofia - Mestrado Profissional

ATA DO EXAME GERAL DE QUALIFICAÇÃO

No dia 22 de abril de 2024, às 14h30, horário de Manaus, no auditório da PROGESP, localizado no térreo do prédio da Reitoria – Setor Norte/Campus UFAM, com transmissão pelo aplicativo Google Meet utilizando o link <https://meet.google.com/yko-hpbu-zje?hs=122&authuser=0>, o mestrando LÁZARO SANTOS DE ANDRADE FILHO, matrícula 2230007, realizou o Exame Geral de Qualificação do Mestrado Profissional em Filosofia – Núcleo UFAM / Programa de Pós-Graduação em Filosofia, com a pesquisa intitulada: “SÓCRATES EDUCADOR: LEITURAS E DEBATES FILOSÓFICOS COM O USO DE TECNOLOGIAS DIGITAIS EM UMA ESCOLA NO BAIRRO TARUMÃ – MANAUS/AM (2021-2024)”. Os trabalhos foram instalados pelo Prof. Dr. Nelson Matos de Noronha (PPGFILO/UFAM), orientador e Presidente da Banca Examinadora, que foi constituída, ainda, pela Profª. Drª. Carolina Brandão Gonçalves (UEA), em forma remota, como Membro Externo, e pela Profª. Drª. Valcicleia Pereira da Costa (PPGFILO/UFAM), como Membro Interno. Após a apresentação do Mestrando, a Banca Examinadora passou à arguição e considerações sobre o conteúdo da qualificação. Encerrada a sessão, os examinadores expressaram o seguinte parecer:

Membros da Banca	Parecer	Assinatura
Prof. Dr. Nelson Matos de Noronha (PPGFILO/UFAM),	Aprovado (X) Reprovado ()	
Profª. Drª. Carolina Brandão Gonçalves (UEA)	Aprovado (X) Reprovado ()	
Profª. Drª. Valcicleia Pereira da Costa - (PPGFILO/UFAM)	Aprovado (X) Reprovado ()	

Resultado Final: Aprovado (X)
 Reprovado ()

Proclamado o resultado e encerrada a sessão, para constar, eu, Ricardo Ernesto Cadena Valdés, secretário do Mestrado Profissional em Filosofia – Núcleo UFAM / Programa de Pós-Graduação em Filosofia, lavrei a

https://sei.ufam.edu.br/sei/documento_consulta_externa.php?id_documento=25445&id_documento=2250338&id_orgao_documento=0... 1/2

25/04/2024 12:07

SEIUFAM - 2017551 - Ata

presente ata, que assino juntamente com os membros da Banca Examinadora e o mestrando.

Manaus, 22 de abril de 2024.

Ricardo Ernesto Cadena Valdés

Secretário do PROF-FILO

Lázaro Santos de Andrade Filho

Mestrando



Documento assinado eletronicamente por Nelson Matos de Noronha, Professor do Magistério Superior, em 22/04/2024, às 18:31, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Ricardo Ernesto Cadena Valdés, Secretário, em 23/04/2024, às 11:27, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Carolina Brandão Gonçalves, Pedagogo/área, em 24/04/2024, às 10:56, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Valcicleia Pereira da Costa, Professor do Magistério Superior, em 24/04/2024, às 22:57, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



Documento assinado eletronicamente por Lázaro Santos de Andrade Filho, Usuário Externo, em 25/04/2024, às 10:30, conforme horário oficial de Manaus, com fundamento no art. 6º, § 1º, do [Decreto nº 8.539, de 8 de outubro de 2015](#).



A autenticidade deste documento pode ser conferida no site https://sei.ufam.edu.br/sei/controlador_externo.php?acao=documento_conferir&id_orgao_acesso_externo=0, informando o código verificador 2017551 e o código CRC 65DA2E0B.

Av. General Rodrigo Octávio, 6200 - Bairro Coroado 1 Campus Universitário Senador Arthur Virgílio Filho,
Setor Norte - Telefone: (92) 3305-1181 / Ramal 2346
CEP 69080-900, Manaus/AM, ppgfilo@ufam.edu.br

Referência: Processo nº 23105.042413/2023-93

SEI nº 2017551